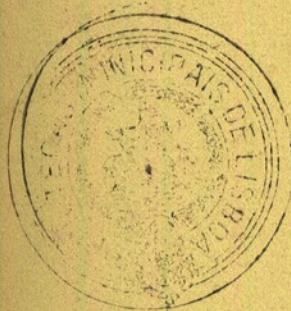
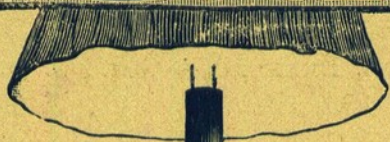


SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. —
O MILAGRE DE SANTA COMBA. — A
ARCHITECTURA DA RENASCENÇA
EM PORTUGAL. — O TESTAMENTO
DE PEDRO BRAZ. — TU NÃO SABES
FALAR? — MARIA DA GLORIA (VALSA).
— COMO É ADMINISTRADA A DIVIDA PU-
BLICA. — MODAS. — SCENA BURGUEZA. —
VARIÉDADES.

VOL. III

DE SET. A OUT. — 1902

NUM. 15

SUMMARIO

	Pag.
Villa de Sena. — ZAMBEZIA. — <i>Gravura</i>	130
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — Por ANTONIO ENNES. — A ZAMBEZIA—OS PRAZOS DA COROA. — <i>Com 4 gravuras, reproducções de photographias.</i>	131
O MILAGRE DE SANTA COMBA. — Por RAUL BRANDÃO. — <i>Com 4 illustrações, reproducções de photographias, desenhos do sr. Valle e Sousa.</i>	141
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — (Continuação) — Por ALBRECHT HAUPT. — <i>Com 16 illustrações.</i>	145
O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — ROMANCE. — <i>Com 3 illustrações.</i>	162
— Tu não sabes falar? . . . — <i>Quadro de G. A. HOLMES.</i>	172
MARIA DA GLORIA. — VALSA. — Por CARLOS PINTO COELHO	173
COMO É ADMINISTRADA A DIVIDA PUBLICA. — JUNTA DO CREDITO PUBLICO — <i>Com 12 illustrações, reproducções de photographias.</i>	177
MODAS. — <i>Com 4 gravuras.</i>	189
Scena burgueza. — <i>Quadro de COEYLUS</i>	192
VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — POBLEMAS. — XADREZ	15

45 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I e ao II volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio ; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

Os **SERÕES** tem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coligny) — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain). — **Num. 14.**

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da **CASA AMIEIRO**

Confecções
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

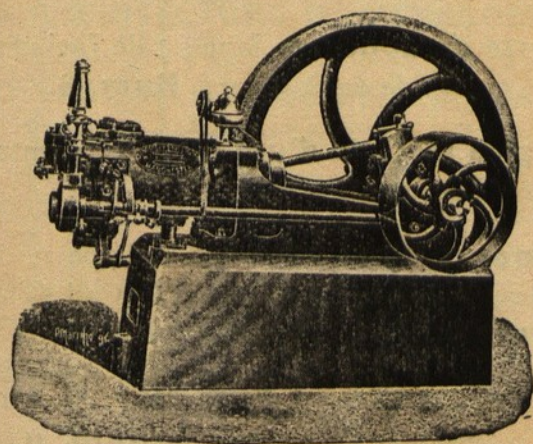
MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.^a



Materiaes para typographia e lithographia

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras illustradas e romanticas



Livraria do Telegrapho

Unica no districto da Horta

Recebe publicações á consignação.
Faz propaganda de livros offerecidos,
pois é editora do unico jornal diario do
districto com larga circulação.

Dão-se referencias



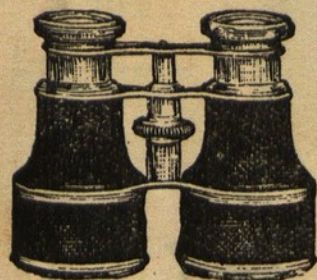
J. J. RIBEIRO & C.^A

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA

TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

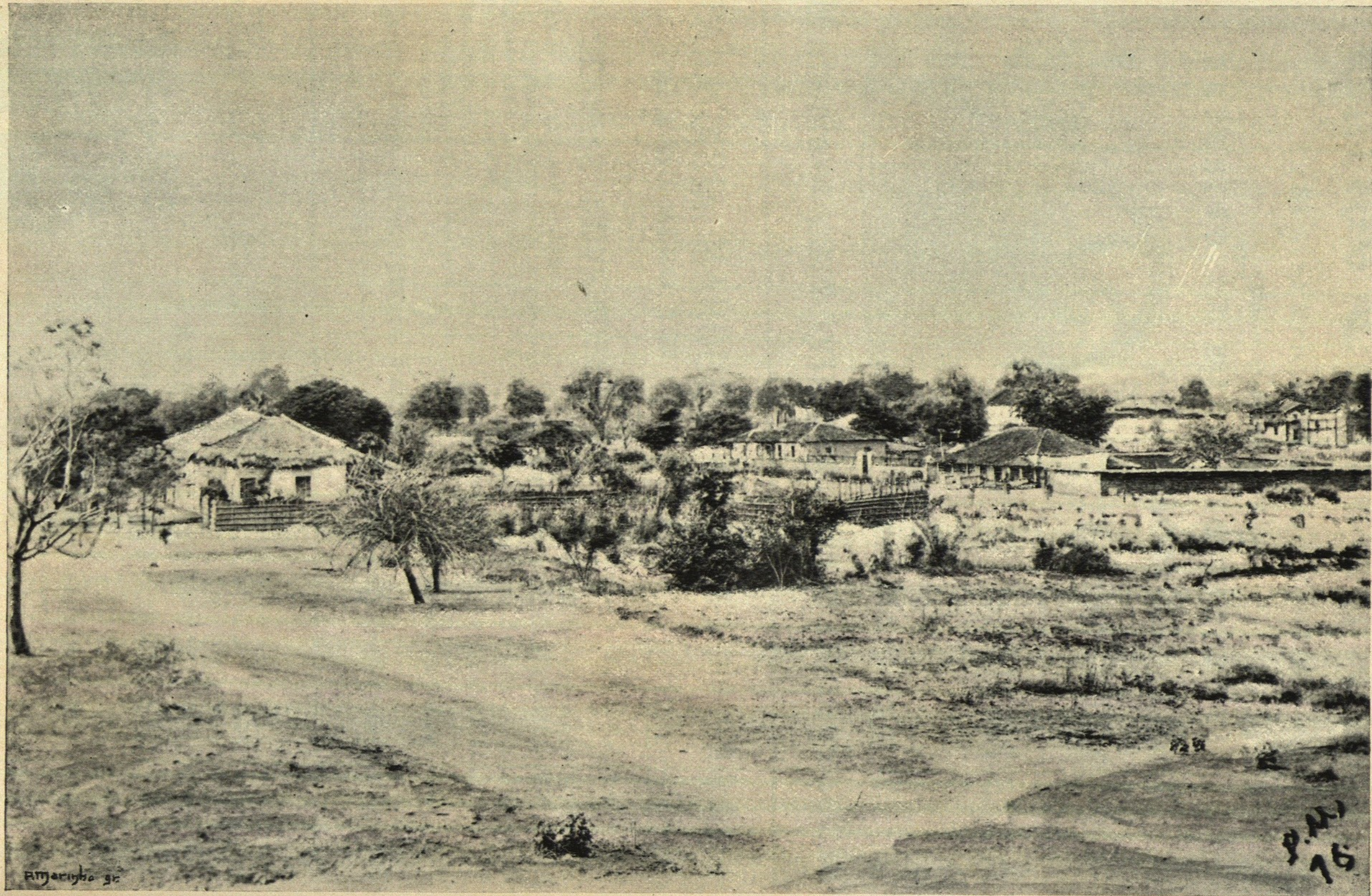
Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES



222, RUA AUREA, 226

LISBOA



Amarinho 95

P.M.
76

ZAMBEZIA — VILLA DE SENA

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

A ZAMBEZIA — OS PRAZOS DA COROIA¹

O TERRITORIO, a que usualmente se applica a denominação geographica de Zambezia, na sua parte sujeita ao dominio portuguez, comprehende approximadamente a area da antiga capitania-mór de Rios de Sena, em que posteriormente foram talhados os districtos administrativos de Quelimane, Tete e parte do de Manica. Todo elle, assim como quasi toda a região continental em que a auctoridade portugueza exercia jurisdicção effectiva, foi dividido por essa auctoridade em *prazos da corôa*, e a instituição resistiu até hoje, embora radicalmente transformada, ás sentenças de morte que lhe vibraram os legisladores.

A clausula capital e caracteristica dos encabeçamentos d'estas terras era andarem ellas sempre em mulheres, que as recebiam por doação regia, ou por herança, n'este ultimo caso com exclusão dos herdeiros varões, com a obrigação de casarem com portuguezes nascidos no reino. Concediam-se em tres vidas mediante prestação estipulada, e o primeiro concessionario, não tendo successão, podia nomear o segundo, ou este o terceiro, mantida sempre a preferencia em favor das femeas. Tambem os emphyteutas deviam *residir nos prazos e melhoral-os*, e tanto este dever, como o do casamento, impunha-os a lei sob pena de commisso.

Compreende-se o intuito d'este modo de applicação do systema emphyteutico, apparentemente extravagante, e cuido que inteiramente portuguez: era attrahir a Moçambique colonos europeus e incital-os, bem como aos seus descendentes, a fixarem-se na provincia. Hoje, quem vae para a Africa Oriental costuma deixar, na metropole, a familia, se a tem; na vigencia do primitivo regimen dos prazos da corôa, podia-se ir para lá com vistas de constituir familia e encontrar n'ella a opulencia, e mais d'um aventureiro, d'um valdevinos, d'um filho familia arruinado, iriam realmente para Rios de Sena, ou Sofala, caçar herdeiras ricas. A caçada realmente va-

lia a pena! Os prazos eram, quasi todos, verdadeiros principados, tanto pela sua vastidão territorial, como pela amplitude dos direitos que os emphyteutas exerciam n'elles, legal ou illegalmente. D'elles era a terra emquanto durava a mercê, d'elles as contribuições pagas pelos habitantes indigenas, d'elles o mando e a auctoridade de que não raramente abusavam até o ponto de escravisarem os negros e venderem-n'os como escravos. Em troco de tudo isto, o Estado apenas lhes exigia prestações annuaes tão modicas que chegavam a ser phantasmagoricas. O Macuse, por exemplo, onde só a contribuição dos in ligenas foi arrendada ultimamente por 10 contos de réis, ainda no meiado d'este seculo pagava de fôro 5.638 réis, e de dizimo 2:114 réis. Em 1856 todos os prazos do districto de Quelimane, inclusa a jurisdicção do Sena, e os dos districtos de Tete e Sofala, ao todo duzentos, comprehendendo um territorio mais extenso que o de muitos reinos da Europa, apenas produziam para a fazenda publica, em fóros, dizimos e rendas—porque alguns já então andavam arrendados,—a mesquinha quantia de 2.052.000 réis em dinheiro, além de 100 arrobas de marfim; anteriormente, entre 1825 e 1829, tinham rendido 3.286.240 réis, e a sua receita attingira em 1813 o maximo de 12.000 cruzados! E não se julgue que os emphyteutas retribuiram a mercê em qualquer moeda de serviços! Ha memoria d'um ou d'outro que, ao menos, defendeu o seu prazo de invasões e rebelliões, ou cultivou alguns palmos de terra; mas a maioria, a quasi unanimidade, viviam apenas da exploração iniqua e deshumana do negro, e nem sequer cumpriam o dever de residencia. Residiam nas villas do littoral, no reino, na India, na Madeira, nos Açores, abandonando a propriedade a gerentes ou feitores, unicamente zelosos dos proprios interesses, e constituindo assim, embora a titulo precario, uma aristocracia territorial e colonial mais improductiva, mais abusiva, mais vadia ainda

¹ O capitulo da viagem á Africa Oriental, que em seguida se publica, é um fragmento do trabalho que, sobre a região da Zambezia, o auctor, de saudosa memoria, tencionava escrever, como terceira parte do seu livro, e que a prematura morte o não deixou terminar.

do que a dos *morgados*. Nas suas mãos, a Zambezia ficou quasi tão bruta e inculta como era na hora do seu descobrimento, e muitos prazos foram invadidos por tribus cafreaes indomitas, ou fechou-os á auctoridade europea a rebeldia dos habitantes.

Os abusos já tinham, pois, condemnado o primitivo regimen dos prazos da corôa em Moçambique, quando, em 1854, a legislação se resolveu a abolil-o; todavia, os prazos sobreviveram de facto a essa abolição, como divisões territoriaes, baseadas em tradições seculares de que eram, e ficaram sendo, depositarios os seus proprios habitantes, e implantou-se n'elles um systema administrativo e fiscal especialissimo, em que se combinaram factos e costumes herdados do passado, com principios do moderno direito publico. Concedidas certas indemnisações aos emphyteutas desapossados, ficou a terra na propriedade e posse do Estado, que passou a dál-a de aforamento, a quem assim o requeresse nos termos legaes, em lotes absolutamente independentes, na sua demarcação, dos limites dos antigos prazos; mas por outra parte, o mesmo Estado como que considerou esses prazos, supprimidos perante o direito civil, como circumscripções traçadas para conveniencia da cobrança da contribuição do *mussoco* devida pelos indigenas, e cedeu a particulares o seu direito de effectuar essa cobrança em cada uma das circumscripções, mediante o pagamento d'uma quantia fixa annual, dando-lhes certas attribuições policiaes e administrativas, inherentes áquelle direito ou necessarias ao seu exercicio. Estes particulares, embora fossem commummente denominados *arrendatarios dos prazos*, não eram pois, na realidade, senão arrendatarios do *mussoco* devido pelos habitantes dos prazos. Não tinham direito algum sobre a terra; se queriam cultivar-a, deviam tomal-a de aforamento ao Estado ou, pelo menos, occupal-a nos termos geraes do direito. Tambem só possuíam a parcella de auctoridade publica necessaria para procederem ás operações da cobrança que haviam contratado. O Estado, querendo, podia alienar por qualquer titulo em favor de terceiros, a propriedade das terras onde os *arrendatarios* arrecadavam o *Mussoco*, e muitas vezes o fez; o que não podia era mandar proceder por sua conta a essa arrecadação na vigencia do contrato d'esses arrendatarios, contratos feitos quasi sempre por longos prazos.

Estes eram os principios do systema chamado do *arrendamento dos prazos*, ou de *arrendamento do mussoco dos prazos*; mas na pratica esses principios obliteraram-se inteiramente.

Sucedendo quasi sem transição ao antigo emphyteuta, o arrendatario como que se identificou com elle no seu proprio conceito, no dos indigenas e até no dos governantes. O arrendamento do *mussoco* d'um prazo, confundiu-se com o arrendamento dos terrenos d'esse prazo.

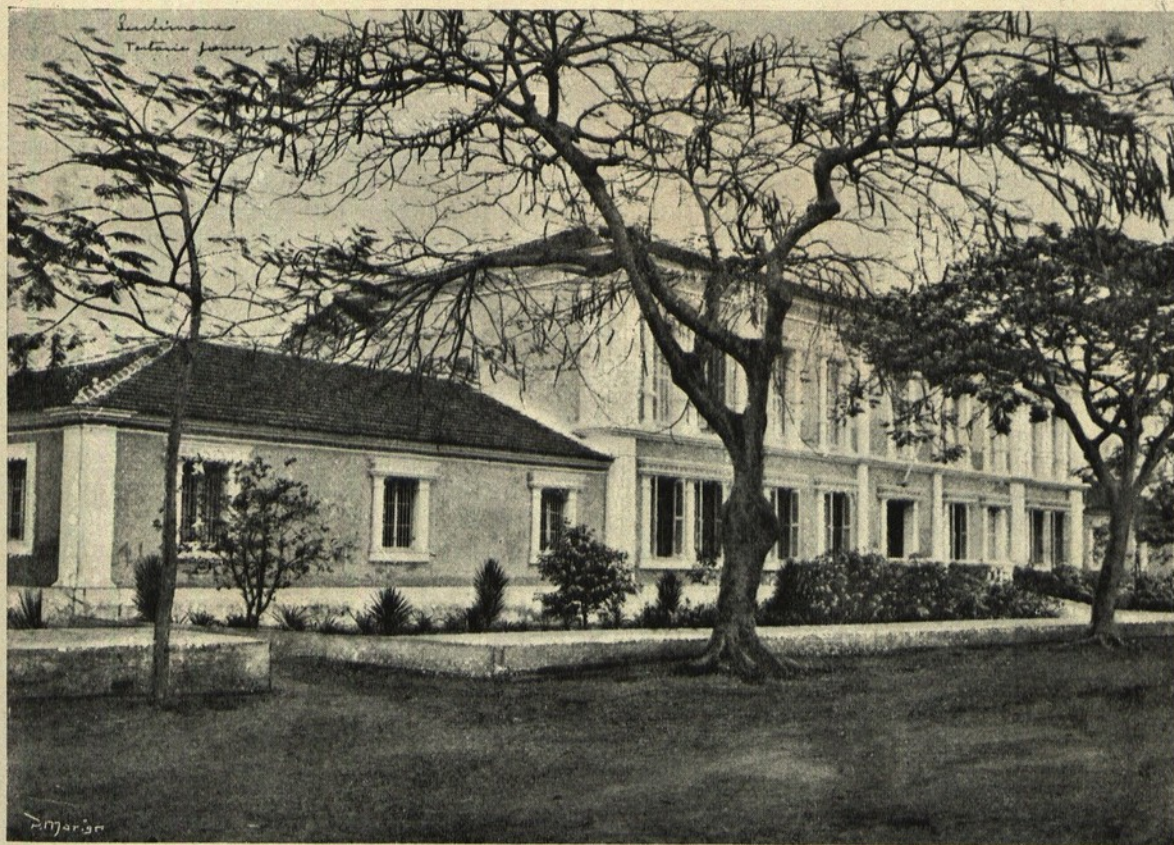
Entendeu-se que os *arrendatarios do mussoco dos prazos* eram arrendatarios dos terrenos que tinham constituido os antigos prazos, e elles em geral, procediam como se o fossem, tirando do solo gratuitamente o proveito que podiam, occupando-o com plantações e construcções. E ainda não ficaram por ahi. Aproveitando a ignorancia dos negros, que não sabendo leis e não tendo noticia da mudança da legislação, os consideraram tão seus *senhores* como eram os emphyteutas, por isso que lhes pagavam, como a estes, o *mussoco*, acostumáram-se a exercer as prerogativas legaes ou abusivas que tambem elles exerciam, e consideraram-se, além de detentores das terras dos prazos, chefes das suas populações, tão discricionarios quanto lhes permittiam sel-o a passividade dos negros e a tolerancia ou fraqueza das auctoridades legitimas.

Assim se formaram os *potentados* da Zambezia, como o desgraçado Manoel Antonio de Souza. De direito não eram, e não são — porque ainda existem muitos, — senão arrematantes de *mussoco*; de facto são, não direi senhores de escravos, mas senhores feudaes, que, as mais das vezes, definem elles proprios as suas obrigações para com o suzerano. Alguns, como os Ferrões, descendem de antigos emphyteutas, e assim têm o seu poderio como legitimado aos olhos dos negros, pelo *costume*, que, depois da força, é a verdadeira lei nos sertões.

O vinculo mais forte que prende os negros aos arrendatarios dos prazos, e que lh'os sujeita como vassallos, é o *mussoco*, esse imposto cuja cobrança o Estado arremata. E' uma verdadeira capitação, estabelecida naturalmente na Africa Oriental pelos seus estranhos dominadores musulmanos, e acceita e conservada pelos conquistadores portugueses. Pagam-n'a todos os indigenas de ambos os sexos, que não sejam inhabeis para o trabalho por invalidez, ou por pouca ou demasiada idade. A sua taxa é ha muito tempo de 810 réis; e é mal estabelecida por não concordar com o valor das moedas mais correntes no paiz, a rupia, que d'antes valia legalmente 380 réis, e agora vale 450 réis. Cobra-se annualmente depois das colheitas, e tambem em prestações semestraes n'alguns prazos do districto de Quelimane. Não está rigorosamente definido por lei quem deve pagar o *mussoco*; mas costumam pagar-o todos os

negros que habitam nos territorios sujeitos, por via tradicional, a essa imposição, seja qual fôr a sua naturalidade, e nunca os brancos ou os asiaticos, mas só os negros sobre quem o Estado não lança outras contribuições geraes directas. É pois, a côr da pelle a base do lançamento; mas o individuo de pelle escura que possuir propriedade, exercer commercio ou industria tributavel, ou pagar renda de casa, inscripta nas matrizes, deixa de ser contribuinte do *musso*. Não pôde, pois, imagi-

subsidios dos *inhacuanas* ou antes mandões indigenas, e, na época propria, indo receber a esportula de cada recenseado á sua palhota, ou convocando os de cada região a apresentarem-se na *recebedoria* installada em algum barracão de palha. Onde os serviços estão bem montados, dão-se umas senhas convençionaes como certificados de pagamento. Em algumas partes acceita-se pagamento em generos commerciaes, amendoim, copra, mapira, mexocira; n'outras, e mais commumente,



QUELIMANE — FEITORIA FRANCEZA

nar-se systema tributario mais primitivo e vicioso; mas subsiste, e deve subsistir, porque é antigo, entranhado nos costumes, reputado legitimo pelas populações. Todos os negros na Zambezia, reconhecem que devem *musso* a alguém; mas nem sempre querem admitir que esse alguém seja a auctoridade portugueza, e para elles, como para os brancos, nem sempre dever é cumprir. Nas terras onde temos verdadeiro dominio, e nomeadamente nos prazos do antigo districto de Quelimane, proximo da villa, a cobrança faz-se sem ter que vencer resistencias; só ha que vencer esquivanças, e transigir com inopias irreductiveis. Faz-se procedendo previamente a um recenseamento dos contribuintes, que se obtem percorrendo as povoações e colhendo

só se recebe moeda cunhada. Naturalmente, os resultados das cobranças dependem muito do zelo, da auctoridade pessoal, e até da giria dos cobradores, e assim variam de anno para anno dentro de largos limites. Conheci um que attrahia os contribuintes mostrando-lhes uma lanterna magica e varios bonecos de corda. Na collecção de bonecagem possuia um preto que marinhava por uma palmeira de zinco, e descia trazendo um côco á cabeça que fez sensação no Boror e trouxe muitas ovelhas á tosquia fiscal!

Nas regiões productoras e commerciaes todo o indigena *pode* pagar 800 réis por anno, e até muito mais sem sacrificio, nem esforço, quasi sem trabalhar; basta-lhes crear umas gallinhas para vender, e d'esse recurso se

aproveitam muitos. Mas tão indolente e preguiçoso é que muitas vezes não coalha as *duas rupias e dois chapões* do estilo, tão innocente ou tão apegado ao chão, que pisa, que não faz fosquinhas ao fisco mudando a casa, que pouco mais pesa do que a do caracol, e põe-se então á mercê do arrematante do *mussoco* e dos seus agentes, que lhe aproveitam a dependencia para o tornar instrumento docil dos seus fins, bons ou máus. E' este um dos segredos,—facil de adivinhar,—do poderio dos *arrendatarios dos prazos*, e o seu valor é augmentado pelos vexames, até pelas crueldades, que muitos d'elles se julgam auctorisados a exercer sobre os devedores remissos e insolventes. Tantos são elles que não o praticar, e cobrar o *mussoco* honradamente. sem duplicações, sem furtos nas medidas dos generos e nos trocos, sem sequestros de pessoas ou apprehensões de bens, tambem é um titulo de influencia sobre os povos, um saque sobre o seu reconhecimento, que elles coitados costumam honrar; mas os arrematantes de ordinario preferem o terror ao amor, como meio de dominação. e brandindo nas mãos terribes a arma do *mussoco* devido ou indevido, estabelecem verdadeiras tyrannias. Ainda agora, especialmente no districto de Tete, ha alguns que, por processos suaves ou violentos, levam atrás de si as populações inteiras dos prazos, para o bem ou para o mal; são capazes de leval-as a defendel-os contra os governantes que pretendam resgatal-as da servidão em que vivem. Esses é que são os verdadeiros dominadores do sertão, a auctoridade real, o poder de facto; elles é que têm dado á Zambezia uma historia confusa de guerras e sedições, assim como são elles que tornam possiveis todos os empreendimentos do governo que requerem força. Succedehes ás vezes—e d'isso ha exemplo recente,—esticarem tanto a corda das oppressões que estala e açoita-lhe as faces; mas o negro atura muito, e as tradições de escravidão, juntas talvez a propensões de raça, entregam-n'os a um dominador, sujeitos e ufanos da sua sujeição. No interior todo o preto é *d'alguem*. Os da Gorongoza, chamavam-se a si, com arrega-nho, *gente de Manuel Antonio*; os soldados denominam-se *gente de rei*. De si é que elles nunca são. Portanto, a dependencia do *mussoco* encontra no proprio temperamento e nas tradições dos contribuintes, terreno preparado para o estabelecimento de verdadeiros feudalismos sertanejos. Por que se não anniquilará esse feudalismo que, afinal, recebe do Estado os seus principaes meios de acção e força, e nem sempre lh'os sujeita?

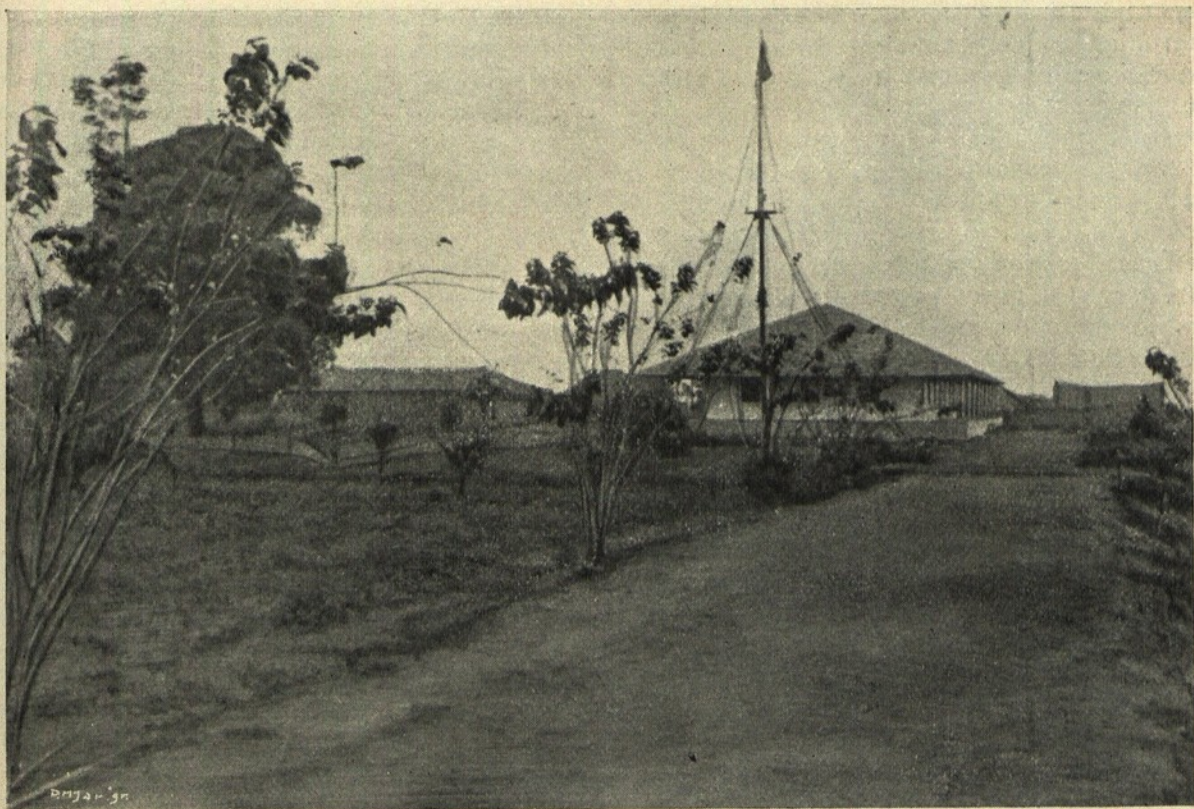
Porque não é facil, e não é incondicionalmente util.

Houve já um governador, homem energico, que fez programma politico e economico da administração directa dos prazos pelo Estado, e portanto de substituição *dos arrematantes do mussoco*, por simples funcionarios publicos; mas apesar da metropole lhe deixar a acção desempedida, só se atreveu a pôr em execução esse programma nos prazos do littoral que estavam mais de baixo de mão da auctoridade, e ahi mesmo com excepção. Com os potentados da Alta Zambezia, que eram precisamente os mais oppressores dos povos, e os mais perigosos para o governo, não boliu, antes os utilizou muitas vezes e fez bem n'isso. Porque não se sentiu com forças para os desapossar? Em parte; mas em parte tambem porque se os supprimissem, sentir-lhes-hia a falta, achando-se em frente dos povos e dos seus chefes naturaes, indigenas, sem meios d'acção sobre elles quasi sem relações com elles. Substituil-os-hia por funcionarios? Certamente; mas esses funcionarios, ainda que fossem exemplares — seria quasi impossivel encontral-os taes, — só excepcionalmente adquiririam sobre os indigenas a influencia que tinham conseguido os arrendatarios por interesse proprio no decurso de largos annos, e, para adquirirem alguma, careceriam de recursos materiaes que o Estado talvez lhes não podesse facultar, de qualidades pessoas que se não impõem como se exigem habilitações litterarias, e até de estabilidade no exercicio dos cargos, que o regimen dos serviços publicos quasi não consente; rarissimos são os funcionarios, que, nas regiões onde os negros não estão inteiramente domados, adquirem, só em virtude das suas attribuições legaes, verdadeiro poder sobre elles, e a razão é que selvagens nenhuns reconhecem a auctoridade dos principios e das leis, de que deriva a auctoridade funcional. Só se sujeitam a auctoridades pessoas, que saibam impôr-se-lhes, ainda que de todo lhes faltem titulos de legitimidade. A maioria dos governadores, dos commandantes militares, dos agentes do poder central, que vae para o interior, em regra, só imaginam obter dos indigenas as provas de sujeição que elles se acostumaram já a prestar, tendo-lhes sido creado o costume por alguma influencia *pessoal* anterior, e só a obtêm quando, e emquanto, outra influencia da mesma natureza os não contrariem. Em toda a provincia de Moçambique, os homens que exerceram, e exercem, sobre as populações verdadeiro predomínio, como José Bonifacio, Araujo Lobo, Diocleciano das Neves, Leforte, Manoel Antonio, os Ferrões, Romão de Jesus Maria, nunca deveram esse predomínio ao exercicio de funcções publicas, embora

alguns as desempenhassem; deveram-n'ò, e devem-n'ò, a si proprios, sendo auxiliados pelos meios d'acção que souberam tirar das relações commerciaes, da posse da propriedade territorial e, em certos casos, da exploração dos prazos e da cobrança do *mussoco*. Embora alguns d'esse homens tenham sido, ou ainda estejam sendo, incommodos ou perigosos á auctoridade publica, com a collaboração d'elles, é que realmente se tem dilatado e firmado o dominio portuguez na Africa Oriental.

A bôa politica não é, pois, supprimil-os, onde não houver certeza de que a influencia que

sado e que, demais, poderia voltar-se contra a mão que o empregava; mas era um instrumento util, e que teria sido mais util e mais docil e menos perigoso, se tivesse havido o cuidado de constituir ao lado do seu poderio outros, que, sendo necessario, o puzessem em cheque. A Zambezia póde ser governada e disciplinada com os seus potentados, os seus capitães-móres, os seus arrendatarios de prazos, melhor do que sem elles, é preciso, porém, saber manejal-os, como os monarchas habeis da meia-edade européa manejarão os barões feudaes, emquanto não poderam destruil-os. A situação social da Africa tem mui-



NO PRAZO LUABO-SOMBO

elles exercem reverterá para a auctoridade publica; é antes aproveitall-os para agentes d'essa auctoridade, reprimindo-lhes as exorbitancias, umas pelas outras, quando para isso não bastem a força material e a força moral do Estado. Vêja-se o que succedeu bem recentemente em Manica. Manoel Antonio de Souza não era, não podia ser, um homem de confiança, mas emquanto elle foi poderoso e viveu, governava-se Manica só com o trabalho e a despesa de o governar a elle, e agora, depois da sua morte, para sujeitar o paiz é preciso sujeitar quasi a um por um os muitos potentados indigenas, seus amigos ou seus inimigos, que n'elle ficaram dominando; Manoel Antonio seria, pois, um instrumento pe-

tas analogias com a da Europa depois das invasões germanicas, e quem a governa precisa saber a historia d'essa época confusa, que parece barbara, mas d'onde sahiu a civilisação. Uma das accusações que se fez ao systema do arrendamento do *mussoco* dos prazos, a de favorecer a criação de *potentados*, que absorvem em sí a influencia sobre os indigenas que *se suppõe* que o Estado poderia adquirir, não é, pois, inteiramente fundada; além d'isso, esse systema é legitimado por vantagens economicas. Nos prazos sujeitos, como quasi todos os do antigo districto de Quelimane, onde os povos estão acostumados a pagar o *mussoco*, a cobrança d'essa capitação por agentes do Estado é certamente mais ren-

dosa para elle do que a sua arrematação, por isso que a quota do producto, que o arrematante mette em si, excede muito os vencimentos e as percentagens dos simples cobradores fiscaes; dil-o a razão, confirma-o a experiencia. Já não deve ser assim nos prazos sertanejos, cujos habitantes se sujeitam a *homens* a quem se afizeram a obedecer, e não a leis por serem leis; ninguém supporá que seja possível a um qualquer funcionario que se apresente a arrecadar tributos nas terras de Manica, tirar d'elles receitas eguaes ás que devia tirar Manoel Antonio. Mas ainda n'aquelles prazos mais fiscalisaveis, o Estado, cobrando o *mussoco* pelo meio dos seus agentes, se junta mais dinheiro, tambem o torna improductivo, desaproveita a faculdade que o *mussoco* tambem dá, produzir trabalho, e pelo trabalho crear novas fontes de rendimentos publicos.

Se o *mussoco* pode ser, e é, um meio de adquirir poder sobre o negro, é tambem um meio de obrigar o negro a trabalhar, e o mais efficaz que ainda se conhece, visto não haver leis e auctoridades fortes que lhes imponham o trabalho como um dever moral e social. Ora, um particular pode utilizar esse meio, o Estado não. O arrendatario pode transformar o imposto pecuniario em contribuição de trabalho, e com elle agricultural o prazo ou a propriedade que dentro d'elle constitua; o Estado não, a não ser que se faça tambem lavrador, sujeitando-se a pagar elle as despesas da lavoura, para os seus agentes, que a dirigirem, lhe recolherem os proventos. Essa conversão de impostos estabeleceu-se, em toda a Zambesia, consuetudinariamente, e foi ella que deu algum impulso á agricultura. Pode dizer-se que nos districtos de Quelimane e de Tete não ha um coqueiro, não ha um arrozal — fóra das areas cultivadas espontaneamente pelos indigenas de conta propria, — que não fosse plantado ou semeado pelo contribuinte do *mussoco*, pagando esse imposto a trabalho braçal. Quem queria iniciar culturas começava por arrendar o *mussoco* d'um prazo para tirar d'elle trabalhadores. Ainda muito recentemente se quiz arrendar o *mussoco* do prazo Timbue, exclusivamente para por esse meio arranjar, não já agricultores, mas carregadores para o porto do Chinde. Quando em alguns prazos o systema do arrendamento foi substituido pelo da cobrança directa pelo Estado, os antigos arrendatarios que n'elles tinham *fazendas*, acharam-se sem braços, e muitas foram abandonadas. E' tão necessario, por que assim o diga, receber uma parte do *mussoco* em trabalho que, n'esses mesmos prazos, os administradores, os cobradores officiaes, mais zelosos, emprehendem culturas; somen-

te, alguns d'elles chamaram seus aos productos d'essas culturas e até os terrenos cobertos por ellas. As proprias auctoridades se servem do *mussoco*, para angariarem braços para obras publicas, carregadores e até cipaes, recebendo serviços em troca d'elle. Em resumo, o *mussoco* põe á disposição, de quem tem o direito de cobral-o, uma quantidade de trabalho, que só pode ser bem aproveitado por capitaes e iniciativa particulares, com a circumstancia especial de não ser esse trabalho, senão em pequenissima escala, transmissivel, alienavel, por parte de quem deve recebê-lo, como remissão do imposto pecuniario, porque taes alienações, e transmissões estabeleceriam de facto um regimen de servidões pessoaes.

Accresce a isto, que em toda a Zambesia, não só a exploração agricola, senão tambem a constituição da propriedade rustica, ligam-se inteiramente ao systema de arrematação do *mussoco* dos prazos. Só os arrendatarios aforam terrenos, como só elles emprehendem culturas, porque só elles julgam poder dispôr de braços. Pergunte-se ás estações officiaes de Quelimane e Tete quantos individuos, em todo este seculo, têm requerido aforamentos de terras — a não ser para construcção — ou têm adquirido terras, a não ser esses arrendatarios! Alguns que as requereram e obtiveram, abandonaram-n'as. No periodo em que a maioria dos prazos de Quelimane estiveram sob a administração do Estado, paralyçou-se de todo o movimento de constituição e exploração de propriedade rural; começou, porém, logo que esses prazos voltaram ao regimen do arrendamento.

Mas este regimen não pode deixar de ser cercado de precauções destinadas a utilizarem de facto, o direito de cobrar o *mussoco* em beneficio do desenvolvimento cultural. Antigamente, se alguns arrendatarios, como o de Mahindo, aproveitavam os braços dos contribuintes cuja bolsa era insolvente, nem todos seguiam esta pratica salutar. Como as rendas que pagavam ao Estado, eram insignificantes em comparação do rendimento do imposto, arrecadavam só a parte d'elle cobravel em dinheiro ou em generos, desprezando as parcelas que só poderiam aproveitar accetando a sua remissão a trabalho, e isso lhes bastava para enriquecerem ou para levarem vida folgada. Prazos houve onde nem os emphyteutas, nem depois d'elles os arrendatarios, nunca plantaram sequer um pé de mandioca; e estes exploradores, atidos só ao *mussoco*, eram naturalmente os que para lhe fazer avolumar as receitas empregavam extorsões mais violentas, opprimindo os negros por processos extractivos que repugnariam aos proprios senhores de escravos, que ao menos eram inte-

ressados na conservação da sua propriedade. Como evitar estes odiosos abusos, tão frequentes, que tinham aparentemente justificado a suppressão do regimen do arrendamento? Vigilancia das auctoridades, nenhuma bastaria ao intento por mais zelosa. Só o interesse proprio, e se podesse ser, a necessidade, moveria os arrendatarios a não serem iniquos para os contribuintes, a acceitarem-lhes de bôa mente o pagamento em trabalho, e aproveitarem-lhes os braços; restava encontrar a formula que lhes tornasse o cumprimento d'estes deveres, proveitoso, e, sendo possivel, sujeito á sancção penal da propria remissão.

praça publica, o arrendatario só cõbraria metade da sua taxa de 800 reis por cabeça em dinheiro, devendo obrigatoriamente cobrar outra metade em trabalho, na razão de 400 réis por semana; ao mesmo tempo pagaria ao Estado uma renda, fixada pela licitação em praça publica, mas cujo *minimo* seria a somma total de todas as quotas cobráveis a dinheiro., D'este modo, absorvendo-lhe a renda, pelo menos, toda a contribuição pecuniaria que lhe pagassem os indigenas, a sua margem unica de lucros seriam as quotas em trabalho, e esses lucros annullar-se-hiam desde que o trabalho não fosse aproveitado. Para o apro-



QUELIMANE — CASA DE BALTHAZAR FARINHA

Essa formula, encontrou-a a commissão que em 1888 foi encarregada pelo governo da metropole de *estudar as reformas a introduzir no systema dos prazos de Moçambique.*

Comquanto reconhecesse que a cobrança immediata do *musso* pelo Estado era directamente mais rendosa para elle, a commissão aconselhou o restabelecimento do systema do arrendamento por interesse da agricultura, e, portanto, do desenvolvimento economico da provincia; mas, por isso mesmo, empenhou-se em collocar os arrendatarios na collisão de cultivarem a terra ou arruinaem-se. N'este empenho formulou um projecto de legislação, segundo o qual, nos prazos onde a cobrança do *musso* fosse arrendada em

veitar, o arrendatario obrigar-se-hia a cultivar em periodos determinados certas parcelas dos terrenos do prazo, proporcionaes ao numero de quotas de trabalho de que podesse dispôr, as quaes tomaria de aforamento; se aquella obrigação não fosse cumprida, caducaria este contrato. Dar-se-lhe-hiam as faculdades necessarias para, sob as vistas da auctoridade publica superior, e como seu agente responsavel, compellir os contribuintes ao pagamento das prestações pecuniarias e de serviços, e conceder-se-lhe-hia o direito de commercio dentro do prazo, direito não exclusivo, mas desafogado da concorrência da venda ambulante, que ficaria prohibida.

Este projecto foi, com ligeiras alterações,

convertido em decreto (novembro de 1890) e a sua regulamentação reforçou-lhe os preceitos destinados a fomentar a agricultura especialmente, dispondo que cada arrendatario seria obrigado, pelo seu contrato especial, a plantar em prazos fixados, um certo numero de pés de cafezeiro e de outras plantas ricas. O decreto, porém, como o projecto da commissão que lhe serviu de base, não applicou o systema do arrendamento em praça publica, com as condições de cobrança em trabalho agricola, senão aos prazos inteiramente sujeitos e habitualmente pacificos, onde ha condições de segurança para os empreendimentos culturaes; nos outros, nos do interior, conservou, emquanto fosse julgado conveniente, o regimen dos arrendamentos concedidos pelo governo, como mercê, a individuos que fossem julgados idoneos para n'elles manterem a ordem, e com os seus indigenas, organizados como cipacs, servirem o Estado. Assim se procurou attender simultaneamente ás necessidades politicas e militares, e ás conveniencias economicas.

Na região da Zambezia, onde a auctoridade tem, ou pode ter, acção directa e effectiva sobre as populações, e n'esse caso estava quasi todo o districto de Quelimane, mandou-se estabelecer o arrendamento em hasta publica para utilização do solo por meio de agricultura; na zona interior, mais selvatica, onde as frequentes guerras e rebeldias tornam precarios os empreendimentos culturaes, o Estado entendeu ficar com a liberdade de escolher os arrendatarios dos prazos, para com os arrendamentos procurar serviços ou assegurar lealdades dependentes, mantendo assim, mas tambem organizando-o e disciplinando-o, o como *feudalismo* que n'essa zona era um facto natural e tradicional.

Estas reformas foram começadas a executar em meiado de 1892, e no districto de Quelimane, e só n'elle. Estavam sob a administração directa do Estado todos os prazos d'esse districto, menos o Luabo e o Melambe, o Mahindo e Olinda, o Maganja d'aquem Chire e o Marral ou Mirrambone; o Massingire e o Maganja d'além Chire, haviam sido no continente arrendados pelo governo da metropole, por contrato especial, a um allemão, o sr. Wiese, que prestará assignalados serviços na exploração dos territorios da margem septentrional do Zambeze, onde impera o M'pzeza. Dos prazos vagos, o Guengue, o Mugôvo e o Goma, situados além do Chire, não foram considerados em condições de se lhes applicar o systema dos arrendamentos para exploração agricola, por serem povoados por gentes bravias; o Anguaze e o Andone, vizinhos de Quelimane, muito po-

voados, muito cultivados pelos povoadores, e cujo *mussoco* rendia, sem difficuldades de cobrança, cêrca de 20 contos de réis, ficaram na administração da fazenda; os demais foram postos em praça publica, para serem arrendados por quem se quizesse sujeitar a pagar por cada um d'elles uma renda annual não inferior a metade do rendimento do *mussoco*, devido pelos seus habitantes, calculado pelos recenseamentos feitos pelos agentes do Estado, obrigando-se tambem a só receber em dinheiro metade d'esse *mussoco*, e applicar o trabalho prestado como remissão da outra metade na cultura de dadas parcelas de terra, para esse fim tomadas de arrendamento, conforme as disposições novas do decreto de 1890.

Esses prazos eram o Quelimane do Sal reunido ao Pepino, o Tangalane junto ao Cheringone, o Carungo, o Inhassunge, o S. Paulo ou Madal, o Macuse, o Licungo, o Nameduro, o Tirre, e o Boror.

O resultado da praça foi inesperado. A licitação versava sobre o *quantum* de renda annual, e a sua base era a *totalidade* da quantia que, segundo os recenseamentos, os arrendatarios poderiam receber *em dinheiro* dos contribuintes, se não se tentassem com o mero lucro constituido pelas quotas do trabalho, visto como o producto d'esse trabalho não poderia ser remunerador nos primeiros 25 annos de arrendamento, e não é da nossa indole correremos atrás da esperança de ganhos longinquamente futuros. Pois não succedeu assim: os lanços offercidos em competição tanto subiram que, no conjuncto, os prazos foram arrematados por mais do que a calculada receita total do *mussoco*, paga tanto em moeda como em trabalho!

Teria sido mal calculada essa receita? Confiariam os arrematantes em que o zelo do seu interesse proprio a faria avultar? Os mais d'elles confiaram simplesmente em que as suas manhas, e as relaxações da administração publica, lhes permittiriam melhorarem os contratos praticamente, furtando-se ao cumprimento das suas clausulas onerosas, e nomeadamente ao preceito de só receberem em dinheiro metade do *mussoco*.

E parece que se não enganaram!



A PESAR de terem estado sempre sujeitos a regimens viciosos ou viciados, os prazos, na sua generalidade, e nomeadamente os do districto de Quelimane, receberam nos ultimos trinta annos valiosas beneficiações, menos devidas talvez a influxos da legislação do que a estímulos de interesse particular. Essas beneficiações apreciam-se

principalmente por comparação. Ainda em 1856, a maioria dos prazos estavam quasi desertos, ou a sua população não era contada pela administração, e pelo fisco, por não ter relações com a auctoridade publica. Os do districto de Tete tinham sido na maior parte invadidos pelos cafres e a invasão cobrira tambem uma vasta região do districto de Sofala, e penetrára no Licungo, no Inhassunge e no Tirre, pertencentes ao districto de Quelimane.

N'esta ultima circumscripção, inclusa a jurisdicção de Sena, nas proprias terras de que as hordas bellicosas do sul se não haviam apropriado, e até nas mais protegidas por fortalezas ou nucleos de colonisação, os habitantes humanos deviam ser mais raros do que as feras, sendo o despovoamento devido, não só ao pavor que infundiam as assolações d'aquellas hordas, senão tambem á escravatura, ás oppressões dos emphyteutas e ao atrazo economico. Segundo a relação de Bordallo, no Macuse, que tem mais de 500 milhas quadradas de superficie, apenas existiam 240 colonos indigenas e 180 escravos; hoje o *musso* d'esse prazo está arrendado por 8 contos de réis, o que faz suppôr que o povoam mais de 12.500 contribuintes. Na mesma data, as estatisticas davam ao Boror, cuja população não é actualmente inferior a 10.000 almas, apenas 150 colonos e 20 escravos. O Andone e o Angoaze, vizinhos de Quelimane, estão sendo agora um viveiro de gentes, que pagam ao Estado cerca de 20 contos de réis em quotas de 800 reis; pois no meiado do seculo teriam 250 colonos e 500 escravos. E o que produziam, esses e todos os outros prazos? Quasi exclusivamente generos de alimentação cafreal: algum arroz e milho, muita mexueira, feijão, mapira, pouco amendoim e gergelim.

Bordallo que menciona as producções de cada prazo d'alguns districtos nunca incluye no rol d'essas producções o côco ou a copra, que todavia é hoje um dos mais vigorosos ramos da exportação de Quelimane. Alguns palmares haveria, certamente, pois que já os conhecia Fr. João dos Santos, mas tão mingoados ou desaproveitados que nem mereciam ser citados na descripção economica da provincia; os que hoje exornam e opulentam o littoral da Zambezia são modernissimos.

Deshabitados, incultos, ameaçados por devastações, os prazos deixaram até de encontrar quem os explorasse quando tambem deixaram de ser parques de caça grossa, por se haver internado o elephante e ter sido abolido o trafico de escravos. Muitos foram abandonados pelos emphyteutas ou sahiram do regimen emphyteutico, por falta de pretendentes,

e ficaram na posse do fisco por tambem não haver quem os tomasse de renda. Em 1856, dos 72 prazos do districto de Tete, só tres tinham foreiros e só quinze haviam achado arrendatarios; na propria jurisdicção de Sena estavam sete prazos devolutos. Evidentemente a transição d'este deploravel estado de coisas para um regimen de regular exploração do solo não era facil, nem podia ser rapida. Pode dizer-se que, na Zambezia, as culturas não exclusivamente destinadas á alimentação dos indigenas, as culturas industriaes, foram iniciadas ha menos d'um quarto de seculo; e não tendo sido favorecidas por capitaes abundantes, nem por leis sabias, nem por iniciativas intelligentes, não admira que ainda hoje sejam acanhadas e atrasadas. Mais admira que algumas se emprehendessem faltando-lhes todas as condições de prosperidade. Foram tentadas todas, ou quasi todas, por homens sem dinheiro, sem instrucção, sem recursos de especie alguma, que tiraram de si e da riqueza natural do paiz tudo quanto conseguiram. Soldados das expedições do reino, indios miseraveis, operarios, indigenas beneficiados por alguma instrucção, têm sido até agora, e ainda estão sendo, afóra as auctoridades, os principaes, quasi os unicos, agentes do desenvolvimento economico das regiões zambezianas; alguns principiaram a vida com o méro auxilio d'uma espingarda com que matavam elephantes, uma enxada com que lavravam milho, ou um fardo d'algodão fiado para comprarem amendoim.

A obra de taes obreiros, por muito viciosa e rasteira que seja, é, pois, um milagre de energia humana e de productividade do solo, ajudado — é força reconhecê-lo — pelo systema do arrendamento do *musso* dos prazos. Foram esses arrendamentos que forneceram os capitaes com que em Moçambique se têm iniciado as explorações agricolas.

A mais prospera d'estas explorações, ainda hoje, é a do prazo Mahindo, prolongado do norte para o sul, entre o Muto e o Inhaombe, servido pelo rio que lhe deu o nome, vizinho de Quelimane e do Zambeze, populoso, fertil e enorme. O *musso* dos seus habitantes foi arrendado ha muitos annos, por uma quantia progressiva, que apesar do seu progresso ainda hoje não alcançou 2:500\$000 réis, a João Antonio Correia Pereira, homem activo, sobrio, habil, que associava á tempera d'um sertanejo prendas d'um civilisado, e sabia por igual disciplinar negros e captar brancos. Ha dois annos que o salteou a morte a meio caminho andado da fortuna. Deu os primeiros passos n'esse caminho, atido aos saldos da cobrança do *musso*, applicando-os a desbravar e cultivar a terra, ainda antes de ter

sobre ella outro direito que não fosse o d'uma occupação tolerada; depois, aforou as vastas superficies que pouco a pouco cobrira de plantações, officinas, casas de habitações, e creou no prazo, uma vasta *fazenda* que anda apregoada em Moçambique, e em Portugal, como modelo dos estabelecimentos agricolas d'aquella provincia. No Mahindo — pelo menos no tempo do seu creador — havia que aprender, não só como a terra d'Africa remunerava cultura diligente, senão tambem como é possível organizar e regularizar o trabalho rural dos negros. Entretanto, não se encontram lá exemplificados os empreendimentos vastos, que o saber e o capital associados podem realizar n'um solo fecundo. Os processos culturaes são rudimentares em si e nos seus instrumentos, e foram applicados a producções que não parecem ter sido escolhidas pela mais profunda comprehensão dos recursos economicos do paiz.

A grande riqueza do Mahindo são os palmares, e essa riqueza é uma pobreza relativa. Da canna saccharina faz-se lá aguardente para absorpção dos negros, mas não assucar para consumo dos brancos. Não ha, ou só ha em reduzida escala, plantações de café, de borracha, de baunilha, de nenhum dos artigos de exportação que tem opulentado colonias europêas. Por falta de dinheiro, por timidez, ou por cobiça a lucros immediatos, João Correia não se desapegou da rotina agricola da provincia, que sacrifica o futuro ao presente, e habilitou-se mais para explorar o mesquinho mercado local do que para concorrer aos grandes mercados do mundo. Foi o maior, o mais intelligente, o mais adeantado *agricultor cafreal*, mas não representou legitimamente o genio da Europa applicado á cultura da terra africana. Fez uma propriedade rendosa, mas não fez, nem de certo pensou em fazer, uma escola pratica de agricultura colonial.

Em Moçambique, a agricultura tem passado e ha de passar, no seu desenvolvimento gradual, por tres *periodos* ou *estados*.

O primeiro, a contar do passado para o futuro, e do atrazo para o progresso, é constituido pela simples colheita de productos espontaneos, e pelas pequenas e differentes culturas feitas exclusivamente pelos indigenas, de generos destinados á propria subsistencia ou á permutação por artigos do seu uso; este periodo pode considerar-se symbolisado pelo amendoim e gergelim em algumas regiões, e pela borracha em outras. O segundo estado ou periodo pertence ás plantações comprehendidas por europeus ou por indigenas, das especies que a terra produz exuberantemente, sem ou com pouco trabalho humano, e cujos productos, quasi todos pobres, têm consumo na provincia e no estrangeiro: é representado pelo coqueiro. O terceiro e ultimo, ainda agora mal iniciado, deve ser aquelle em que o europeu, auxiliado pelo braço indigena, fórça a terra, por meio d'uma cultura scientifica, servida por machinas, estabelecida por capitaes abundantes, a produzir, não já o que ella offerece, nem mesmo o que dá mais facil e promptamente, mas o que mais preço e estimação alcança no consumo do mundo civilisado: será o periodo do café, e o da canna saccharina aproveitada para a fabricação do assucar. O Mahindo é um bom exemplo, e especialmente um exemplo lucrativo, da agricultura africana do segundo d'estes estados; o terceiro ainda está representado unicamente, em toda a provincia, pelas explorações da *Companhia do Assucar de Moçambique*, comprehendidas no prazo Maganja d'aquem Chire: nos demais prazos da Zambezia, os mais vastos territorios estão ainda desaproveitados, ou só utilizados pelos cultores do periodo do amendoim, podendo apontar-se a dedo os que já chegaram á idade do *coqueiro*. Depois dos do Mahindo, os palmares mais afamados pela sua extensão, são os do prazo Inhassunge, os dos arredores de Quelimane (prazo Angoaze). Tambem se vão desenvolvendo as plantações de coqueiros n'esse Luabo, de que já fiz descripção especial.





COIMBRA — CAPELLA DE SANTA COMBA

O milagre de Santa Comba

ERA SANTA COMBA filha de mãe portuguesa e d'um capitão tudesco, que, em tempos remotos, veio sitiar Coimbra. Conta a lenda que os rudes soldados, vestidos de ferro, ficaram suspensos diante da graça e da innocencia da prisioneira, como alguém que se desvia do seu trilho para não calcar uma haste fragil. O tudesco quil-a para mulher e, no fim de tempos, diz com ingenuidade a chronica, «sentiu-se prenhã essa senhora com grande alegria do marido», já esquecido da sua terra.

Cresceu linda e fina como a haste d'um lyrio. Os cabellos cobriam-na e Christo na sua alma era como uma arvore viva e enorme que por todo um chão cria e alastra rai- zes. Vinham gentios vê-la e os cavalleiros que como as fêras viviam de saque, de gritos e da rapina, os homens bravos e ferreos, estremeciam tocados, como quando succede o mila-

gre d'um lyrio domar uma féra. Já por ventura viram um pé de balsamina medrar na raiz de pedregulhos? Tudo em torno era secco e vulcanico — mas logo a aspera paizagem se transforma commovida. Tonta sorri: o sol tem outro brilho mais lindo, uma ave innocente vem e canta, e parece que as proprias rochas, contemporaneas da criação do globo, perdem a tristeza e criam coração. Assim Santa Comba entre os guerreiros do seu tempo.

Criara-a uma ama, por sua mãe não ter leite, e eu cuido estar vendo a rustica mulher do povo, alma d'esta boa terra portugueza, toda affeição e humildade, dar-lhe, com a magica bebida de seus peitos, a piedade, torrente inesgotavel n'esta nossa gente pobre. Diz Frei Thomé de Jesus que a agua limpida até n'um caco brilha: pode a alma ser de fogo e o envulcro bem grosseiro.

Devemos a photographia que encima este artigo, bem como os desenhos, fidelissima illustração documentar que o acompanha, á amabilidade do nosso dedicado collaborador, o sr. Valle e Sousa, distincto amator de arte. e erudito investigador de archeologia patria.

Contava historias, como todas as amas, á sua menina, a quem creara affeição de mãe, e entre ellas o do Menino nascido n'um curral, a de Herodes, a do Calvario—a lenda in-

Santa Comba crescia como uma flôr innocente, branca e coberta do oiro dos seus cabellos, de olhos verdes e sobretudo um ar ethereo, tão fragil que fazia scismar n'um grande



MARTYRIO DE SANTA COMBA — *Esculptura existente na Fonte da Santa em Coimbra, (desenho do sr. Valle e Sousa)*

genua e formidavel, que os pobres architectaram sobre o Drama e que tem bastado para estancar desesperos durante seculos e seculos. Santa Comba vivia embebida... Grande quadro este: o d'uma creatura rustica e simples formando a alma d'uma creança!... Quasi a estou vendo murmurar:

— Minha menina!, minha menina!...

São de todos os tempos estas palavras. Dizem-nas ainda hoje as amas ás creanças, chegando-as a seus peitos. Quasi não sabem pronunciar outras e repetem-nas em tons diversos, para exprimirem sempre o mesmo admiravel sentimento — o Amor. Em algumas syllabas, em sons apenas, vae uma immensa levada de ternura — por um filho estranho. Digam-me os sabios, que tudo no universo explicam, em que profundidades reconditas da natureza e porque formulas e reacções chemicas, se gera esta inextinguivel emoção?

lyrio animado e estranho, alvo e empoadado d'oiro, para o qual o luar tivesse cedido a pallidez e o sol os raios fulvos. Esguia e linda, e prestes a esvaír-se como os sonhos... Diante d'ella os guerreiros fallavam baixinho com medo que se sumisse. Assim franzina e gracil domava-os. Seu pae um dia chamou-a:

— Deixa essa religião que te ensinaram. E' o deus dos pobres e dos escravos...

Ella só respondeu:

— E' Christo.

Elle sombrio teimou:

— Deixa essa religião que te ensinaram. A vida é bella!

— Maior é a dôr.

O pae não insistiu, mas um dia veio — diz a chronica — de muito longe um principe para a esposar. Deu-lh'a o velho, ao tempo em que a Santa fugira através dos montes. Então já a velhinha, que com a alva bebida da existencia lhe déra a alma, repousava no fundo da terra, n'um sitio perdido, onde dormiam o somno eterno os escravos e os parias. Ninguem lhe suspeita o nome. Para sempre ignorado seu corpo viajará nas raizes e nos troncos, nas nevoas do céu, n'esta gotta d'agua talvez que se põe a re-

fulgir alli defronte n'uma folhinha de espinheiro.

Santa Comba fugiu. Pelos caminhos asperos deixava pedaços do vestido e, por entre a natureza bruta e a noite, ella caminhava, etherea como as nuvens, coberta com o regio mantos dos seus cabellos.

— Tua filha? — perguntou o principe ao velho.

— E' tua escrava, dou-t'a. Procura-a.

A Santa vivia a existencia dos pastores, n'uma gruta. As mulheres rudes ensinavam-lhe a conhecer a Ursa, o Leão refulgente, o Sagitario que no verão enche todo o sul, mas ella só via o Christo por entre o burbulhar das estrellas, na profunda e calma immensidade da noite... Levavam-lhe flôres, ao primeiro halito da manhã, sorriam; mas para ella no vasto universo só a Cruz existia. E talvez ouvisse uma voz humilde e meiga, chamando:

— Minha menina!

Um fiosinho d'agua começou a correr na gruta, enchendo-a de suave frescura. O coração da natureza, menos duro que o dos homens commovera-se, ou talvez a montanha se deitasse a chorar lagrimas em fio pelas penas e trabalhos que a virgem ia passar. Não é raro a natureza misturar-se á tragedia humana. Para obrar prodigios basta possuir uma scintilla da grande torrente que atravessa as simples creaturas, os globos do céu, as pedras e as madresilvas das sebes. Eu de mim para mim tenho que a emoção é a propria Vida. A primavera, que revolve a terra, não é outra coisa senão emoção, e quando no espaço surgem essas nodoas leitosas e esparsas — que são mundos em via de se formarem — é o

infinito que se commove. Já pararam ao pé d'uma mãe d'agua? Não lembra que a terra secca foi tocada e se pôz a chorar?

O principe cercou-a, mas para a encontrar foi preciso deitar fogo a todo o bravio do monte.

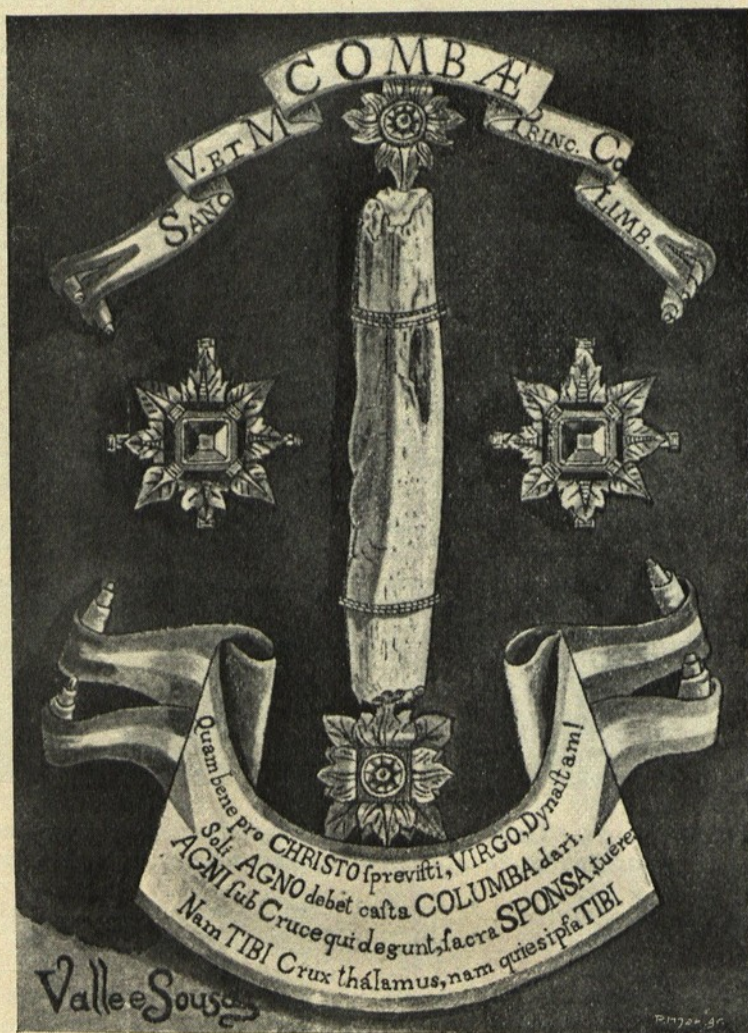
A Santa pôz-se a chorar: as suas lagrimas molharam as pedras, o maninho, e enrodilhada no chão, pediu a Christo que a fizesse tão feia que o principe lhe tomasse odio.

E o drama é este, o milagre é este — tão simples e tão grande. Resume-se em duas linhas e encerra um uar bravo de profundidade e de dôr: a Santa para se conservar virgem e já prestes a cahir nas mãos do principe, roga a Deus que a torne horrorosa. O sapo pensa em ser flôr, a flôr deseja tornar-se estrella e a linda creaturinha pede a Deus que os seus cabellos cendrados, a sua immaterialidade, se transformem em horror e em lepra. Todos nós pela estrada da Vida desesperadamente amassamos com dôr a realidade para a volver em sonho. Aqui não, é o lyrio por vontade propria feito sapo, a Belleza convertida em Fealdade. E no entanto dentro d'este milagre ha outro prodigio maior — infinito porque pertence a Deus. E' que o horror é aqui a maxima Belleza: a Santa monstruosa e coberta d'asco fica mais bella ainda. Mas a lindeza é outra e incomprehensivel ao mundo antigo: espiritual e eterna.

Um Santo é um irmão de tudo'o que é humilde: das aguas, que são as lagrimas da terra, dos cardos e dos pobres. Seus milagres fal-os a poder de emoção. Mas um Santo não é só humilde — é tambem pequenino. Um Santo é uma creança de genio. Amesquinha-se, ri-se, com um riso que lhe brota do coração, das proprias deformidades e soffre com as alheias. Um Santo adivinha o mundo: communica pela alma com o universo; e como está em contacto com a torrente de emoção que atravessa indifferentemente a terra e as estrellas, as pedras e os globos infinitos — um Santo pode fazer com simplicidade todos os milagres.

• • •

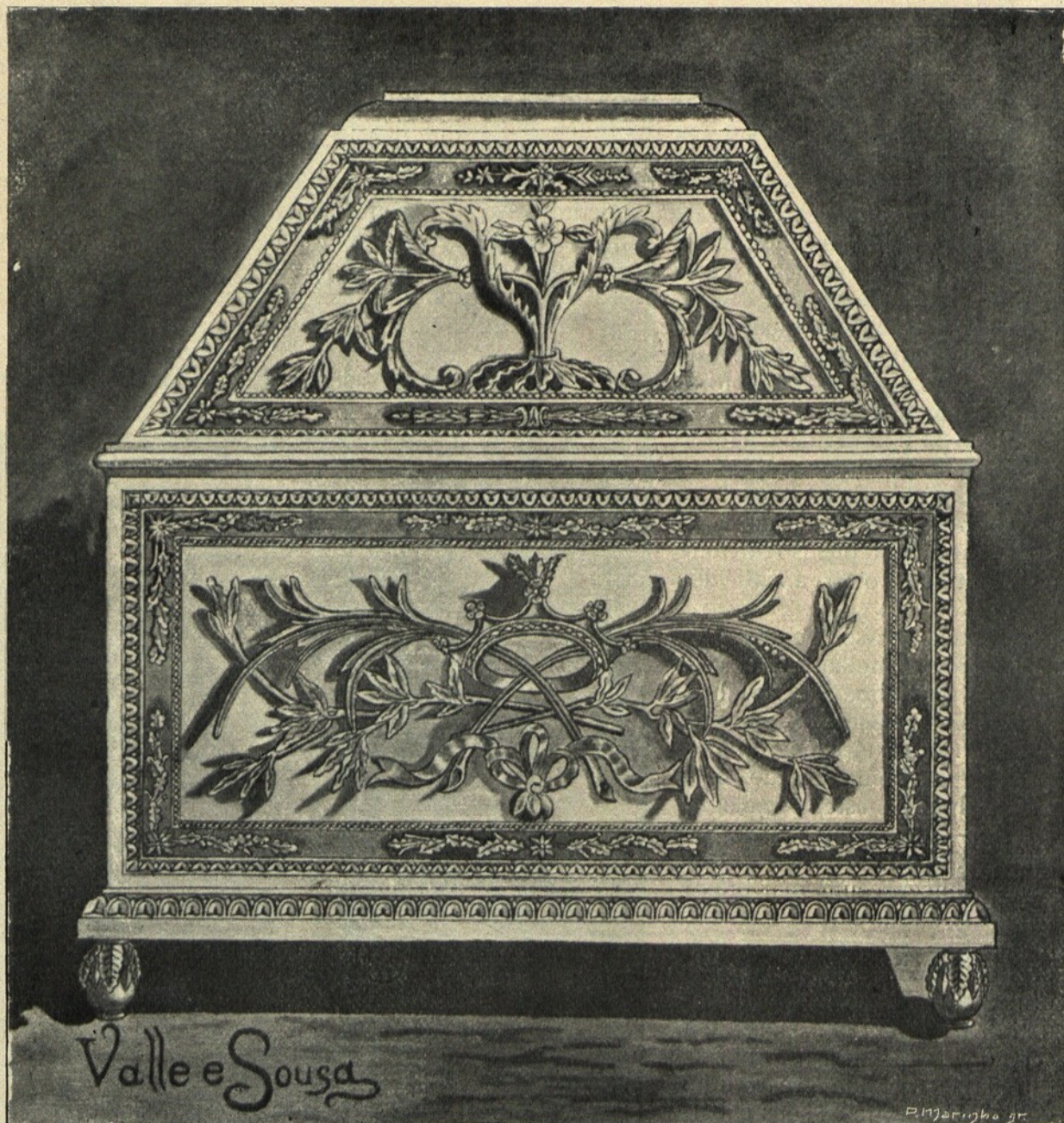
Quando os soldados a agarraram, tremeram



RELIQUIA DE SANTA COMBA, existente n'um reliquario de ebano com incrustações de prata, no mosteiro de Santa Cruz em Coimbra (desenho do sr. Valle e Sousa).

d'espanto: era um monstro e o principe ordenou que a crucificassem logo. Perto havia uma oliveira e n'ella, como mostra a estampa ingenua do livro, na arvoresinha humilde, de

pequeninas folhas esverdeadas, ataram-lhe os braços. A arvore que dava aos pobres o lume, de cruz. Santa Comba vivera — e n'essa hora o fio d'agua da gruta poz-se n'um impeto a



URNA DE MADEIRA EM TALHA CONTENDO OS RESTOS DE SANTA COMBA
no Sanctuario do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, (desenho do sr. Valle e Sousa)

a arvore que se descentranhava em riqueza e frescura — serviu tambem, indifferentemente,

brotar, a cahir, a espalhar-se, qual levada de pranto.

RAUL BRANDÃO.

Diz o padre Rosario que o corpo da virgem foi depois achado d'ahi a muitos annos, no lugar do seu martyrio por uns monges. Viram os religiosos algumas noites a fio, um estranho resplendor que partia do céo sobre as arvoredinhas do pousio onde a Santa fôra sepultada. Acharam o corpo e levaram n'ô para a sua igreja onde o veneraram d'alli em diante. Extinctos estes monges, succederam-lhes outros da regra e habito de Santo Agostinho, os quaes, sendo bispo de Coimbra D. Miguel, que foi conego regular do convento

de Santa Cruz, trasladaram o corpo para a igreja do mosteiro, ahi pelo anno de 1170. Na parede estava uma pedra, com um buracinho redondo por onde manava oleo que os fieis recolhiam em panninhos, que serviam de remedio para todas as enfermidades.

Quando El-Rei D. Manoel, pelo anno de 1510, mandou demoilr a igreja velha de Santa Cruz e reedificar a nova, foram os ossos da Santa trasladados para um cofre e guardados no santuario do mosteiro, d'onde foram depois trazidos para o altar de Santo Antonio no corpo da igreja.

A Architectura

✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿

da Renascença

✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿

em Portugal

POR ALBRECHET HAUPT

Periodo de decadencia do reino. D. João III. Influencia jesuitica. D. Sebastião. O cardeal-rei D. Henrique. A arte e o humanismo. Damião de Goes. Francisco de Hollanda. Filippo Terzi. Distribuição dos monumentos pelo paiz. Materiaes. Azulejos. Arte mourisca. Azulejos da Renascença. Faianças. Decoração de madeira. Couros trabalhados. Moveis. Bordados. Ourivesaria. Serralharia artistica. Pintura. Esculptura. Terracottas italianas. Esculptura em pedra.

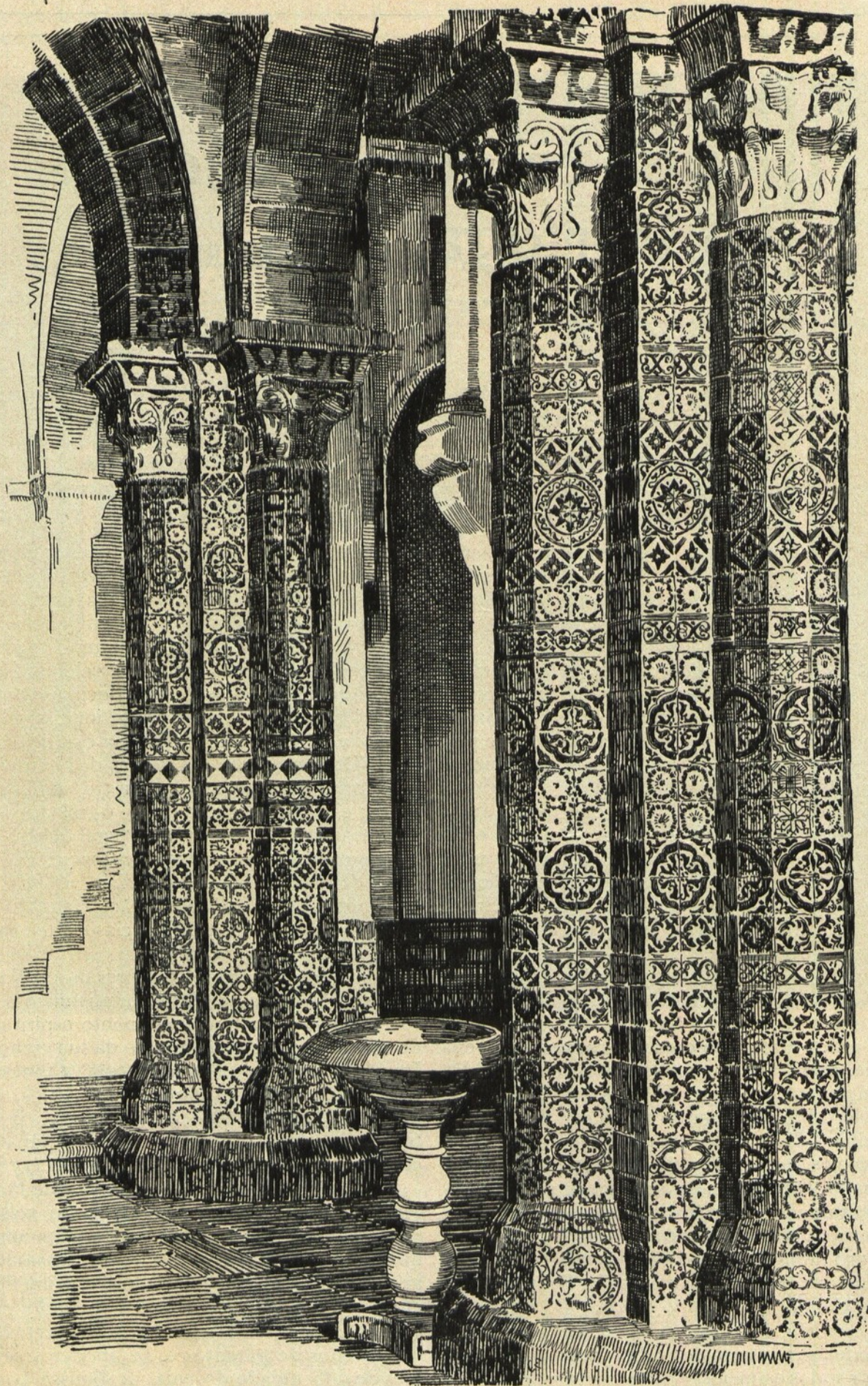
COMEÇOU o periodo da decadencia no momento em que subiu ao throno o filho de D. Manuel, D. João III, fraco de character, mas forte de crenças. Uma após outra, foram abandonadas as praças d'África que não era facil manter; a má administração dos vice-reis e governadores da India continuou apressando a ruina e a vergonha da metropole; dentro do paiz cresceram as perseguições religiosas contra os christãos novos (mouros e judeus convertidos), ou apenas suspeitos, até que em 1531, effectivamente, a Inquisição fez a sua entrada official; e o irmão do rei, o cardeal D. Henrique, mais tarde elle proprio inquisidor-mór, estabeleceu, em seguida ao primeiro tribunal do Santo Officio d'Evora, dois outros, um em Lisboa e um segundo em Coimbra (1539). Davam-se n'aquelle tempo em espectaculo frequente ao povo, progressivamente embrutecido, numerosos e imponentes autos da Fé; eram quasi a unica distracção da sua serpejante existencia, entre o medo das denuncias e o rigor dos julgamentos. Se o rei Phillippe II de Hespanha, com o seu alto espirito politico, sabia pôr limites á Inquisição, quando lhe não servia os desejos, e não tolerava no clero outro poder maior, D. João III em sua cegueira accrescentou á introducção d'aquella o advento dos jesuitas. Em 1541 entraram em Lisboa, e por 1550 tinham-se apoderado do paiz, posto que algumas cidades, provincias, a Universidade de Coimbra, o proprio cardeal D. Henrique e com elle a Inquisição ameaçada em seu poder, se tivessem defendido passo a passo, e por todos os meios, contra a invasora influencia d'elles. Finalmente, depois de uma dispu-

tada resistencia, cahiu-lhes ás mãos a ultima fortaleza da palavra livre, a Universidade, e assim lhes ficou entregue irrevogavelmente o destino do paiz. Mas tudo isto era apenas a vespera da longa festa de vinte annos que a Companhia de Jesus havia de celebrar sob o reinado de D. Sebastião, seu docil discipulo.

Os jesuitas souberam tornar impossivel a regencia da rainha D. Catharina e a do cardeal D. Henrique, em nome do herdeiro do throno que apenas contava tres annos de idade; e assim foi que durante o reinado de D. Sebastião (1557-1578) Portugal tornou-se arena exclusiva dos padres confesores do rei e dos partidarios d'elles.

O proprio infeliz D. Sebastião, creado sob a acção de semelhantes influencias e artificialmente educado para se tornar um ascetico meio demente, encaminhado por conselheiros igualmente cegos, dirigiu exclusivamente a sua attenção para o melhoramento espiritual do seu paiz e para a propagação da sua crença. Imaginou realizar o seu ideal com a funesta expedição contra os mouros em África, os quaes facilmente destroçaram o exercito portuguez, commandado pelo proprio rei fanatico, cercado de seus inhabeis favoritos (1578).

Este golpe pôz termo ao esplendor de Portugal. Os dois annos de interregno do velho cardeal D. Henrique semelham-se aos ultimos annos da vida d'este, a qual elle passava arrastando-se a custo: era como que um fluctuar entre a vida e a morte; e quando em 1580 Phillippe II de Hespanha, sob o pretexto dos direitos de parentesco, se apoderou sem grande difficuldade do paiz, acabou-se para sempre o phantastico reinado dos jesuitas. 1

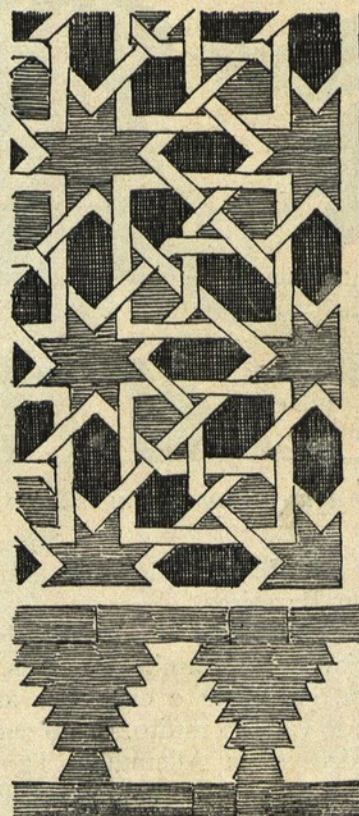
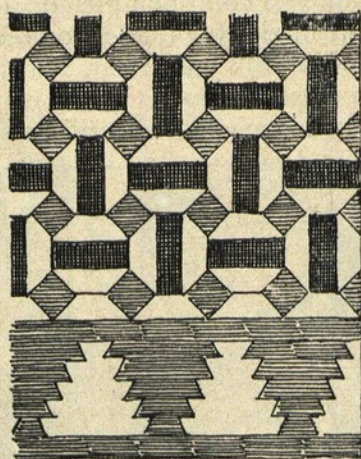
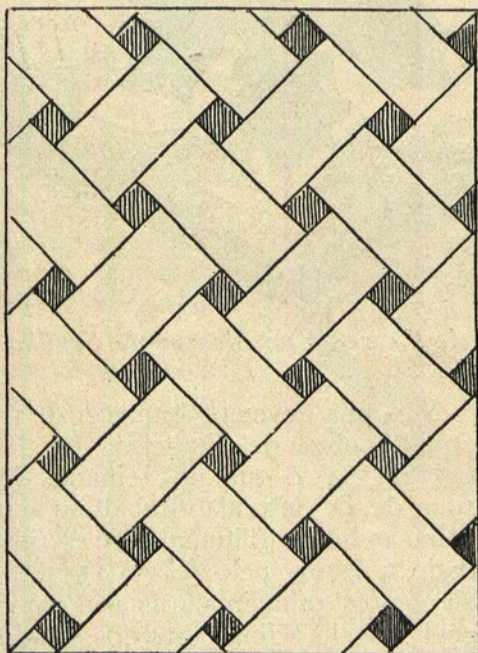
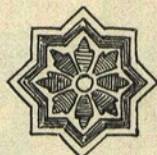
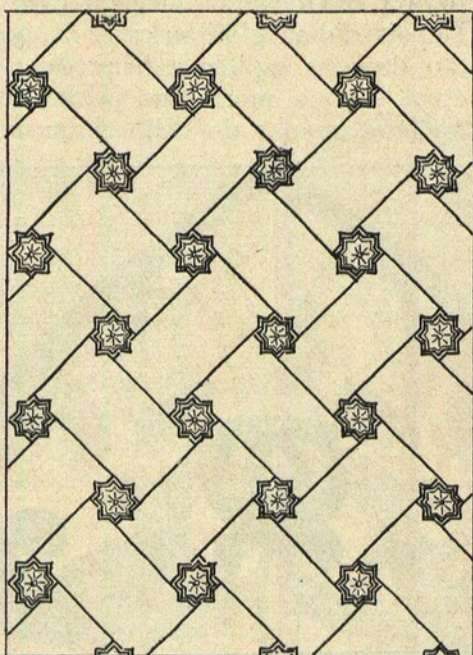


Revestimento de azulejos dos pilares da nave da Sé Velha de Coimbra

A ARTE, desde que attinge uma certa culminancia, é capaz de continuar vida independente, mesmo sob as mais tristes circumstancias; e assim vê-se que, debaixo do governo de D. João III, acordadada uma vez

arte, que então predominava no resto da Europa, alastrára tambem para aqui alguns ramos que não deixaram de exercer influencia, até no proprio paço do rei.

Fallámos já no mais notavel dos humanis-



Revestimento de azulejos de paredes e de pavimentos do Alcazar de Sevilla

a Renascença, como já dissemos, produz-se uma serie de obras encantadoras, embora poucas possam infelizmente ser attribuidas á iniciativa regia.² O humanismo, amante da

tas e archeologos portuguezes da época, em André de Resende, d'Evora; e agora citamos o facto de que no paço de D. João III, o qual nos primeiros annos do seu reinado re-

sidiu n'aquella cidade, um allemão, Nicolau Clenardus ³ (Kleiners) companheiro e amigo d'aquelle primeiro, foi elevado á dignidade de preceptor do irmão mais novo do rei, o que mais tarde foi o cardeal D. Henrique. Elle conjunctamente com uma pleiade de homens da mesma intellectualidade, como André de Resende, Maffei, ⁴ Jean Petit, Ayres Barbosa, Jeronymo Osorio, João Vaseu e outros formaram uma sociedade de espiritos cultos na

de uma influencia decisiva no gosto artistico de seus conterraneos. Em suas grandes obras litterarias, as chronicas de D. João II e D. Manuel, consagrou particular attenção á actividade d'aquelles reis no dominio da arte. A vida de Góes é a imagem do seu tempo. Depois d'uma gloriosa carreira, por tantas e tão diversas espheras de producção intellectual, veio a morrer na prisão dos jesuitas que no amator do bello viram um inimigo.



Azulejos muraes mouriscos do pavilhão de CARLOS V no Alcazar de Sevilla

côrte. E não deve esquecer-se aqui o nome de Gaspar Barreiros.

De par com estes homens, é digno de ser em especial citado Damião de Góes, o grande diplomata, chronista e eminente amator de arte. Tendo viajado muito, como embaixador em Flandres e na Allemanha, ligou-se intimamente com muitos humanistas (Peutinger, Erasmo) e artistas allemães; entreteve correspondencia com Jacob Fugger e d'esta ha ainda cartas; existe tambem ainda um seu retrato em gravura da mão de Durer ⁵.

Damião de Góes trouxe do norte para Lisboa numerosas obras de arte; e as suas collecções, celebres n'aquelle tempo, foram

Não nos devemos esquecer de mencionar aqui a obra de Francisco de Hollanda ⁶ (1518-1584) o qual nos reinados de D. João III e de D. Sebastião trabalhou activamente como architecto, illuminista, e escriptor. Mandado a Roma pelo rei em 1537, frequentou ali com os primeiros artistas a escola de Miguel Angelo. Uma parte dos estudos de sua viagem, reproduziu-os elle no livro dos esboços do Escorial para D. João III (1538-1547) ⁷. Escreveu uma serie de dissertações sobre a arte, offerecidas aos seus soberanos: 1548, da pintura antiga; 1549, dialogos do tirar pelo natural; 1571, da fabrica que fallece á cidade de Lisbôa. D'estas obras a ultima tem um

interesse muito especial; é offerecida, como promemoria, a el-rei D. Sebastião e contém proposições sobre a defesa de Lisbôa, sobre a construcção d'um palacio em Xabregas, em seguida sobre a construcção de um aqueducto, sobre concertos de pontes e calçadas, sobre a collocação de pedras millenarias, e finalmente sobre a construcção e decoraçãõ de uma egreja, sob o orago de S. Sebastião, tudo exemplificado com desenhos. Estes esboços mostram o autor como um architecto d'um talento e d'uma phantasia limitados, e na sua quasi totalidade, approximam-se da arte italiana; são elles o documento da extincção da arte portugueza independente e do predominio do gosto italiano, introduzido pelos jesuitas.

Aqui temos talvez já a influencia de Fillippo Terzi, que veio do norte da Italia (tal-vez Verona) d'esse mestre por cuja producção, n'esta época, a architectura religiosa portugueza soffreu uma segunda orientação, como effeito especial do poder dos jesuitas, que então se tornára ilimitado.

N'este tempo e no reinado do cardeal D. Henrique, Terzi foi encarregado de numerosas construcções, e as obras do mestre e dos seus successores justificaram a confiança n'elles depositada. São do mais grandioso estylo em terra portugueza, e excedem inteiramente, no simples poder do effeito como tambem na forma nobre, as construcções hespanholas da mesma época. Na propria Italia não se póde quasi citar um só mestre d'este periodo que, tanto em grandeza evidente como em pureza de *detalhes*,

o tivesse equalado. Como architecto de obras de fortificação defensiva, de grande importancia, e de outras construcções civis de utilidade geral, muito trabalho teve de executar.

Grangeou particular estima dos reis a quem serviu; e tanto que, quando o glorioso poder de Portugal encontrou subito e bem triste termo na infeliz empresa d'Alcacer Quibir, onde a flôr da fidalguia portugueza juncou o

campo de batalha, o successor do rei tentou primeiro que tudo remir o artista dilecto, o architecto da casa real, um dos poucos que, tendo escapado á morte, houvera cahido captivo ás mãos dos mouros.

A sua influencia dilatou-se até quasi ao periodo do governo dos hespanhóes. As ultimas construcções, que se suppõe ainda serem d'elle, devem ter sido feitas pouco antes de 1600. Ellas marcam o ponto culminante da Renascença bem definida, em terras portuguezas; depois d'ellas, a architectura portugueza declina de tal sorte, que durante um seculo nada de importante se produziu no paiz.

Concluiremos portanto a nossa historia da Renascença em Portugal, no fim do dominio hespanhol.

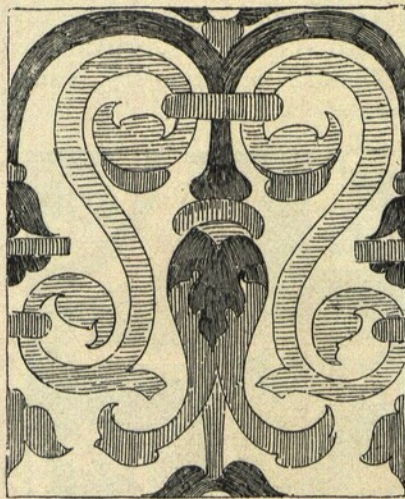
• • •

COMO resultado das condições do meio, as mais importantes construcções da ar-

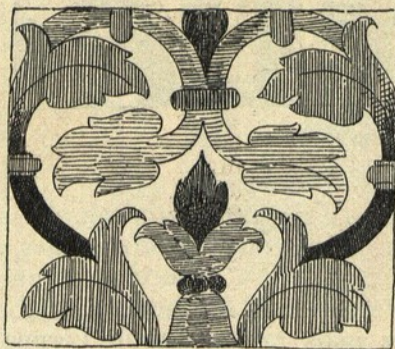
chitectura portugueza agruparam-se, em primeiro lugar, em volta da capital Lisboa e disseminaram-se depois, principalmente, ao longo, e dos dois lados, da estrada de comunicação entre ella e o Porto.

O proseguimento de investigações artisticas no norte, leste e sul do paiz faz reconhecer uma realização progressivamente decrescente e uma concepção mais rustica para a periphéria, de maneira que nada faz suppôr que na parte montanhosa ou no interior das provincias se possam encontrar outras construcções de particular valor; tudo ao invez da Hespanha e da Italia. Mesmo as grandes cidades da provincia, como Braga, em parte a propria antiga capital Evora, offerecem relativamente respigo escasso e de pouco valor.

Em parte, a questão dos materiaes deve ter tido n'isto influencia directa. A mais bella pedra de construcção encontra-se no centro do paiz e nas cercanias de Lisbôa. E' um calcario esbranquiçado como marmore, d'uma grande delicadeza e que existe em diferentes gradações até a região do Mondego. N'al-



Azulejos mouriscos



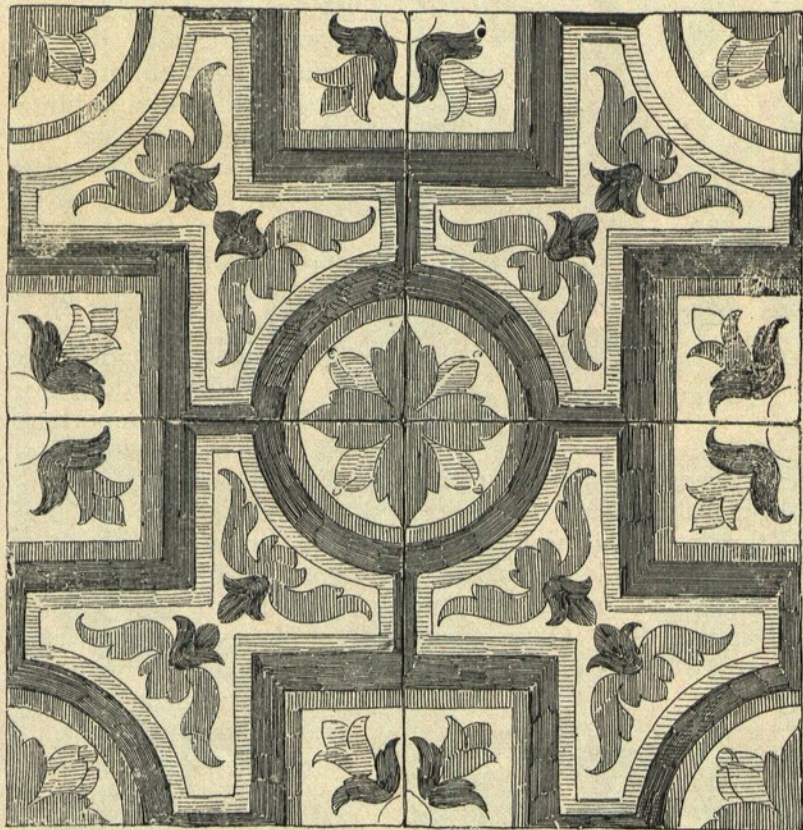
Azulejos mouriscos

guns logares assemelha-se ao calcario francez branquissimo que póde ser cortado á faca. Tal é o do districto da Batalha, onde os trabalhos de canteiro são os mais ricos de todo o paiz. Magnifico marmore branco, muito bello, acha-se nas regiões de Estremoz e de Elvas, até proximo de Beja, ao longo da fronteira hespanhola, onde por isso se encontram numerosas e valiosas construcções, mas quasi sem excepção dos tempos medievos. Pelo contrario, no norte, até a fronteira de Galliza, predomina quasi exclusivo o granito, o qual naturalmente produz uma architectura pe-

até a sua expulsão ali cultivaram aquelle fabrico.

• • •

BEM caracteristico na architectura portugueza foi, e ainda hoje é, o uso de revestir, á moda mourisca, as paredes com azulejos. Este revestimento era muito apreciado, tanto em paredes internas como externas, de sorte que fachadas inteiras de egrejas, torres, casas, pateos, abobadas, corredores, caixas de escada, salões e paredes de quarto, eram assim todas ornadas sem excepção. Como já dissemos, esta industria d'arte decorativa, primitivamente desenvolvida em Hespanha, foi adoptada dos mouros, como affirmam os seus antigos monumentos. O processo originario d'aquelles consistia em revestir as paredes com uma especie de mosaico, comprimindo contra ellas, recobertas de argamassa fresca, pedacos de diversas fórm, representando fitas entrelaçadas. A Alhambra, o alcaçar de Sevilha, e outros edificios d'esse tempo, fazemos vêr em differentes passagens e pateos um revestimento d'este genero em todas as paredes até uma certa altura. O processo permitia mesmo adornar com esta curiosa decoração superficies curvas, as proprias columnetas. Os mouros, no progressivo desenvolvimento da sua technica, empregaram esta mesma especie de desenhos geometricos em azulejos regularmente divididos,

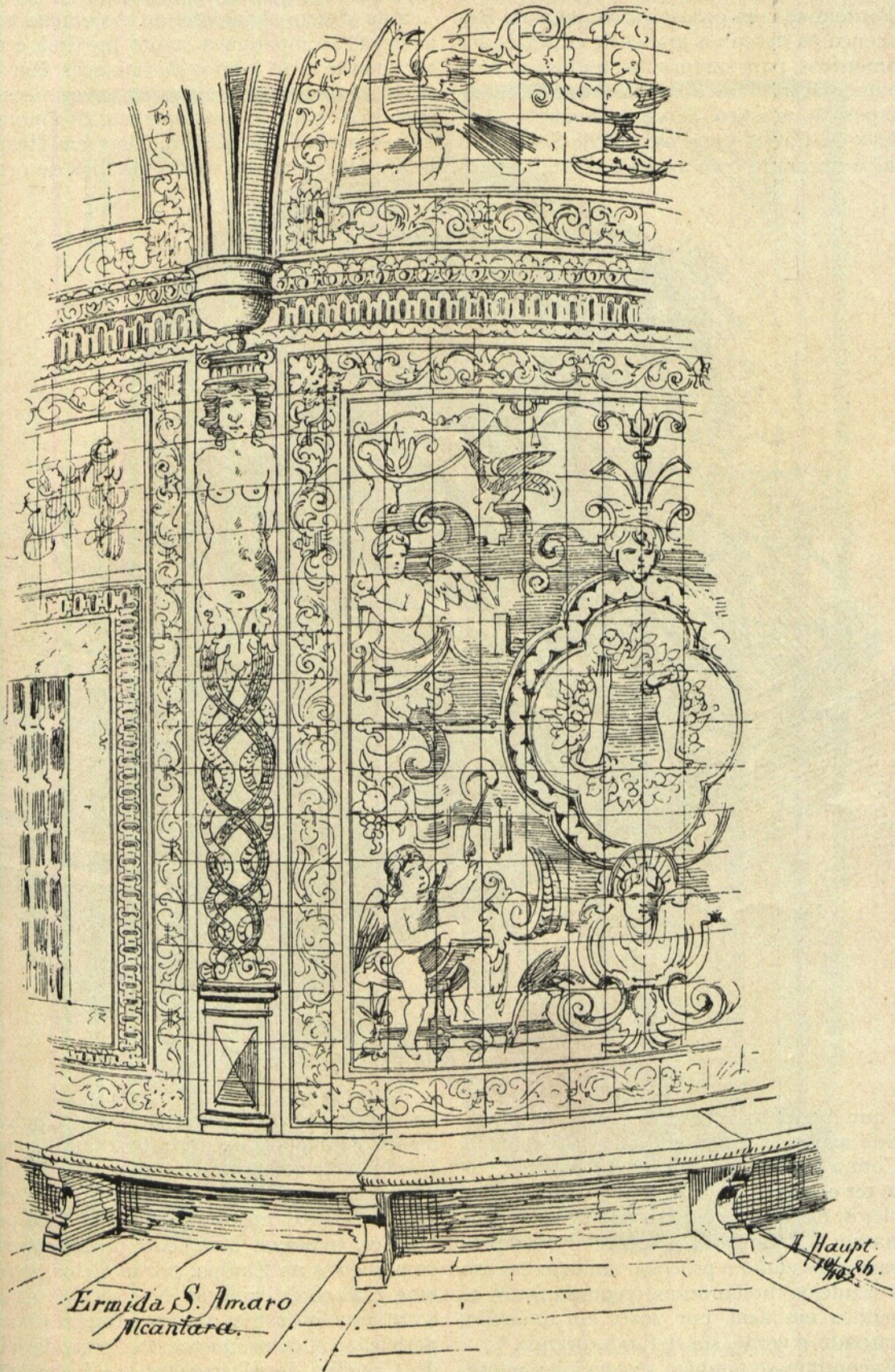


Azulejos mouriscos

sada e grosseira nos *detalhes*, como é proprio de sua natureza. Assim raras são ali as construcções de um fino acabamento.

Para o sul apparecem a revezes ainda o calcario e o lioz mas cada vez mais raros, de maneira que na provincia mais meridional do paiz no Algarve, o trabalho chamado *taipa*, de origem mourisca, é ainda muito empregado e naturalmente ligado com a pedra de cantaria. Com este processo technico conseguiram obter apenas um acabamento menos cuidadoso e artisticamente mais pobre, na maioria das construcções d'aquella provincia. Tijolos, barro moldado, encontram-se até o seculo XVI na provincia da Beira Alta e muito principalmente em Evora, porque os mouros

para simplificar o antigo e difficil processo, e dos quaes restam exemplos até o fim do seculo XVI em Hespanha e em Portugal. O modo de fabricação dos azulejos era o seguinte. Permia-se o barro dentro de fórm de linhas escavadas, reproduzindo-se assim o desenho em relevo e, depois de secco o azulejo, enchiam-se as partes fundas com as diversas côres. Preparados assim, eram cozidos, impedindo o relevo dos traços que se misturassem as côres. A gamma d'estas era relativamente rica. Empregavam mesmo o ouro e aquella bem conhecida côr brilhante metallica de que servem para exemplo os celebres azulejos da casa de Pilatos em Sevilha. Esta fabricação de



*Ermida S. Amaro
Alcantara.*

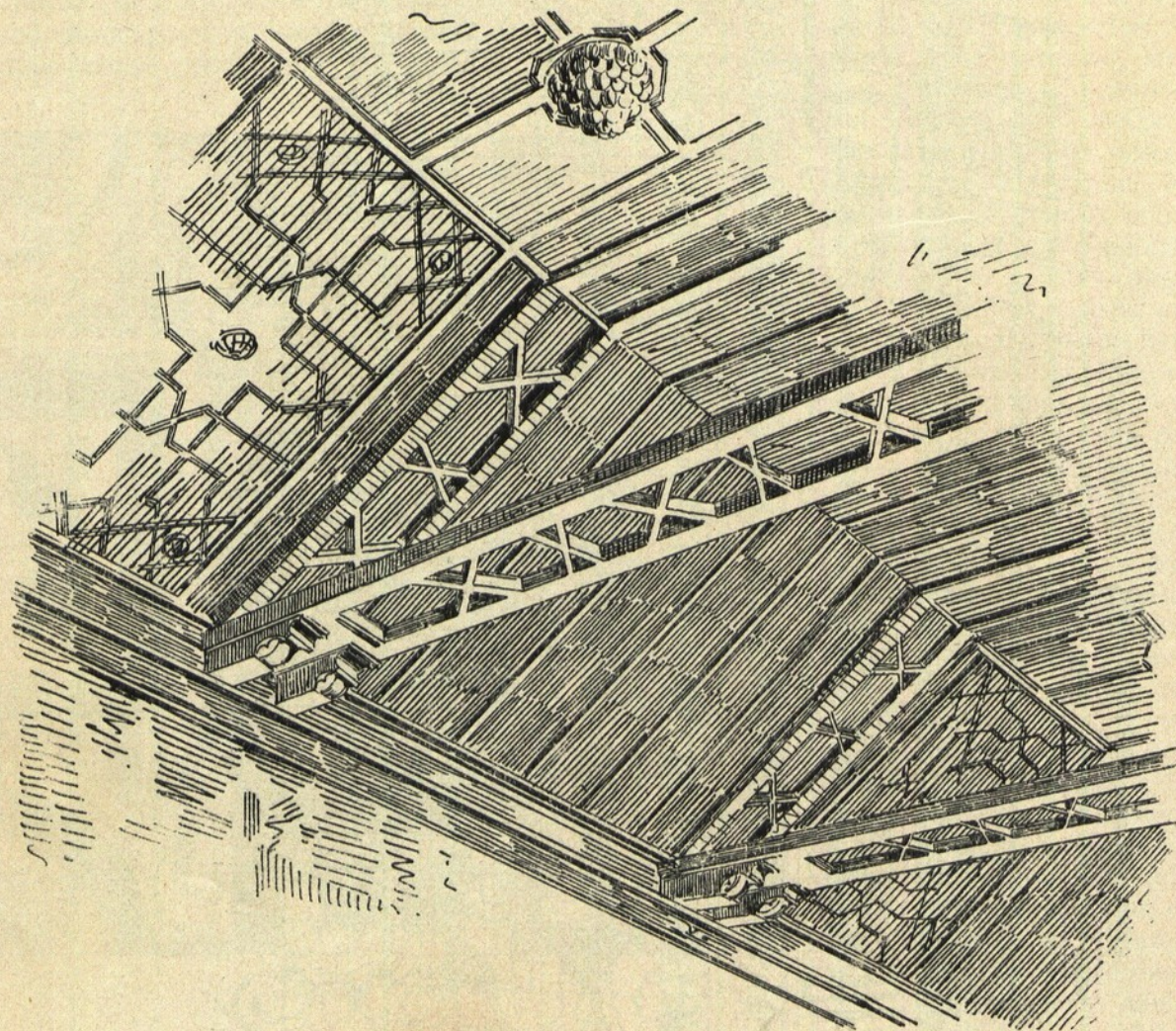
Decoração em azulejos na ermida de Santo Amaro, em Alcantara

azulejos é ainda hoje chamada pelo povo á *mourisca*.

Perdem-se com o desenvolvimento da Renascença os desenhos arabes de entrelaçados geometricos, para serem substituidos por uma ornamentação livre e muitas vezes rica de composição artistica. Serve de exemplo o pavilhão de Carlos v no alcaçar de Sevilha, o qual é decorado com azulejos d'este genero

das; mas estas pertencem principalmente aos primeiros tempos da Renascença.

Este desenvolvimento de decoração com azulejos acompanhava muito proxima e naturalmente o do fabrico das faianças. Em antigos tempos predominavam os processos mouriscos e até o desaparecer dos mouros na península florescia aqui, como em Hespanha, a fabricação de vasos pintados de orna-



Tecto de madeira de uma egreja em Sevilha

em que o padrão se estende por uma quantidade maior de azulejos.

Com a expulsão definitiva dos mouros, parece ter acabado em Hespanha o fabrico dos azulejos, em quanto que os portuguezes continuaram a fabrical-os a seu modo. Empregavam estes então o processo tambem em uso nos azulejos hollandezes, reproduzindo os desenhos em azul, por vezes em amarello, encarnado e verde, sobre fundo branco.⁹

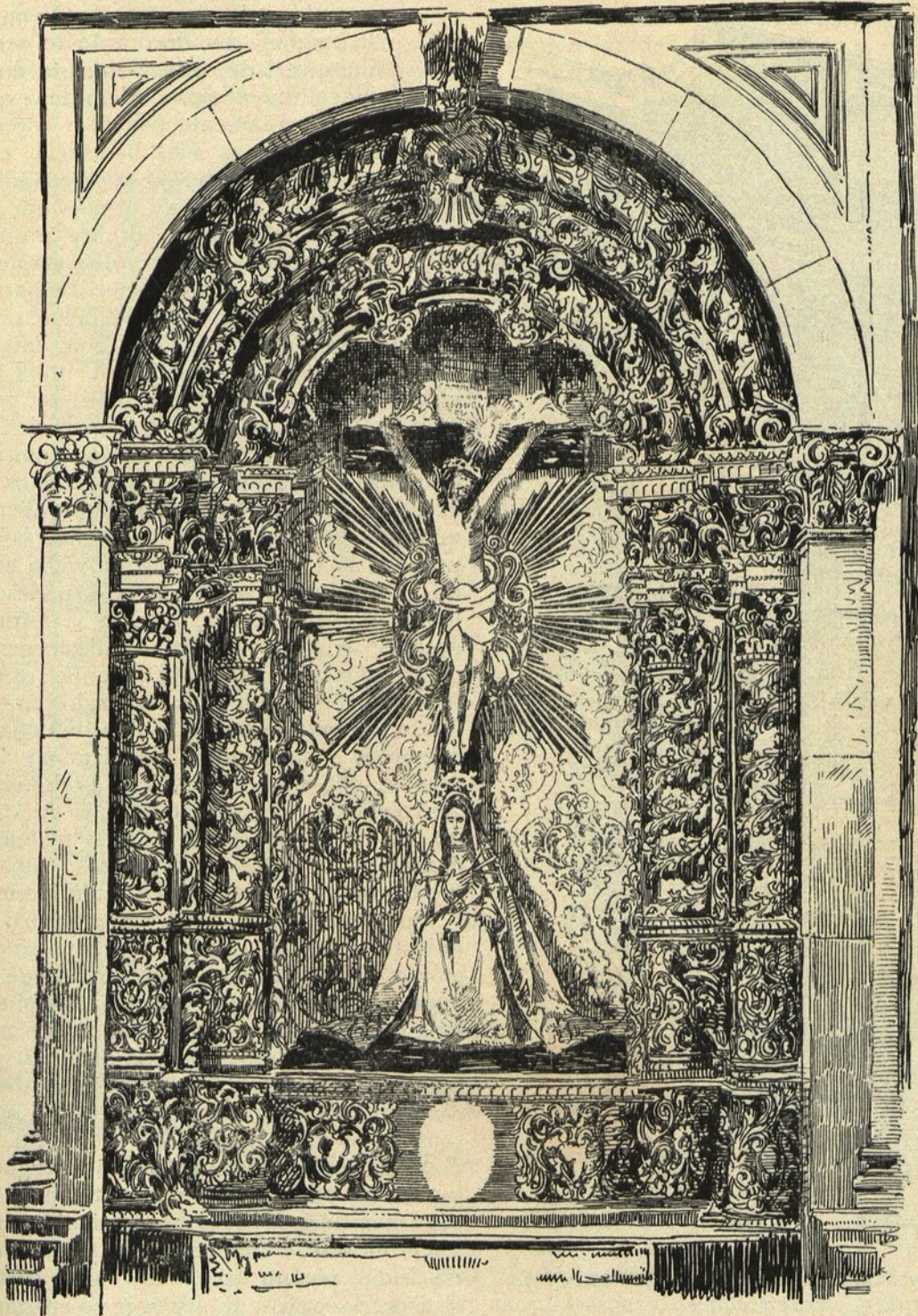
Encontram-se tambem, excepcionalmente, além dos padrões, coordenados architectonicamente, composições polychromas ornamentaes com figuras ricamente emmoldura-

tos mouriscos de diferentes côres, principalmente com o conhecido reflexo auriluzente. Desde então começou a ceramica portugueza a ter existencia propria; os artefactos de Coimbra e d'outros lugares, certamente sem pretenções, tomaram bem cedo, provavelmente os primeiros na Europa, por modelos, as formas e as côres chinezas. Nos seculos XVII e XVIII esta industria de arte attingiu notavel perfeição, e os productos do Porto, de Villa do Castello, de Massareltos, de Lisboa etc., não são inferiores aos de Delft e de Rouen.¹⁰

O uso de empregar a madeira em decorações internas pôde tambem ser attribuido a

tradição dos mouros. No Oriente houve também sempre o costume de empregar os tectos de madeira; existem numerosos e carac-

se elevavam das paredes; e parece que, numerosos tectos d'este feitio elles construíram também para o mundo christão até o momen-



Capella em talha na Sé do Porto (seculo xvii)

risticos exemplos na península iberica, nas mesquitas e palacios mouriscos.

Em especial, tomando talvez para modelo as abobadas de estalactites, apreciavam os tectos em forma de gamella ou de cupula, que

to da sua expulsão da península. Em Hespanha e em Portugal encontram-se abundantes exemplos de tectos de madeira em egrejas e em palacios mesmo do seculo xvi que apresentam, no todo ou sómente em parte, de-

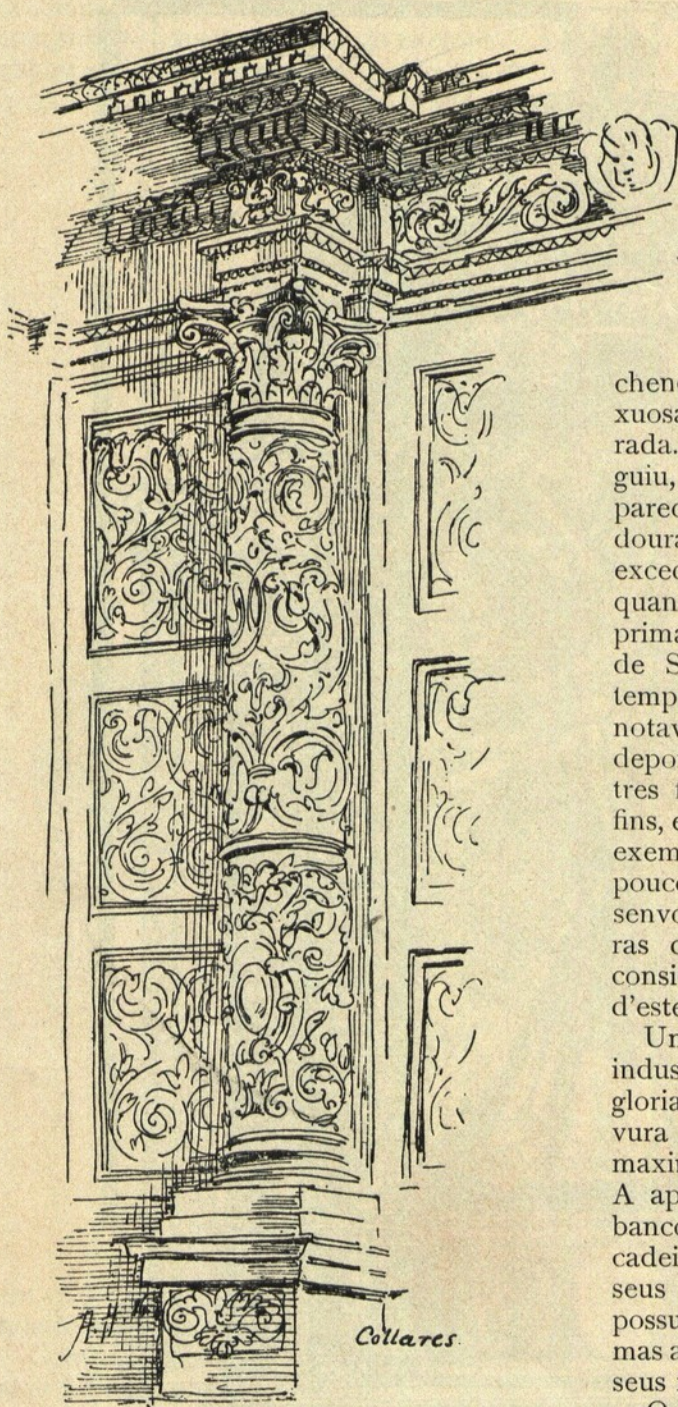
corativas fórmulas mouriscas. As igrejas do tempo de D. Manuel, ao norte de Portugal (Caminha), são todas decoradas com tectos semelhantes na forma quebrada e

esta forma, muito apreciada, até os fins do século XVII; os tectos de madeira da Renascença tem, por toda a parte, a antiga forma de gamella ou de cupula; divididos em caixões, ou ornamentados com campos emoldurados ou pinturas. O emprego da madeira na decoração foi sempre muito variado, principalmente na arquitectura religiosa. Além das esplendidas ornamentações dos côros de igreja com as suas bancadas, e das sacristias com os seus magníficos armarios, empregavam-n'a em ricas construcções sobre altares, primeiramente como moldura dos paineis, e depois como revestimento das paredes, mesmo dos tectos das capellas, preen-

chendo todas as superficies com uma luxuosa decoração de esculptura, toda dourada. Começou no século XVII, e proseguiu, o uso de recobrir as superficies das paredes e dos tectos das igrejas, com talha dourada, produzindo-se assim effectos que excedem em esplendor deslumbrante tudo quanto n'este genero se tem feito, (a obra prima d'esta decoração é a da velha igreja de S. Francisco no Porto). Mas, desde o tempo da Renascença, haviam já atingido notavel perfeição os trabalhos d'este genero, depois que, no reinado de D. Manuel, os mestres flamengos tinham introduzido para taes fins, e em grande escala, a obra de talha. Os exemplos conservados, infelizmente bem poucos, dão uma alta idéa do brilhante desenvolvimento d'esta arte no paiz. As cadeiras do côro de Belem (1560) podem ser consideradas entre os primeiros trabalhos d'este genero em toda a peninsula iberica.

Um outro ramo, bem caracteristico nas industrias de arte, de que Portugal se pôde gloriar, é sem duvida o do trabalho de gravura em couro, o qual somente atingiu a sua maxima perfeição, nos séculos XVII e XVIII. A applicação d'este processo decorativo aos bancos dos coros, e ás costas e assentos das cadeiras, era frequentemente usada; os museus e as casas nobres do norte do paiz possuem muitos d'estes trabalhos portuguezes, mas a sua utilização pertence tambem, nos seus mais antigos exemplos, á Renascença.

Os moveis (contadores) que se dizem ser da India, podem ser citados como característicos do paiz, e ainda hoje se encontram muitos em Lisbôa. Na sua maioria são armarios, semelhantes aos que se fazem nas provincias rhenanas, cuja parte inferior é aberta, e assentam sobre phantasticas figuras de animaes, tendo o corpo superior muitas gavetas, feitos de páu rosa ou d'outra qualquer madeira fina, com ricos embutidos e de diversas



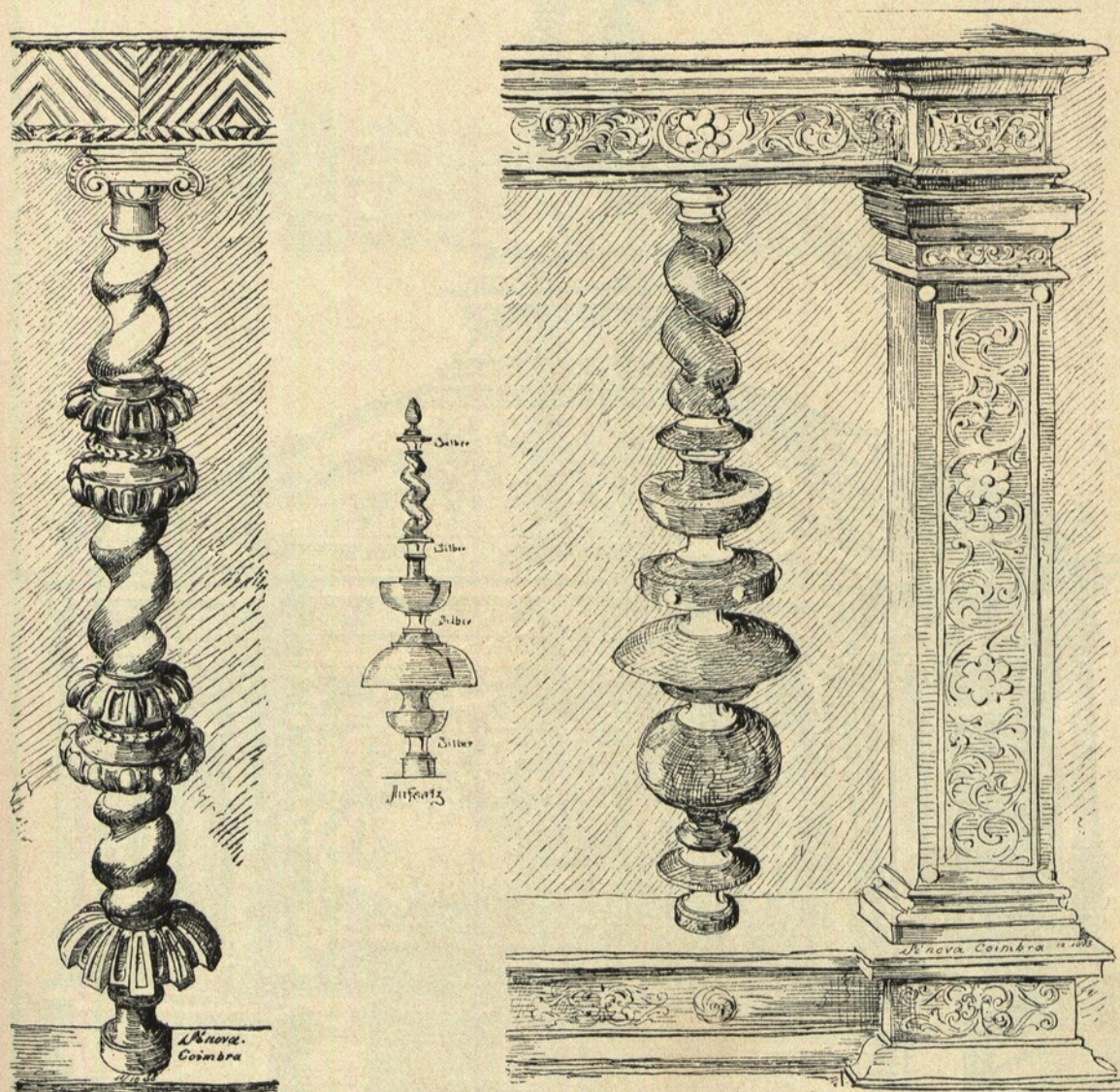
Decoração de capella em talha na igreja de Collares

no adorno mourisco que correspondem exactamente ás igrejas hespanholas da mesma época. A igreja do Palacio de de Cintra tem de madeira a sua abobada de berço, cylindrica. Ainda depois da expulsão dos mouros, os portuguezes conservaram

maneiras com desenhos indianos. Os cantos são cingidos e as superfícies cobertas de ornamentações orientaes, extraordinariamente finas e abertas em metal. Ha tambem outros moveis d'este mesmo estylo, por exemplo: mezas com tampos ricamente embutidos e com pés em forma de animaes. A julgar por informações que me foram fornecidas, estes contadores eram desde o seculo XVI

partes torcidas. Nos numerosos e magnificos armarios de capellas e de sachristias de egrejas, teve largo campo de applicação este processo decorativo. Ainda mais uma lembrança da apreciada industria artistica dos mouros, trabalho ainda hoje florescente das *muscharabie* (grades de madeira).

Tambem não eram descuidados outros ramos das industrias d'arte, mas sómente



Grade de capella na Sé Nova em Coimbra

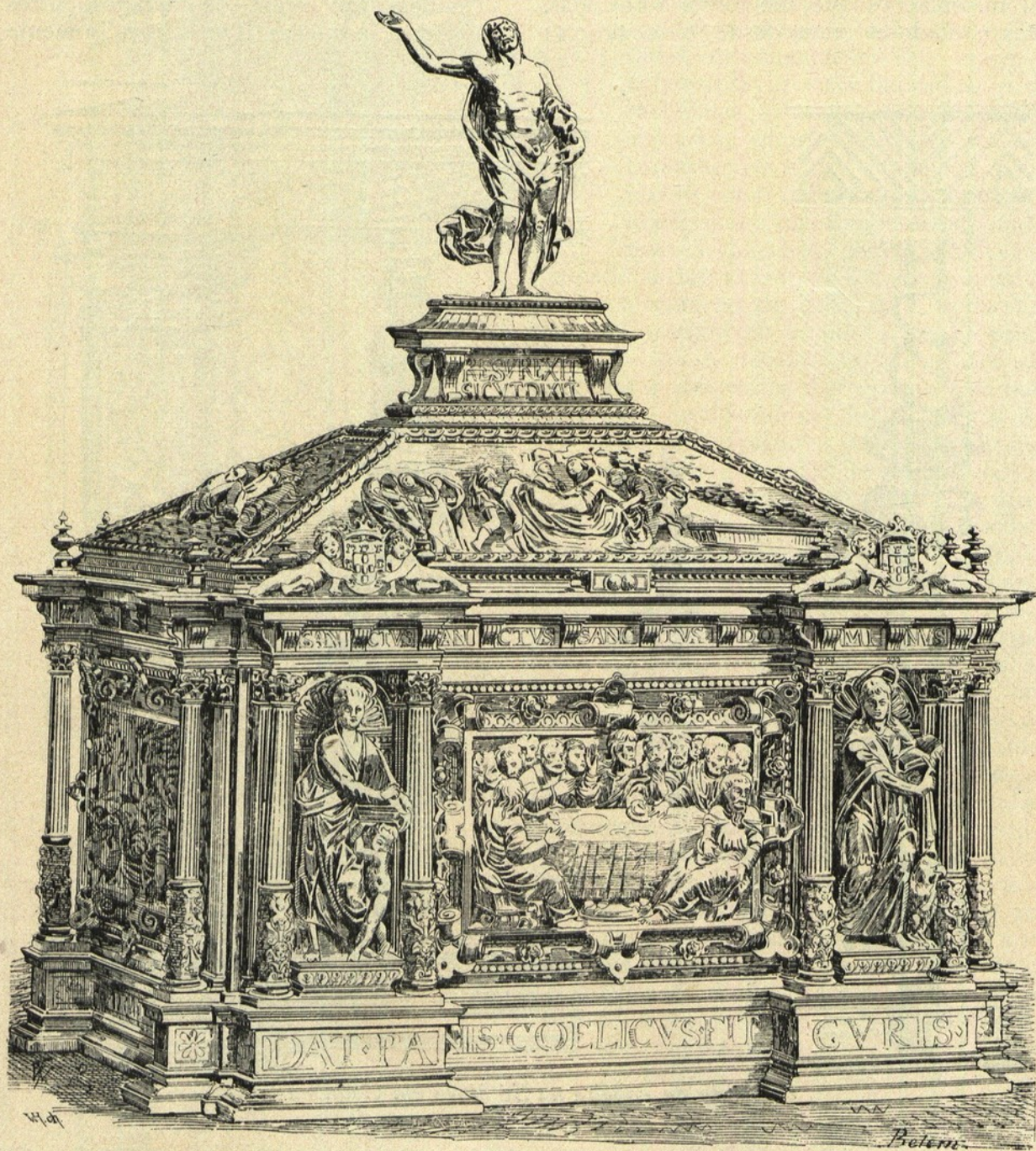
fabricados nas colonias da India para a metropole. No trabalho manual dos moveis, não se deve deixar de citar a variada applicação da arte de torneiro, em cuja execução se reconhece especial habilidade; de preferencia se adoptavam partes torcidas diagonalmente, e outras perfiladas cuidadosamente. Vê-se isto em pés de meza, dos seculos XVI e XVII trabalhados de diferentes maneiras, como tambem se observa nos leitos cujas cabeceiras são muitas vezes compostas de

tanto quanto necessarios á decoração das egrejas e dos palacios. Da arte de bordar, especialmente applicada ás vestes sacerdotaes, frontaes d'altar, etc., encontram-se numerosos exemplos de maravilhosa perfeição, embora seguindo sempre os classicos modelos de Hespanha. Mas na época manuelina distingue-se a maneira, que então era independente, pela rudeza e espessura da ornamentação a pár da riqueza do material e da execução. Os brocados por vezes incompa-

raveis, e os luxuosos tecidos, que ainda hoje abundam nos thesouros das sacristias, parecem ter em geral origem hespanhola ou italiana.

Não succede tanto assim com os trabalhos existentes em ourivesaria do tempo do go-

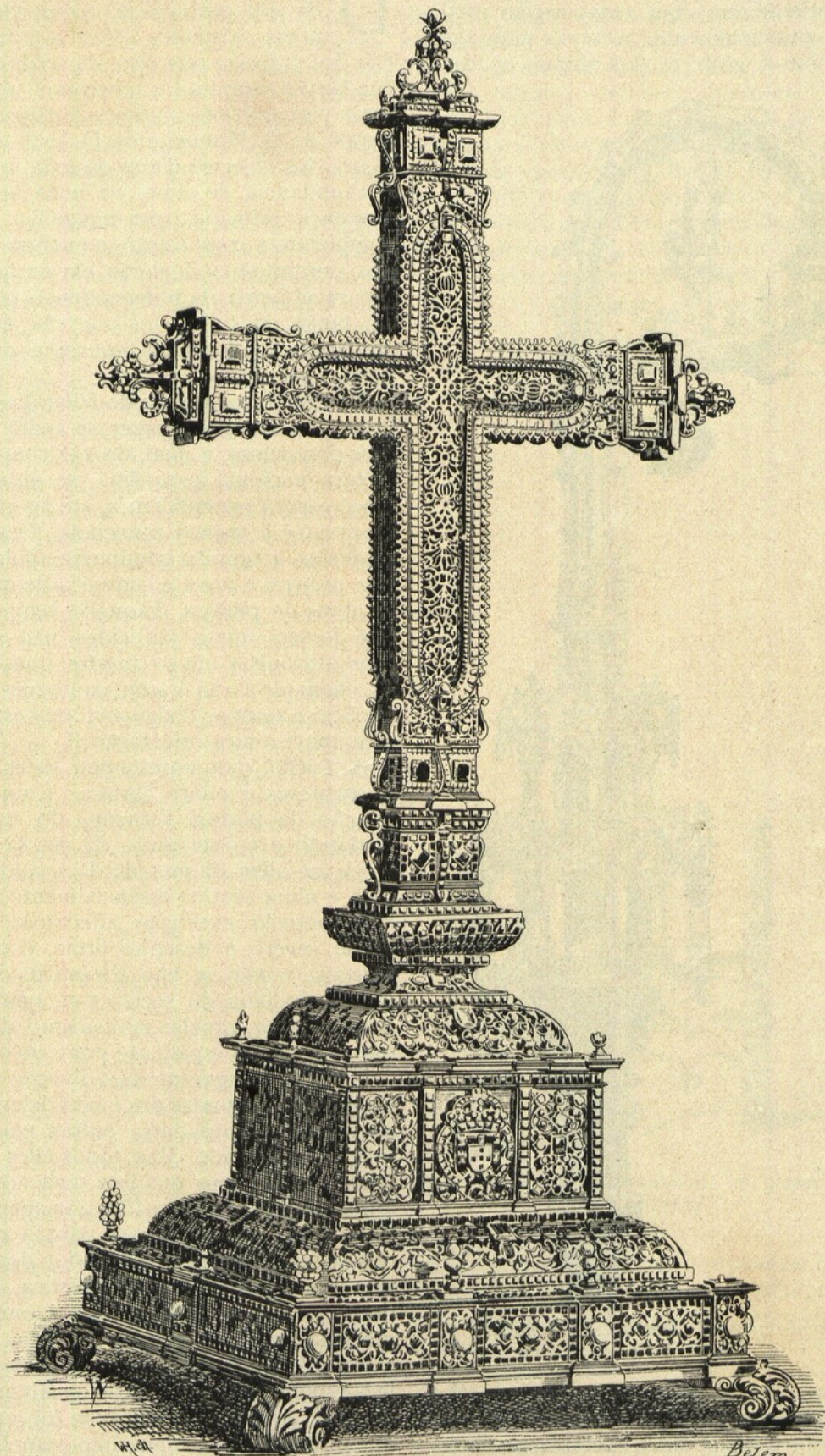
que se acham ainda em pòsse dos seus primeiros proprietarios, metade póde dizer-se ser de origem portugueza e n'esta justamente muitas das mais notaveis obras da arte de ourivesaria. O seu valor integral promana do genero peculiar e particular do desenho e da



Cofre de prata pertencente ao thesouro do Mosteiro de Belem (trabalho hespanhol?)

thico e da Renascença, não obstante avultado numero d'elles provirem da Hespanha e da Italia, tanto quanto se póde julgar. Citam-se mestres competentes n'esta arte, como Pedro Alvares, ourives em Guimarães, 1480; Gil Vicente, o artifice da custodiã de Belem, 1505. Dos thesouros do Museu das Bellas Artes em Lisboa, como tambem dos

execução, certamente solida, mas sem attingir a perfeição classica dos melhores trabalhos italianos e allemães. Como se praticava tambem em Hespanha, eram estes objectos na sua maior parte fundidos, e depois cinzelados; adornavam-se por vezes de esmalte de diferentes côres; mais rara era a filigrana. Limita-se á época de D. Manuel o perio-



Cruz de filigrana de prata pertencente ao thesouro do Mosteiro de Belem

do de fabrico d'estas obras n'uma concepção independente, em cuja composição predominava principalmente e ostylo naturalista, alliando-se o gothico das ultimas épocas á

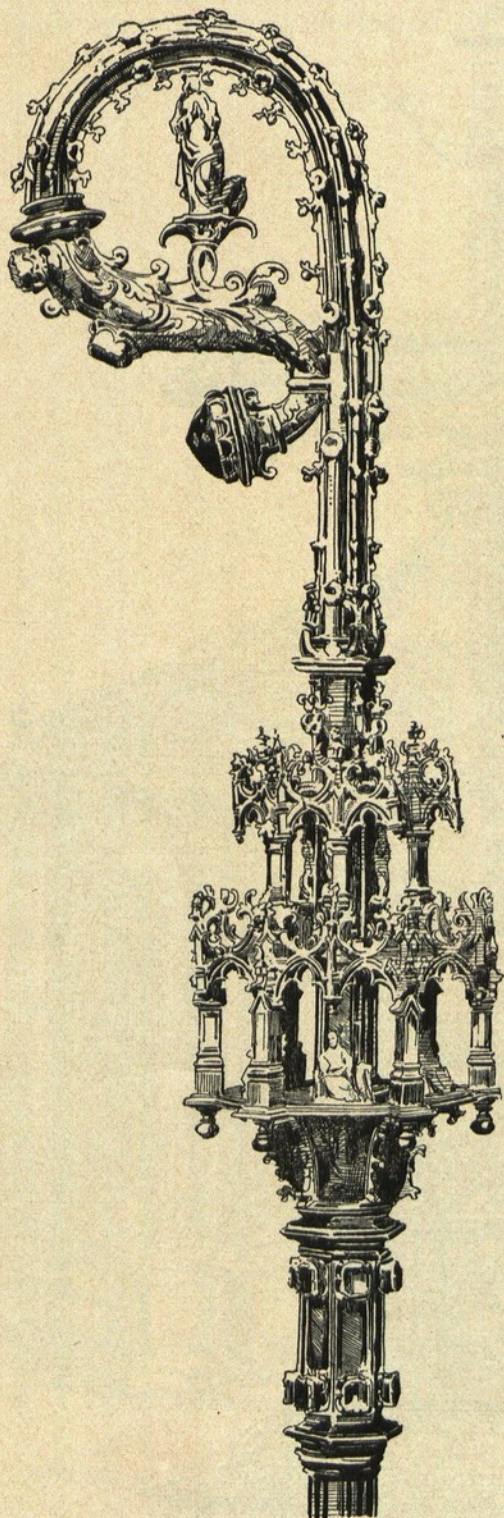
DÃO-NOS mais exacta idéa do esplendor da vida portugueza, além das poucas notas existentes sobre a ornamentação dos palacios (em que especialmente são citadas as sumptuosas tapeçarias) as numerosas pinturas dos mestres portuguezes do tempo de D. Manuel e de D. João III. A riqueza dos objectos d'arte de toda a especie, a abundancia de obras da mais nobre Renascença primaria, que n'aquelles quadros completam a composição e enchem os fundos, permite-nos deplorar, em verdade, a irreparavel perda da independencia portugueza, tanto mais que foi por ella que todo aquelle esplendor cahiu em ruina ou se dispersou pelo roubo.

Não podemos deixar de fallar d'essa escola de pintores portuguezes, se assim a podemos denominar, a qual, de par com a architectura nacional manuelina, se desenvolveu em prospera magnificencia, até agora menos observada e menos apreciada. Depois que se desfez a opinião geralmente vulgarizada, e se radicou a nova e contraria de que todas as obras de pintura d'aquelle tempo, posto que fossem muito parecidas, não se deveriam attribuir a um só mestre, quasi fabuloso, chamado Grão Vasco, consegue-se poder explicar e agrupar d'alguma fórmula esta curiosa e anachronica orientação.¹²

A feição que apresentam estes artistas portuguezes é muito curiosa: é uma continuação da pintura flamenga do seculo xv, cuidando e conservando da escola de Van Eyck até além da metade do seculo xvi, no paiz, e n'um sentido essencialmente nacionalista, aquella execução affectuosa, aquelle estylo severo e desenho firme, dos antigos mestres, como se não tivesse havido nem pintura italiana do seculo xvi, nem Miguel Angelo, nem aquelle maneirismo da época, que já se havia espalhado por todo o mundo,

E' facil distinguir mestres diversos n'aquellas pinturas, algumas das quaes deleitam pela suavidade encantadora, outras pelo movimento apaixonado. Mas, todos elles teem de commum em seus quadros uma apparencia aurea radiante, como se fôra a imagem do periodo mais brilhante do seu paiz, a gentileza dos seus caracteres, o esplendor dos vestuarios e de toda a composição artistica, a delicadeza dos fundos architectonicos, enfim uma graciosa execução em todo o quadro. Quanto ao valor artistico d'estas obras, devêra com certeza esperar maior estimação e mais apreço do que até aqui logrou ter. Justi foi o primeiro que indicou a verdadeira importancia d'estes artistas que dignamente se juntam aos seus grandes modelos dos Paizes Baixos.

A circumstancia de Jan Van Eyck ter



Baculo em prata dourada pertencente á Sé d'Evora

ornamentação da Renascença primaria. Possuem as egrejas d'Evora, Braga e Guimarães, numerosos e esplendidos exemplares. Os trabalhos em serralharia d'arte são executados exclusivamente pelos modelos do gothico dos ultimos periodos.

vindo a Lisboa em 1428 para retratar a infanta D. Isabel, noiva de Filippe o Bom, de Borgonha, bem como a de se indicar a existencia no paiz d'alguns quadros dos successores d'elle, taes como os doze de Gerard David no palacio episcopal de Evora. não podia por si propria dar explicação bastante de ter existido aquella escola posterior e análoga.

Mas a obscuridade que envolvia a origem d'aquelle grupo de artistas, tão isolado em seu tempo, tem-se pouco a pouco dissipado com o conhecimento das relações de Portugal com a Flandres. ¹³ De 1504 a 1559 houve avultado numero de nomes portuguezes na relação da corporação de Lucas de Antuerpia como discipulos de mestres d'ahi, taes, como Quinten Matsys, Goswin van der Weyden, Jacob Spneribol, etc. Os mais antigos quadros d'este estylo em Portugal, os de Thomar, mostram a maneira de Q. Matsys, ao mesmo tempo que Justi estabelece para outros quadros características particularidades das escolas de Harlem e de Calcario. Parece, em verdade, que a arte já extincta nos Paizes Baixos, se conservou intacta no paiz, e n'elle fez notaveis progressos, um reflexo da architectura que por tanto tempo conservou feições medievas. Sómente a introdução do gosto italiano por homens, como o Hollanda, o qual se declarára energicamente contra aquella arte que, dizia elle «não ser pintura nenhuma», a asphixante influencia da arte jesuítica, afogaram aquella ultima e poderosa vergonteia artistica da idade medieva septemlronal.



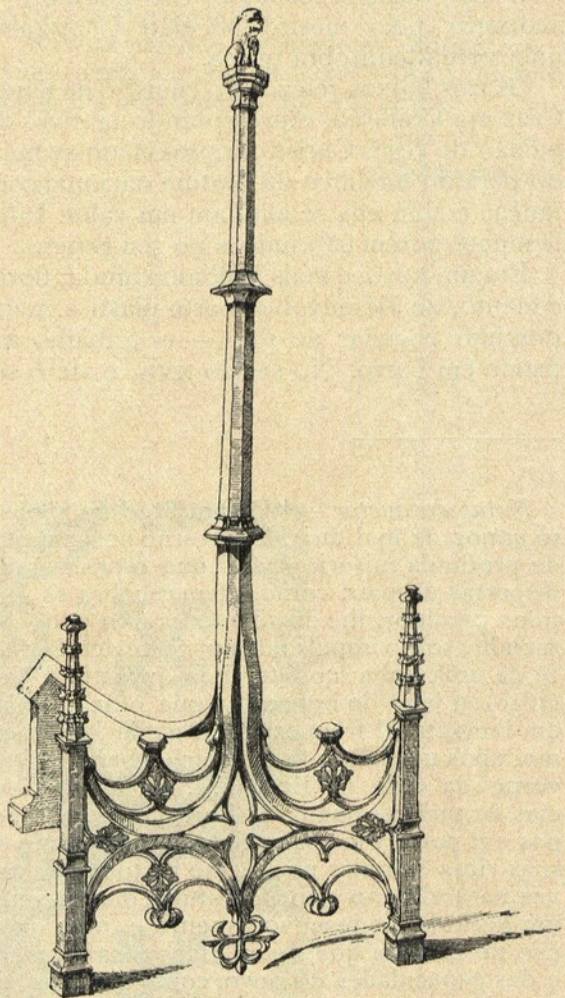
A ESCULPTURA seguia caminho commum ao das outras duas artes, mas em modestos limites, elevando-se raras vezes acima do que lhe permittiam os preceitos da moldura. As grandes construcções publicas, emprehendidas por el-rei D. Manuel, offereceram ensejos para esculptura ornamental; fóra d'isto, a plastica não pode ser apontada em obras independentes. Os trabalhos de Sansovino desapareceram; e, antes da vinda de mestre Nicolau, o Francez, parece que não existiam artistas que exercessem aquelle mestér.

Talvez fosse por isso mesmo que D. Manuel preferisse mandar adornar partes apropriadas a decoração, como por exemplo os espaços entre os arcos dos portaes, com baixos relevos de barro vidrado, alguns dos quaes se conservam no museu de Lisboa, mas nenhum d'elles, como era natural, em seu lugar originario. Eram sem excepção vidrados a branco e pertenciam á escola cha-

mada d'ella Robbia, e por isso vieram da Italia. Que foram encommendados pelo rei, dão testemunho os tympanos das arcarias adornadas da mesma forma, onde se vê o seu braço, retratos contemporaneos, etc.

Um dos mais bellos quadros da escola portugueza representa em segundo plano o portal da igreja da Madre de Deus em Lisboa, tendo o arco ornamentado com *terracottas*, minuciosamente reproduzidas, as quaes desapareceram do seu primitivo lugar.

Apenas os esplendidos portaes de Belem e



Cães de chaminé pertencente ao palacio real de Cintra

de Coimbra começam de desenvolver copiosa riqueza de adorno em figuras esculpidas, as quaes são na sua maioria ligeiramente trabalhadas e acabadas; os mestres francezes de Coimbra conjunctamente com os do paiz, que se deixaram influenciar pela pintura mais nobre, talvez auxiliados por artistas hespanhoes, imprimiram, no reinado de D. João III, vigoroso impulso a estas primeiras tentativas. Números altares, mausoléos e portaes em Coimbra e seus arredores, apresentam um estylo

muito delicado da Renascença primaria, que muitas vezes se approxima da maneira italiana, e ainda mais da hespanhola ou franceza, mas sem ficar longamente dependente da influencia estrangeira. Estes trabalhos juntam á esculptura de figuras, por vezes de uma alta importancia, uma decoração e ornamentação architectonicas encantadoras, de maneira que, obras como o portal do norte da Sé de Coimbra e o pulpito de Santa Cruz, podem muito bem ser comparados com os melhores lavores italianos. Devemos tambem citar o notavel altar da Pena em Cintra, datado de 1532, executado em marmore e alabastro pelo mestre Nicolau Chatranez, uma verdadeira obra prima.

Os tres baixos relevos do claustro de Santa Cruz em Coimbra, representando motivos da paixão de Jesus Christo, approximam-se mais do periodo medioevo da pintura nacional coetanea, e com ella se alinham em valor. Infelizmente porém são unicos no seu genero.

Em um novo, e mais brilhante ainda, florescimento, se desenvolve a arte plastica, n'um dominio peculiar ao paiz, — o trabalho artistico em barro. No seculo XVII, e até o se-

culo XVIII, uma escola memoravel creou numerosas e notaveis composições em barro com pinturas polychromas. Esta maneira, até então desconhecida e da qual se encontram exemplos isolados em Hespanha, foi larga e efficazmente empregada no adorno dos altares, em cima e detraz dos quaes se levantaram famosos grupos de figuras multicolores e douradas, com redução perspectiva até a abobada das capellas. São estas esculpturas de estylo *baroco* moderado, mas decorativo, como aquelle que conhecemos das gravuras de Sadeler. Teem admiravel encanto algumas d'essas obras que abundam em Alcobça, infelizmente quasi arruinadas, principalmente os obrigados grupos de anjos com que costumavam ser adornados os fundos e as abobadas.

A abundancia d'estes esplendidos trabalhos d'aquella época, tende naturalmente a desaparecer pouco a pouco pela falta de respeito do passado e pelo espirito de destruição. Muito seria para desejar que o povo portuguez, rememorando os tempos da sua antiga arte, puzesse termo áquella destruição progressiva.

Notas do auctor.—¹ Foram precisos sessento annos de mal dirigido governo hespanhol, e de profunda miseria, para que o progressivo despertar do paiz, como quem recobra os sentidos perdidos, lhe dêsse a força e o poder de sacudir, sob o impulso de um forte descendente de uma linha collateral da dynastia d'Aviz (1640), o jugo do oppressor que o fizera cahir em lamentavel fraqueza. Mas ainda hoje mesmo, após um longo bem-estar, debaixo do governo da casa de Bragança, as consequencias da terrivel queda de Portugal foram apenas em parte vencidas; do extenso mundo de suas ricas colonias pouco lhe restou. Mas talvez para elle, no seio do futuro, durma ainda um periodo de desenvolvimento e uma posição no mundo, que sejam dignos da situação e das capacidades do povo, como tambem do seu glorioso passado.

² D. João III dava, com cfeito ordem a Pedro Nunes e a André de Resende de traduzirem Alberti e Vitruvio; mas o interesse e a energia do rei não eram sufficientes para realizar sequer a impressão da obra. Maravilha pois que n'aquelle tempo, como parece, Portugal não tivesse produzido, nem ao menos traduzido, uma só obra de theorias de architectura, em presença da já então avançada litteratura hespanhola sobre a arte de construcções.

³ Gabriel Pereira, Estudos Eborenses; Casa Pia. S. II.

⁴ Joh. Petr. Maffei, de Bergamo, jesuita e escriptor (529-1603).— Os intuitos intellectuaes

d'esta roda de homens nada tinha de conforme com a orientação do humanismo dos protestantes allemães, como era natural; Rezende e outros foram ecclesiasticos, Petit e Osorio mesmo bispos; reunia-os tão somente em commum a glorificação da antiguidade classica; e, sob este ponto de vista, deve incluir-se ainda uma fila de prelados d'uma interessantissima intellectualidade, como Miguel da Silva, bispo de Vizeu, o amigo de Castiglione, D. Diogo de Souza, arcebispo de Braga, D. Martinho de Portugal, arcebispo de Funchal, e acima de todos D. Jorge d'Almeida, arcebispo de Coimbra; justamente quatro dos mais calorosos iniciadores da Renascença em Portugal

⁵ J. de Vasconcellos, Renascença Portuguesa I., pag. 145. Vasconcellos tratou de: Alberto Durer e a sua influencia na peninsula; as relações de Portugal com a cõrte de Borgonha; as relações com a Allemanha; o commercio de Portugal nos seculos XV e XVI; relações com a Italia, etc. Estes titulos indicam por si mesmos a importancia d'estes excellentes trabalhos para a historia da arte em Portugal.

⁶ J. de Vasconcellos, Francisco de Hollanda, Renascença Portuguesa, IV. — Raczynski, as Artes em Portugal, p. 5 e outras.

⁷ «Reinando em Portugal el-rei D. João III, que Deus tem, Francisco d'Ollanda passou á Italia e das antigualhas que viu, retratou á sua mão todos os desenhos d'este livro».

⁸ As extraordinarias obras da architectura mourisca executadas com tijolos na peninsula

Iberica não são infelizmente bastante apreciadas embora não sejam inferiores ás gothicas septentrionaes.

⁹ Esta decoração, que offerecia ao artista amplo ensejo de exercitar o seu pincel expedito e leve, teve desde o seculo xvii uma perfeição que não mais foi igualada. N'esse tempo a côr era somente o cobalto sobre fundo branco, mas a riqueza da composição compensava a monotonia do colorido. Toda a parede era recoberta de pinturas historicas, allegoricas ou religiosas, mesmo quadros de genero, cercados de molduras em magnifica architectura. Numerosos trabalhos d'este genero se vêem, entre outros logares, na egreja da Graça em Santarem e na egreja do Hospital em Braga, O seculo xviii conheceu, n'este dominio da arte, muitos mestres celebres; e ainda hoje, embora muito decahida, como era natural, se emprega esta maneira de decorar.

¹⁰ J. de Vasconcellos, Exposição de Ceramica. Porto 1883. — O mesmo, Ceramica portugueza, na Historia da arte em Portugal.

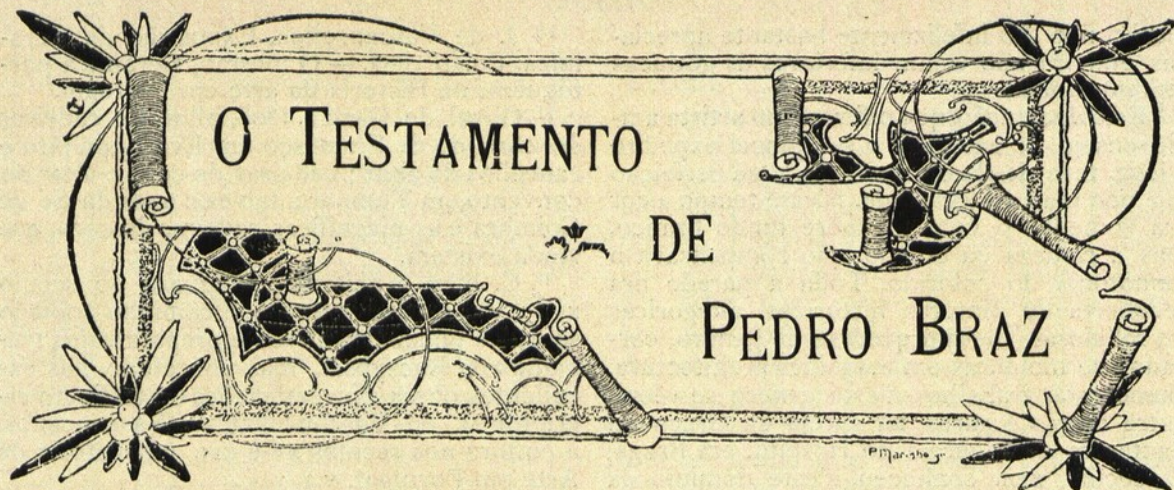
¹¹ Olivel de Gand : 1508, altares e cadeiras do côro de S. Francisco em Evora, pulpito e cancêllos do altar; cadeiras do côro e altar do convento em Thomar; talvez o altar da Sé de Coimbra e as magnificas cadeiras do côro, que ainda existem.

¹² C. Justi, a pintura portugueza do seculo xvii: um exame que rompe caminho apoiado sobre os poucos positivos e preparatorios trabalhos de Raczynski, mas sobretudo nas excellentes obras e investigações do distincto escriptor J. de Vasconcellos. — (Vasconcellos, a pintura nos seculos xv e xvi, na Historia da Arte em Portugal, v.)

¹³ Vasconcellos, archeologia artistica 1. A pintura nos seculos xv e xvi — Justi, obra citada. Os portuguezes em Antuerpia.

(Continúa).





O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ

Synopse dos dois capitulos publicados — *Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado.*

CAPITULO TERCEIRO

Em que se mostra como um simples gracejo determina a ambição d'um pretendente á herança de Pedro Braz, e como os favores que se dispensam nem sempre são o melhor meio de obter amigos.

O PRETENDENTE á herança jacente de Pedro Braz era incontestavelmente um homem de phisionomia agradável, insinuante, como a têm quasi sempre os aventureiros audaciosos, para quem a falsidade é o fundo do caracter, a mentira a linguagem habitual, a ausencia de escrupulos a norma de sua consciencia. A' primeira vista são sympathicos; elle era-o tambem. Sujeitos a exame mais minucioso, inspiram certa repugnancia que apenas se torna sensivel aos mais prevenidos; assim era tambem este. Se alguém lhe perguntasse como vivia, não poderia dizel-o, se acaso quizesse fallar verdade.

Caminheiro de profissão, tinha d'este o aspecto vagabundo, mas accrescia-lhe a audacia do aventureiro.

O acaso das suas constantes peregrinações trouxe-o um dia a Malugalala. Parou ali sem mesmo saber onde, assim como difficilmente saberia dizer d'onde vinha. Pareceu-lhe devoluta a propriedade, não obstante o fumo que sahia d'uma chaminé das construcções exteriores annexas, denunciasse que havia gente por ali e que a fazenda não estava

abandonada. Bateu á porta da habitação principal na perspectiva de que ninguem lhe respondesse.

Com grande surpresa sua, abriu-se-lhe a porta e viu defronte d'elle uma mulher.

— O que quer? — perguntou ella em tom pouco affavel.

— Poderá dar-me pousada, senhora? solicitou elle.

— Acaso lhe parece que eu o poderia fazer aqui? — e mostrava-lhe a nudez da sala cuja porta abrira, vazia de moveis.

— Bem, não pode. Agradeço-lh'ò da mesma forma. Está-se mudando ou está desfazendo a casa? perguntou investigador.

— Desejava bem poder desfazel-a, derrubal-a, pedra por pedra; assim talvez se decidisse este mysterioso caso...

— O que quer dizer? — disse o vagabundo sentando-se no degrau da porta, disposto a aproveitar da expansão da mulher, que bem lhe denunciava a indiscreta obcecação das idéas fixas. Este sitio tem um aspecto de grande abandono, é certo.

Sem repugnancia a senhora Geo contou tudo quanto sabia dos negocios de Pedro Braz, da desaparicação do testamento, e da voz geral no districto de que o advogado Millington esperava ser herdeiro. O homem escutou com a maior attenção, e a mulher na sua ingenua simplicidade estava radiante de encontrar ouvinte tão interessado. Deu-lhe licença de pousar n'uma das edificações annexas e forneceu-lhe agasalhos.

Perguntou-lhe o nome e elle disse chamar-se José Candler.

Este aparentemente nada investigou, mas ia recolhendo com avidéz todas as informações sobre o fallecido dono d'aquellas propriedades. Diligenciou chamar a si o velho mulato André, e saber d'elle tudo quanto podesse; mas o dedicado servo não queria fallar sobre o assumpto. Rasavam-se-lhe os olhos de lagrimas e voltava costas, abanando a cabeça com tristeza.

Candler foi-se demorando alguns dias; Thomaz Geo, o chefe dos pastores, aborreceu-se de ter ali o desconhecido e mais de uma vez esteve inclinado a mandal-o embora. Comtudo ficava sempre hesitante. Uma manhã, percorrendo em sua inspecção vigilante, um ponto afastado da propriedade, encontrou-se com Bob, aquelle que Pedro Braz nomeou á partida para Sydney, manifestando desejo de o levar. Bob acampara n'aquelle lugar para dirigir a limpeza e concerto de uma das vastas cisternas, que abasteciam a propriedade, d'agua para os carneiros e para todo o outro gado.

Thomaz contou ao moço corredor de cavallos a sua intenção a respeito do homem a quem dera pousada, e Bob, resolutivo e energico, resolveu dar-lhe motivo na primeira oportunidade. Montaram a cavallo, e caminharam juntos até a casa central, e quando chegaram perto, Thomaz indicou-lhe Candler.

— O quê! como esse homem se parece com o patrão — exclamou Bob, apontando Candler, enquanto os cavallos se approximavam. Thomaz observou-o com attenção, e voltando-se para Bob concluiu:

— Não vejo d'onde lhe venha a parecença; e saltou do cavallo.

— Pareceu-me, até no seu andar vagaroso e arrastado; e Bob apeou-se tambem, levando os cavallos para a estrebaria.

N'essa noite foi ter á pousada de Candler. Ora Bob era de sua natureza viva um pouco gracejador.

— Boas noites, sr. Pedro Braz — disse elle entrando onde estava Candler sentado, fumando, junto da chaminé em cuja lareira ardia um tronco de arvore.

A estação não era fria, mas elle gostava de ter fogo: — era companhia — explicava. Olhou surprehendido para Bob e perguntou:

— O que quer dizer?

— Não será o senhor um neto de Pedro Braz, ou um filho da sua velhice?

Candler sorriu-se intencionalmente, e nos olhos passou-lhe um relampago de subita ambição.

— Então julga que me pareço com o velho?

— Acaso não o reconheci logo? O senhor veio por certo reclamar a herança? Não ha testamento, como sabe, portanto poderá tentar a successão.

— Talvez seja essa a minha idéa, quem sabe?

— Pois bem; basta apresentar a prova da descendencia, a arvore genealogica. Os aca-sos felizes apenas herdamos por legado, meu caro senhor.

Candler riu-se outra vez.

— Quem é este João Millington, — perguntou — que parece querer ter direitos sobre as propriedades?

— Um advogado em Sydney; portanto bem póde ter cuidado em tratar com elle.

— Os advogados em Sydney são tantos como as sementes de herva no verão; com isso nada me importo.

— Olhe que elle é homem muito esperto, não ha duvida, — e, rodando um pequeno cepo de madeira que Candler trouxera para queimar, Bob sentou-se.

— Elle não é tolo; posso dizer-lh'o.

— Nem eu tão pouco.

— Não? — e havia na voz do moço uma tal inflexão que o companheiro olhou para elle fixamente. Bob, porém, tirou da algibeira a pequena navalha de uso e serenamente começou a cortar tabaco para o cachimbo. — Bem, se o senhor se mette com elle ver-se-ha em breve quem é o esperto. Demais, ha tambem uma mulher que pretende eguaes direitos.

— Não faço caso, nem de cincoenta mulheres.

— Oh! o senhor é o primeiro homem a quem ouço dizer isso. Com certeza, não é casado, aliás não fallaria assim, — e meneou a cabeça com um sorriso malicioso.

— Não, não sou casado, e se o fosse, gostaria de vêr a mulher, querendo embaraçar-me os passos!

Bob encheu o cachimbo e accrescentou solemne: — O senhor tem muito que aprender . . . mas muito . . .

— Talvez — foi a resposta. Com que então pareço-me com o velhote?

— Com certeza; exactamente, como duas flores da mesma estaca. Vá procurar o sr. Millington vá, elle lh'o dirá.

— Creia que irei.

— Faz muito bem.

— Dir-lhe-hei que esta propriedade é minha.

— Julgava isso mesmo.

— Julgava?

— Decerto. Não o disse agora? — continuou, aspirando do cachimbo uma forte e espessa baforada.

— E creia que, quando tiver tomado posse d'ella, lembrar-me-hei de si — acrescentou Candler com visível intenção de ameaça e de ironia.

— Obrigado. Supponho que até lá terei ainda muito trabalho a fazer aqui.

— Ora ouça, continuou Candler, o nome de minha mãe era o de Maria Bráz.

— Assim o da minha...

— O quê?

— Deveria ter sido, visto que não era.

— Minha avó, era irmã de Pedro Braz.

— Assim deveria ter sido também a minha avô, sómente não o era — replicou Bob em tom grave e serio.

Candler olhou para elle desconfiado e irritado:

— Receio que esteja doido.

— Diz o vulgo que todos o somos. Qual dos dois será o maior? Essa é a questão.

— Se não é doido, quer dar indícios de que esteja muito proximo de o ser — replicou Candler com mal disfarçada ira; mas contendo-

se, acrescentou: — Ora bem, quer ou não ouvir a minha historia?

— Fie lá a sua lã. Ajudar-nos-ha a passar a noite; e sacudia ao mesmo tempo a cinza do cachimbo na ponta da bota, n'um movimento que lhe era peculiar.

— Como lhe ia dizendo, a minha avó era irmã de Pedro Braz.

— Já morreu?

— Já se vê que sim.

— Pobre creatura.

José Candler estava completamente fóra de si. Sentia que o seu companheiro preten-

dia desfrutar-o, n'uma incredula ironia irritante.

Ficaram por momentos silenciosos.

— Acabou-se a historia? disse Bob, sacudindo de novo a cinza do cachimbo, e levantando-se para sahir.

— Não, não é só isso. Minha mãe era filha d'ella.

— Decerto. Isso era natural.

O homem olhou para Bob com aspreza; porém encontrou n'elle a expressão mais innocente e mais impassivel, que lhe desarmou a intenção ameaçadora.

— Ella foi unica filha, e eu sou unico filho d'ella, seu herdeiro, portanto como vê, herdeiro do velho.

— Não vejo, ouço.

— Pois sim: ora minha avó dizia sempre que eu era muito parecido com o irmão.

— Está bem; e depois?

— Este Pedro Braz, fallecido dono de Malugalala, era um degradado.

— O senhor mente — retorquiu Bob com indignação.

— Que diz? interrompeu o outro com espanto, e desespero.

— Digo que será mentiroso, se se atrever a

afirmar que o meu defunto patrão fosse um degradado. O irmão de sua avó, se ella teve algum, poderia ter sido, talvez fosse. Mas se se atreve a repetir que o meu velho patrão era degradado, fique certo de que... — gritou Bob com desabrida colera.

— Não se zangue, homem.

— Não affirme cousas que não sabe. E lembre-se que se diz por aqui que a alma de Pedro Braz não póde descansar e anda penando ainda. Quem sabe se ella o está ouvindo?! — e espreitava em redor., como se estivesse assustado.



... se se atreve a repetir fique certo...

Depois lentamente sahiu, tendo comtudo deixado, por gracejo inconsequente, um inimigo pessoal e um pretendente á herança do velho Braz.



José Candler deitou mais algumas achas no lume, não tanto para se aquecer como para ter luz. Não lhe agradara a idéa do phantasma de Pedro Braz. Homem habituado á vida errante dos mattos, tinha todas as superstições que no isolamento desperta a contemplação da natureza rude, indomita e mysteriosa.

Na manhã seguinte, Thomaz Geo deteve-o no momento em que elle ia descendo vagarosamente a valla que circundava a propriedade.

— Já deliberou o que ha-de fazer?

— Não — replicou Candler em tom seguro.

— Então será melhor escolher destino. Pode ir hoje pela estrada pensando definitivamente, hein ?!

Tentou encontrar Bob antes de deixar Malugalala; mas só o avistou quando ia já pela estrada fóra. Bob viu-o tambem, soffreu o andamento do cavallo que montava e gritou-lhe de longe:

— Então a caminho da fortuna?

— Sim, a caminho de Sydney. Parto para ir buscar a minha herança.

— Ha-de achal-a talvez na prisão da colonia com o resto da sua familia; e, rindo ás gargalhadas, Bob internou-se na floresta.

— Deixa-me obter um dia esta propriedade, gritou Candler com ameaçador aspecto — e bem depressa seguirás tambem pela estrada fóra, a caminho da fortuna. Essa, te juro eu.

Caminhou longamente, meditando no seu plano astucioso, parando aqui e ali, em varias fazendas, e perguntando os caminhos de pousada em pousada, a acalentar esperanças de riqueza, a convencer-se do seu supposto direito á herança de Pedro Braz. Afinal chegou a Sydney, e dirigiu-se para o habitual *rendez-vous* dos que vivem em busca d'uma interferencia do acaso, o Parque Publico.

Pela tarde dirigiu-se ao escriptorio de João Millington, na rua de Pitt, a rua destinada á profissão legal, como a nossa rua dos Capellistas ao mundo da finança. Ladeam-n'a elevadas construcções de pedra, casas de aspecto venerando, solidas, pertencendo na sua maior parte a descendentes dos primeiros colonos.

N'uma d'ellas, João Millington occupava um quarto no terceiro andar. Era quanto lhe permittia a sua actual situação. Simples mas

elegantemente mobilado, destacava-se como principal ornamento, um busto de Gladstone, esculptura de Parian, lembrança d'um cliente reconhecido.

Quantas visões de luxuosa installação lhe haviam passado pela phantasia, inspiradas na promessa de Pedro Braz, e quanto terrivel foi depois a decepção, não apparecendo o testamento!

O advogado João Millington era um rapaz baixo, reforçado, tez morena, olhar penetrante e vivo, cabellos negros e lustrosos como as azas do corvo. De maneiras attentiosas, trazia impressas na physionomia a habilidade e a tenacidade no trabalho. Tinha ganho algumas causas somente em resultado da sua inquebrantavel persistencia. Apesar do seu aspecto de energia rude, tinha no fundo um character bondoso. Recebia os clientes sem os avaliar pelo traje ou pela apparencia. Eram para elle necessitados ou infelizes que recorriam ao seu conselho e confiavam na sua defesa. Ouvia-os, e se acceitava a sua procuração, dava-lhes toda a sua intelligencia e saber.

E' preciso não se suppôr que não haja na colonia tanto *snobismo* desprezivel e mesquinho, como na metropole, e que por lá não medrem e predominem as considerações posiças e os respeitos indevidos á posição, ou ao exito na vida. Uma sorte feliz na exploração de minas, ou em corridas de cavallos, justifica a recepção effusiva na sociedade official e *snobica*, a qual apresentará todas as suas galas, e dispensará todos os seus sorrisos, ao mais convicto fraudulento do mundo, se elle possuir riquezas que abafem no tenir metallico do dinheiro o som dos queixumes das victimas innominadas.

Ora João Millington conhecia muito bem a vida escandalosa da colonia, tendo-se relacionado e fazendo-se estimar pelo seu character firme e recto. Somente por temperamento e por educação intellectual, desprezava o *snobismo* hypocrita, e tratava com igual cortezia o rico respeitadô e o pobre envaidecido, como o criminoso desprezado ou o pobretão infeliz. O julgamento dos caracteres, reservava-o elle no intimo da sua consciencia; escusava de affectar fingidas considerações e respeitos. Foi por esse motivo que Millington pediu a José Candler, não obstante a sua apparencia equivocada, que se sentasse, e expozesse o seu negocio. Mandou-o sentar na cadeira, em que todos os seus clientes se sentavam defronte d'elle, e com a luz da janella a dar-lhe em cheio na face. Assim elle, do seu lugar, podia vigiar o movimento e expressão da phisionomia.

— Estou, como póde ver, muito em baixo

na minha situação — principiou o visitante. João Millington inclinou-se ligeiramente, como quem reconhece o facto.

— Com effeito, tenho sido um vagabundo durante longos annos, e acabo de chegar agora de longinquas paragens. Tenho percorrido as estradas, caminheiro de aventuras, acampando onde tenho podido, obtendo alimento onde apparecia.

O moço advogado inclinou-se na cadeira, curioso de saber a que ponto queria elle chegar. José Candler affectou uma certa perplexidade.

— A minha velhóta

— Sua mulher presumo?

— Não, minha mãe, uma velha rija que era, fallou-me muitas vezes n'um tio solteiro que viera para aqui assentar residencia . .

— O senhor nasceu na colonia?

— Sim.

— Queira continuar.

— Esse homem era irmão da mãe d'ella, e elle era o ultimo dono de Malugalala. — e parou para vêr o effeito d'esta palavra sobre o advogado. João Millington não moveu sequer um musculo da face, mas redobrou de attenção na analyse do visitante.

— Vim portanto para reclamar a fortuna jacente e desejo que me auxilie.

— Sim!

— Sim.

— Talvez lhe convenha saber desde já que tenho um particular interesse n'essa fortuna.

— Tem? — com extrema surpresa, tão exagerada que não escapou á viva attenção de Millington.

— Seria plano mais acertado consultar qualquer outro advogado.

— Não, preferia que o senhor tratasse do assumpto. Olhe lá, o senhor auxilia-me, e eu auxiliá-lo-hei tambem, e repartiremos entre os dois os bens da herança.

— Não, obrigado, não estou habituado a fazer negocios n'estes termos, e o advogado levantou-se e indicou a porta do escriptorio ao seu supposto cliente.

Alguns dias depois Candler visitou-o outra vez, porém teve a glacial recepção que devia esperar.

— Olhe lá, senhor doutor, principiou em forçado tom de destemida audacia, aqui me tem outra vez.

— Assim estou vendo.

— Sim, e venho pedir-lhe novamente que me ponha a caminho na revindicação da herança do meu avô que se chamou Pedro Braz . . e propositadamente parou para acrescentar — se este era o seu verdadeiro nome . . — e quiz ver o effeito da duvida, que levantava, na physionomia do advogado.

João Millington apenas encolheu ligeiramente os hombros, e sorrindo accrescentou:

— Na verdade muita gente ha que occulta o seu verdadeiro nome, por uma ou outra razão.

— Assim será, mas o verdadeiro nome d'este velho era Pedro Braz — rompeu Candler n'uma affirmativa vehemente. Por quê motivo quereria elle occultal-o? Era um fazendeiro e esses em geral não querem mudar os seus nomes. A impassibilidade de João Millington e a simples phrase que dissera sorrindo, voltaram contra o aventureiro o argumento de duvida que elle pensava provocar. Sentia-se desnorteadado, suppondo que o advogado sabia mais do que elle a respeito de Pedro Braz.

— Emfim eu desejo fazer valer os meus direitos.

— Pois faça.

— Affirmo-lhe que sou o herdeiro de Pedro Braz.

— Assim poderá ser, comtudo talvez nada lhe venha a pertencer.

— Então o senhor quer contestar a minha affirmação?

— Não contesto que o senhor seja o herdeiro d'um Pedro Braz, porém eu não estou seguro de que seja o herdeiro do fallecido dono de Malugalala.

— Pois bem, hei-de proval-o.

— E' justamente isso que tem de fazer.

— Bem sei que não appareceu o testamento.

— Sabe então que elle fez um testamento?

— Não, não o fez; portanto tudo me pertence. Quando tiver conseguido fazer valer os meus direitos, eu lhe provarei quem sou.

— E' natural, mas queira retirar-se — e pela segunda vez lhe apontou a porta do escriptorio, severamente, com decidida firmeza e energia.

José Candler ia assim augmentando o numero d'aquelles que elle tencionava esmagar quando tomasse posse das suas propriedades. Convencido, porém, que o seu plano de levar João Millington a associar-se-lhe na exploração do caso, fôra errado, porque viera quebrar-se contra a honestidade solida do moço advogado, continuou a frequentar o Parque, machinando uma nova solução.

Estava um dia sentado á sombra das arvores, immerso em suas cogitações, quando viu approximar-se d'elle um individuo que lhe pareceu reconhecer. Com effeito, vira-o no escriptorio de João Millington, e assistira mesmo a parte da sua entrevista.

— Ainda bem que o encontro. Procurava-o. Eu sou advogado. O senhor tem ou quer ter uma demanda. Estou ao seu dispôr.

Candler mirou-o de cima a baixo, fazendo

estremecer o desconhecido auxiliar sob esta investigação. Era o reconhecimento dos aventureiros.

José Candler contou-lhe toda a historia, a qual o advogado ouviu attentamente.

— Tem alguns documentos que provem a sua asserção? — perguntou.

— Posso obtel-os.

— Então obtenha-m'os, examinal-os-hei e se julgar que o negocio merece o trabalho, encarregar-me-hei do caso.

Geeves era na realidade advogado. Tinha mesmo sido um dos melhores praticos dos tribunaes de Sydney. Contrahira porém o vicio de beber, e d'ahi toda a sua desgraça. Fôra-se-lhe embora a reputação e com ella a clientella. João Millington, que o conhecera no fôro, tivera dó d'elle e dera-lhe algum trabalho de copias para fazer. Tambem lhe entregara uma ou duas causas insignificantes, mas fôra inutil a tentativa de regeneração. O seu unico fim de ganhar dinheiro era para o gastar nas lojas de bebidas. Tornara-se um dos *habitués* do Parque.

Tendo surprehendido na entrevista de Candler e de João Millington motivo para uma demanda rendosa, não obstante as obrigações que devia ao moço advogado, dispozera-se a ir contra elle. Não pronunciou a minima palavra sobre o assumpto, continuou a fazer copias a João Millington e a acceitar favores das suas mãos, emquanto trabalhava com o seu novo socio aventureiro em recolher materiaes com os quaes podesse derrotar o seu bemfeitor.

CAPITULO QUARTO

Em que se descreve a vida no matto e alguns dos seus mais typicos incidentes.

FRANCISCO Crapp, para casa de quem a senhora Moss concordara em ir servir de governante, convalescia d'uma longa doença nervosa. Applicação forçada e excessiva ao trabalho, e muito especialmente fadiga de espirito com a tortura da vida, produziram-lhe profunda neurasthenia. Jornalista muito acceitavel, encontrara immensas difficuldades em abrir carreira, e soffrera todas as decepções que a consciencia do valor proprio julga erradamente improvaveis ou impossiveis.

Quando chegara á colonia, procurara um editor d'um grande jornal de Sydney, para quem levava carta de recommendação, e offercera-lhe os seus serviços. O editor anavelmente prometteu-lhe que, se a todo o tempo podesse ser-lhe util, teria n'isso o maior prazer. Conseguiu encetar a sua carreira jorna-

listica, redigindo na sua quasi totalidade um jornal menos importante. Mais tarde recordou ao poderoso editor a antiga promessa, mas não recebeu resposta alguma á sua carta. Deixou passar mezes, renovou a tentativa, porém ainda sem resposta.

Escrevera uma novella que lhe parecia excellente, finamente trabalhada, com toda a illusão de quem faz um primeiro ensaio, e procurava editor. No desempenho das suas duplas funcções de redactor e *reporter*, no pequeno jornal pouco lido, conhecera João Millington após uma audiencia de crime sensacional, onde brilhara a palavra eloquente e persuasiva do moço advogado. Ambos em busca do exito, ambos intelligentes e bondosos, ligaram mais intimas relações. A leitura da novella foi passatempo obrigado depois d'um jantar.

— Porque não a offerece á *Gazeta da Cidade*? — dizia João Millington, animando-o com enthusiasmo sincero.

Crapp contou-lhe então a enganadora promessa do prospero editor.

— Quando lhe escreveu? — perguntou João Millington.

— Ha bons oito mezes! . . .

— Ah! n'essa occasião estava elle ausente da colonia, em viagem de recreio, portanto é provavel que a sua carta nunca lhe tivesse chegado ás mãos.

— Escrevi-lhe outra vez na semana passada . . .

— Acaba apenas de voltar de Victoria — replicou o advogado — Ouça, meu amigo, procure-o, veja se lhe falla pessoalmente. Na vida é preciso sempre experimentar a força suggestiva pessoal. Se elle o tivesse lido podia ter recebido a impressão do seu talento; mas creia que elle não o lê no jornal onde o senhor escreve, e no d'elle tem escriptores em abundancia. Suppra este desconhecimento com a impressão pessoal.

Crapp era, porém, um timido orgulhoso, ou independente, e não acceitou o conselho. Escreveu ainda outra carta, cujo resultado foi igual ao das anteriores: a mesma falta de cortezia, que acompanha por vezes os exitos immerecidos, n'uma inconsciente despreocupação do valor alheio. Crapp foi recrutando pouco a pouco amigos e alargando relações, por entre o incessante trabalho que o neurasthenisou implacavelmente.

Por aquelle tempo o dono da *fazenda* Narenita, admirador entusiasta do moço jornalista, resolvera voltar com a familia, á sua casa da Escossia. Escreveu a Francisco Crapp n'estes termos: «Vou para a minha casa com toda a familia. Poderei demorar-me tres annos; talvez cinco. A creançada precisa entrar

no collegio, e entretanto irei com a minha mulher viajar, percorrer essa velha Europa. Preciso de alguém que fique aqui em casa enquanto estiver fóra para escripturar os livros. O administrador, Alfredo Green, que é um bello e digno rapaz, tomará conta de todos os negocios das pastagens e da fazenda. Quererá o meu amigo encarregar-se por mim da contabilidade e da escripturação da casa? Traga a sua governante. Gracia, a nossa criada, tem estado comnosco ha muitos annos, e estimariamos deixal-a aqui comsigo se quizesse acceitar-lhe os serviços. Diga-me que póde ficar em meu lugar. Desejamos partir breve, e vamos deixar-lhe a casa para si. Green, o administrador, tem residencia propria, n'um outro extremo da propriedade. Peço-lhe que me responda na volta do correio, dizendo que proporciona ao seu affectuoso amigo este favor».

E ainda acrescentava ou tras minudencias que não merecem transcripção.

Francisco Crapp mostrou a carta á senhora Moss, e perguntou-lhe a opinião.

— E' um esplendido offercimento — replicou ella.

— A vida n'uma fazenda, no interior do matto, no meio de interminaveis pastagens, deve ser terrivelmente triste—objectou Crapp, enganando-se como succede a todos os habitantes da cidade.

— Tenho ouvido dizer que é justamente o contrario, e gostaria bastante de ir tambem, mas creio que não precisará dos meus serviços, logo que elles deixam lá a criada antiga.

— Ao contrario, espero que queira acompanhar-me, senhora Moss.

— Certamente. Narenita? Parece-me ter já ouvido este nome.

— E' no districto de Talworth. Confinha com Malugalala ao sul.

— Realmente? Eu estive em Malugalala, como sabe, e recordo-me agora de ter atravessado uma parte da propriedade de Narenita quando sahimos uma vez a passear. Este nome, parecia-me na verdade conhecido.

Quinze dias depois Francisco Crapp e a senhora Moss iam a caminho de sua nova residencia.

— Terei enjejo de observar a vida do campo, em toda a sua plenitude — dizia Crapp a João Millington, apertando-lhe a mão na estação de Redfern, no momento de despedida.

— E inclua o resultado das suas observações no seu proximo romance, — concluiu o advogado.

• • •

Quando chegaram a Narenita já tinha passado a época das tosquias dos carneiros. e começava o periodo de vida mais socegado na fazenda,

com respeito a trabalhos ruraes, mas havia muito ainda que fazer, com respeito aos negocios de lãs. Tornavam-se mais frequentes as visitas dos compradores. Ambos tomaram um vivo interesse pelo genero novo de existencia que lhes transformava completamente os antigos habitos. Os Green, mulher e marido, fizeram-lhes tambem excellente acolhimento.

Alfredo Green era um bello caracter, digno de confiança cordeal, energico, agradável e um perfeito administrador; sua mulher uma senhora delicada. Ella e Helena Moss breve se tornaram amigas. Sendo ambas habeis amazonas, faziam largos passeios, e o entar-



.. *Eu vejo sempre meu velho amo..*

decer muitas vezes as surprehendeu fóra e distante, forçando-as a uma volta apressada para casa, no mais franco galope dos seus excellentes cavallo. Montar bem é condição essencial para viver nas extensas pastagens australianas.

A senhora Moss tinha do seu trabalho muito tempo disponivel, porque a antiga criada Gracia a substituiu habilmente nos labores domesticos e mais de uma vez ella significou a Crapp que era uma despeza desnecessaria a sua estada ali, mas este não queria de nenhuma maneira prescindir da companhia d'ella, sempre receioso de que pudesse cahir novamente doente, e depositando n'ella inteira confiança.

— Muito gostava de ir a Malugalala esta tarde, e rever a minha antiga residencia. Dispensa-me por hoje — disse-lhe ella um dia.

— Certamente, senhora Moss. — Quer levar algum dos criados comsigo ?

— Oh ! não — respondeu, rindo. Anda-se livremente pelo matto. Nada ha que temer, e eu conheço o caminho. O proprio cavallo me encaminhará lindamente e não me demorarei muito tempo. Voltarei a casa para o chá da tarde.

E partiu. O velho André, o mulato, a quem primeiro encontrou, ficou surpreso e encantado de a vêr novamente.

— *Sinhora*, exclamou elle, *sinhora*, eu morro breve, e eu desejo vê-la quando estiver para morrer.

— Pois sim, André. Mande-me um recado a Narenita quando chegar essa occasião, e eu virei logo, mas isso ainda vem longe.

— Ah ! *Sinhora*, — e baixou a voz para lhe dizer quasi em segredo: — Eu vejo agora e sempre o meu velho amo. Elle vem a mim — e acenava com as mãos, em gesto de designar uma visão longinqua.

— Então, André não se deixe perturbar.

Em casa da senhora Geo, com quem jantou, encontrou Bob sempre alegre, na sua rude energia.

— Contava que viesse vêr-nos, desde que soube que estava em Narenita.

— Sem duvida, e desejaria vêr tambem a casa. Quem tem a chave ? E' André ?

— Sim — replicou a senhora Geo. Mas a do portão principal guardei-a ; André entra e sahe pela porta trazeira da qual elle tem a chave. Vou dar-lhe a outra, minha senhora, e quando tiver sahido da casa, como é distante, poderá deixal-a na fechadura. Lá se irá buscar.

— Não, não ; — hei-de trazel-a, volto aqui outra vez ; mas tenho de me apressar porque prometti não chegar tarde a Narenita ; somente desejava ainda passar por toda a casa uma vez mais.

— Fica-lhe fóra de caminho a volta por aqui, senhora Moss, — disse Bob — Estarei dentro de meia hora lá em cima, e receberei a chave.

— Obrigada.

E montando a cavallo, Helena Moss bem depressa chegou ao sitio da casa. Percorreu os quartos solitarios, reviu a vista das janellas, e tristemente pensou que tudo lhe podia pertencer, se acaso apparecesse o testamento. Demorou-se no aposento que tinha sido sala de visitas antigamente, com a frente encostada ao caixilho da janella, meditando. N'aquelle momento sentiu passos no cascalho da alameda e viu Bob que se aproximava. Presurosa foi abrir a porta.

— Ainda se não encontrou o testamento ? — perguntou Bob, como que seguindo por suggestão os pensamentos intimos da senhora Moss.

— Por ora ainda não. Onde estará ? Seguramente deve apparecer um dia.

— Não duvido, minha senhora — replicou Bob — Ouviu fallar do aventureiro que tivemos aqui, ha umas semanas, de passagem e que se dizia herdeiro de meu fallecido patrão ?

— O sr. Millington disse-me que alguém tinha apparecido pretendendo ser herdeiro do sr. Pedro Braz, mas não sabia que tinha estado em Malugalala.

— Veio sim, minha senhora. Elle apresentava-se profundamente convencido do seu papel. Mas perdôe-me, vae para casa esta noite ? — interrompeu subito.

— Sim, na verdade, tenho de ir. Disse ao sr. Crapp que estaria em casa antes de anoitecer, e observo que está escurecendo bastante já. Como tudo está tão cerrado !

— Parece-me tempestade que se aproxima. Não desejava que se molhasse, mas devo confessar-lhe que estimaria muito vêr cahir uma bella chuvada. Não temos tido chuva, vae em quatro mezes, e as cisternas vão baixando a olhos vistos.

A senhora Moss procurou n'um relancear um poial para montar.

— Permitta-me — atalhou Bob adivinhando-lhe a intenção, e com toda a delicadeza offereceu-lhe auxilio, n'um elegante movimento de gentileza do matto.

— Vou acompanhal-a parte do caminho — continuou elle, e antes que tivesse tempo de ouvir recusa delicada partiu a buscar o cavallo.

Em breve tomavam a galope por uma extensa planicie de pastagem, onde a relva queimada, secca e loura como se fôra uma ceara, denunciava bem os effeitos da longa estiagem. Bob olhava com tristeza para aquella deso-

lada campina e lastimava-se da constante ansiedade e incerteza da vida pastoril australiana. Sentia-se um grande peso no ar,

sobre a terra, rapidamente, devorando tudo na sua carreira vertiginosa.

— E'na nossa propriedade— exclamou Bob

— e segue para baixo, para o lado dos curraes. Desculpe-me, mas tenho de voltar para trás e obter prompto soccorro. Temos de salvar os estabulos e os celleiros.

— Sim, sim volte para trás — concordava a senhora; eu seguirei e mandarei auxilio de Narenita. Não ha um momento a perder; os vallados e os aceiros estão pouco limpos e o fogo galga sobre a relva secca.

E os dois partiram a galope desfechado, em direcções oppostas, quanto podiam as montadas. Assim corriam na maior velocidade possivel com um só pensamento, a salvação dos estabulos. Quem os podesse ter visto rompendo através do matto, galopando despreoccupados do perigo mas com admiravel destreza, voltando e torcendo em redor das arvores, passando por baixo dos ramos pendurados, saltando aqui sobre cepos, ali sobre valas profundas e corregos abertos no chão pedregoso, montados em cavallos desferrados, deveria ter a respiração suspensa, esperando vê-los a todo o momento esbarrar contra qualquer obstaculo e cavallo e cavalleiro mortos



... e partiu a galope desfechado ...

e no horizonte parecia elevar-se uma nuvem negra promettedora d'uma proxima rega, tão necessaria.

Subito, exclamou, quando subia uma pequena encosta :

— Não é uma tempestade. E'um fogo no matto.

— E em que propriedade é o fogo? — perguntou a senhora Moss com ansiedade, olhando para o horizonte. A galope attingiram breve a cumiada e d'ali puderam vêr o ponto onde ardia ferozmente, d'onde se elevavam nuvens de fumo e onde crepitava a chamma brilhante e rasteira que rolava

logo, rolando n'uma massa informe, pela planicie deserta. Mas o cavallo do matto tem olho vivo, e pata veloz e segura; e tanto Bob como Helena Moss eram eximios na agilidade e na adaptação especial ao movimento intelligente d'aquelles animaes corredores.

Como se origina um fogo no matto australiano, nunca ninguem o pôde dizer. Longe das habitações nasce, alastra-se, caminha, trazendo diante de si a devastação pavorosa. Um fundo de garrafa, deitado fóra negligentemente por qualquer vagabundo, concentrando, como no foco de lupa, os raios do sol; ou alguma substancia, em que o calor

determina combustão, podem ser causas já por vezes reconhecidas. Certo é que o fogo apparece, lavra a olhos vistos; caminha na direcção do vento ou da maior combustibilidade dos objectos circumvizinhos; as chammas em rolo augmentam progressivamente, lambendo a relva e as plantas rasteiras, trepando pelas arvores, que para o fogo se inclinam vergadas pelo impetuoso vento, produzido logo pela rarefacção do ar que o calor determina. N'este facto se funda o processo de abrir aceiros, largas ruas, nas mattas e lançar fogo n'um d'elles que anteceda o lugar do incendio, para que a aspiração do ar rarefeito, como se fôra uma grande chaminé, leve a nova chamma a fundir-se com as primeiras. O fogo combate-se com o fogo; limita-se a area da destruição. Entretanto a espessa nuvem de fumo, pesada, negra, vae subindo e obscurecendo a atmospheria, occultando o proprio sol. O fogo do matto offerece um aspecto tão imponente que uma vez presenciado, nunca mais se esquece.

Em breve todos os homens, mulheres e creanças das duas fazendas e d'outras vizinhas estavam diligenciando por meio de cortes habilmente escolhidos subjugar o incendio. A senhora Moss mudara de cavallo em Narenita; ella propria o sellara. Toda a mulher que vive no matto na Australia se habitua a poder ser n'uma dada occasião moço de si propria e não desdenha de mostrar a sua proficiencia.

Quando a floresta não é continua, como succede nas pastagens, ha necessidade de formar o aceiro cortando o matto rasteiro, e com elle mesmo, em grandes feixes, formar a nova linha de fogo que vá pela aspiração combater a outra que vem caminhando na mesma direcção. Trabalharam denodadamente, com aquella ancia phrenetica, quasi delirante, que se apodera de quem combate um incendio. Afinal o foco principal foi dominado.

— Parece-me que devemos seguir outra vez para o lado dos estabulos — alvitrou Bob — e queimar um espaço em volta d'elles. Pode rebentar o fogo novamente, e assim seria mais seguro. Se alguns de vocês, rapazes, quizessem ainda trabalhar mais uma hora...

Apesar da fadiga experimentada ninguem recusou, e todos se prestaram áquelle novo esforço que representava uma prevenção intelligente. Perante o inimigo commum, todos se juntam; hoje pelos outros, amanhã pelo proprio interesse. Veem apressados ao chamamento do dever: executam denodados a sua tarefa e depois agrupam-se n'um descanso bem merecido, por vezes bebendo *chá*, a sua predilecta e mais saborosa bebida, contando historias de casos semelhantes, recordan-

do incidentes profundamente sinistros que ficaram na tradição. São raras as occasões de ajuntamentos; determina-se n'ellas uma natural expansibilidade. E entretanto vão vigiando o rescaldo, atalhando aqui e ali qualquer resurgimento ameaçador do incendio, assistindo ao finalizar da enorme fogueira. D'esta vez a Providencia veio em seu auxilio, encurtando-lhe o trabalho.

— Ouçam! — disse alguem.

Todos escutaram.

— Trovoada — notou outro.

Assim era. A tempestade approximava-se.

Quem sabe, se o incendio fôra determinado por qualquer phenomeno electrico que lhes passara despercebido? A perspectiva d'uma proxima chuvada consolava o espirito de todos aquelles que bem lastimavam já a prolongada duração da estiagem.

A tempestade surgiu depressa. Os relampagos illuminaram a noute escura que cahira rapida. O trovão rolava em medonhos ribombos através das campinas, e a chuva grossa, sibilante, cahia em torrentes.

Não chovia a cantaros; eram lençoes de agua que se estendiam sobre o terreno. Todos que se haviam juntado para acudir ao fogo, em poucos segundos ficaram alagados.

A sociedade dispersou-se precipitadamente. Mais uma vez se provou o vigor dos cavallos e a equitação dos seus cavalleiros. Helena e Francisco Crapp, estando melhor montados, depressa se adiantaram do resto da companhia e foram os primeiros a chegar á residencia. Entretanto a trovoada continuava, mas menos intensa e a chuva menos caudalosa.

A' medida que a tempestade serenava começava de soprar uma briza refrigerante, e agradável, como se fôra um reconhecimento da natureza. Só os que teem vivido no matto e sentido chover, depois de prolongada seca, poderão dizer quanto é fresca e reconfortante a sensação que então se experimenta.

— A tempestade começa de abrandar, creio — disse a senhora Moss, sentando-se n'uma das confortaveis cadeiras de verga que abundavam na varanda da casa de Narenita. Recostou-se com um suspiro de consolação.

— Sim, está de certo mais claro do que quando vinhamos através do matto — replicou Crapp, reclinando-se contra um dos pilares da varanda. — Como ella cahia!

— Em lençoes; e como a terra quente sibilava, recebendo-a na sua superficie tostada, ha tantos mezes.

Com effeito. Não sei como a gente de Malugala se arranjará.

— Espero que muito bem. Que bello rapaz parece ser aquelle Bob; competente, ca-

paz, expedito — disse ella voltando ligeiramente a cabeça para o seu companheiro.

— Isso é. Não perdeu um momento. Sabia justamente o que havia de fazer — replicou Frederico Crapp, com admiração.

— E comtudo Bob é um simples homem do matto. Duvido que elle tenha ido, alguma vez, além de Talworth.

— Sim? Pois, sem elle não sei o que teríamos todos feito. Mesmo o sr. Green, desembaraçado como é, não se lhe compara.

— Como elle combateu o fogo! Que som

é este tão forte? — perguntou ella em seguida.

— E' o rugido da torrente na ribeira. A valla secca fez-se em pouco rio caudaloso. As cisternas, com certeza, amanhã trasbordam.

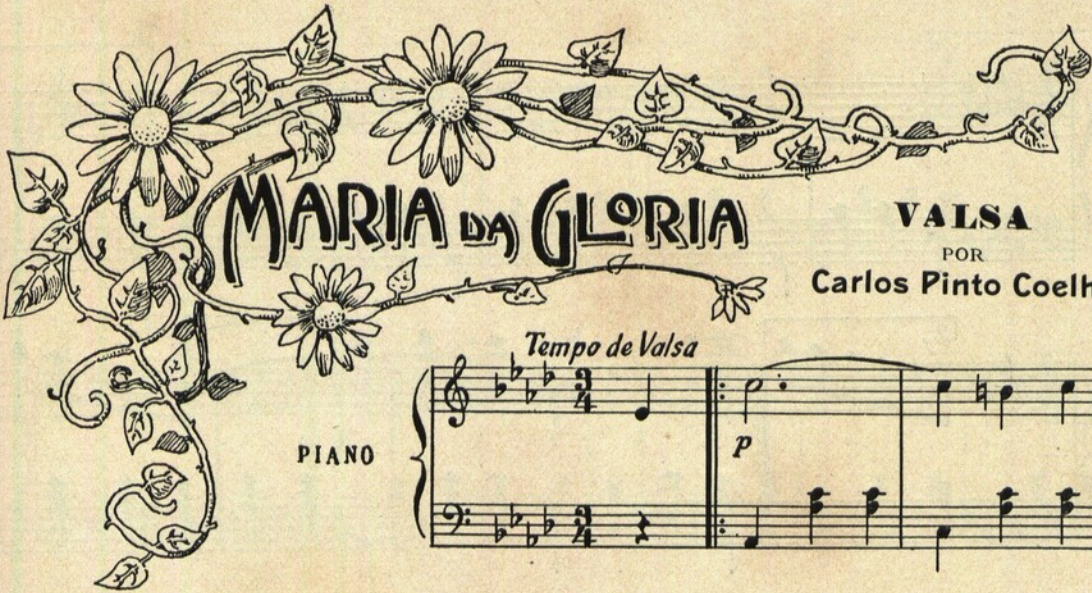
E na observação d'estes pequenos factos que constituem o entretenimento, depois do trabalho, na vida do matto, continuaram ainda a conversar os dois na varanda, gozando da frescura da noite, e recordando os incidentes d'aquella tarde.

(Adaptado do inglez).

(Continúa).



— TU NÃO SABES FALAR? ... — QUADRO DE G. A. HOLMES



MARIA DA GLORIA

VALSA
POR
Carlos Pinto Coelho

PIANO

Tempo de Valsa

Musical notation for the first system, including treble and bass clefs, a key signature of three flats, a 3/4 time signature, and a dynamic marking of *p*.

Musical notation for the second system, continuing the melody and accompaniment.

Musical notation for the third system, continuing the melody and accompaniment.

Musical notation for the fourth system, continuing the melody and accompaniment.

Musical notation for the fifth system, concluding the piece.

P. Marinho arr.

Alveson Lima - Des.

1.

First system of musical notation, measures 1-5. The treble clef contains a melodic line with a slur over measures 1-4 and a repeat sign at the end. The bass clef contains a harmonic accompaniment of chords and single notes.

2.

Second system of musical notation, measures 6-10. The treble clef has a melodic line with a slur over measures 6-7 and a repeat sign, followed by a melodic phrase in measures 8-10. The bass clef continues the harmonic accompaniment.

Third system of musical notation, measures 11-15. The treble clef features a melodic line with a slur over measures 11-12 and a repeat sign, followed by a melodic phrase in measures 13-15. The bass clef provides harmonic support.

Fourth system of musical notation, measures 16-20. The treble clef has a melodic line with a slur over measures 16-17 and a repeat sign, followed by a melodic phrase in measures 18-20. The bass clef continues the accompaniment.

Fifth system of musical notation, measures 21-25. The treble clef features a melodic line with a slur over measures 21-22 and a repeat sign, followed by a melodic phrase in measures 23-25. The bass clef provides harmonic support.

8^a

Sixth system of musical notation, measures 26-30. The treble clef has a melodic line with a slur over measures 26-27 and a repeat sign, followed by a melodic phrase in measures 28-30. The bass clef continues the accompaniment.

8^a

First system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The key signature is three flats. The treble staff contains a melodic line with a first ending bracket and a second ending bracket. The bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

2.

p

Second system of musical notation, continuing the piece. The treble staff has a second ending bracket. The bass staff continues the accompaniment. A piano (*p*) dynamic marking is present in the second measure.

Third system of musical notation, showing further development of the melody and accompaniment.

Fourth system of musical notation, with continued melodic and harmonic progression.

Fifth system of musical notation, maintaining the established musical style.

Sixth system of musical notation, concluding the page with a final melodic phrase and accompaniment.

First system of musical notation, featuring a treble and bass staff. The key signature is three flats (B-flat, E-flat, A-flat). The melody in the treble staff begins with a quarter note G4, followed by quarter notes A4 and B4, then a half note C5. The bass staff provides accompaniment with chords and single notes.

Second system of musical notation. The treble staff continues the melody with quarter notes D5, E5, and F5, followed by a half note G5. The bass staff continues with accompaniment.

Third system of musical notation. The treble staff features a half note G5, followed by quarter notes F5, E5, and D5. The bass staff continues with accompaniment.

Fourth system of musical notation. The treble staff begins with a half note C5, followed by quarter notes B4, A4, and G4. The bass staff continues with accompaniment.

Fifth system of musical notation. The treble staff features a half note F4, followed by quarter notes E4, D4, and C4. The bass staff continues with accompaniment.

Sixth system of musical notation, concluding the piece. The treble staff has a half note B3, followed by quarter notes A3 and G3. The bass staff continues with accompaniment. The system ends with a double bar line and repeat signs. The first ending (1) leads back to the beginning, and the second ending (2) concludes the piece.

Eljorinho gr.

D.C.



SALA DAS SESSÕES E DESPACHO DA JUNTA DO CREDITO PUBLICO

A recente promulgação da lei de conversão da dívida externa, votada em côrtes, depois de previa consulta e posterior assentimento dos representantes dos credores, torna opportuno e actual o artigo seguinte, em que succintamente se faz esboço historico da origem da dívida publica e da instituição, chamada JUNTA DO CREDITO PUBLICO, cuja função principal o regulamento de 1900 define textualmente nos seguintes termos: — «exercer directamente e independente de qualquer repartição ou auctoridade, a administração geral da dívida interna e externa, superintendendo em todos os serviços inherentes á referida administração nos termos das leis.»

Como é administrada a dívida publica

ESCREVEU-SE, repetiu-se e ensinou-se, durante largos annos, que o thesouro publico, ao findar a administração do Marquez de Pombal, regorgitava de ouro accumulado em reserva, e tão prosperas e abundantes eram as receitas do estado que de sobejos cogulavam as arcas do real erario. D'um pequeno livro de escola me lembro eu, um epitome de historia de Portugal para as aulas elementares, onde vinha cifrada em 78 milhões de cruzados a somma que deixara o grande Marquez a seus successores na governação para estes malbaratarem na reposição do que o ministro reformador der-

rubara e substituiria. A lenda medrou e cresceu.

Aquelle montão de ouro, e consequente ausencia de *deficit* no orçamento do estado eram, sem duvida, mais brilhantes pedestaes para a estatua do duro secretario de D. José do que os escombros da cidade, arrasada pelo terramoto, e as ruinas da sociedade que elle proprio fizera desabar em estilhas. Veio, porém, a paciente investigação dos documentos authenticos, o simples exame dos balanços do thesouro publico, e os famosos 31.200 contos de reserva fundiram-se na realidade menos espaventosa e menos brilhante

d'um *deficit* annual de cerca de 600 contos; o gelo crystallino fizera-se agua e diminuira de volume.

Manda a historia que se diga, para maior honra e gloria do excepcional ministro, que elle produziu energias e realizou reformas, dentro da condição humana, sem roçar pela maravilha fabulosa ou pelo milagre incompreendido. Conter, através dos embaraçosos eventos da sua administração, n'aquelles estreitos limites, minimo bem appetecível para a época presente, o *deficit* do thesouro, já não é insignificante prova da sua gerencia economica e productora.

Certo é, porém, que se esvaiu aquella illusão de riqueza farta e justificativa de futuros desperdícios, como se desvaneceram tantas outras que, em tempos mais recuados da historia, nos pareceram ter realidade mais plausível do que a fabulosa arca do marquez de Pombal. No proprio momento em que a Europa, o mundo todo, nos invejava a riqueza das nossas conquistas, o esplendor magnifico do nosso vasto dominio, andavam os védores da fazenda a pedir dinheiro emprestado por altos cambios para assegurar a posse de Diu; e era á custa das mais habéis e complexas operações do thesouro, tão perfeitas como as concebe hoje a habilidade industriosa da moderna finança, que se apparelhavam as armadas, sahidas em busca de novas terras e de novos mares.

O desequilibrio entre a receita e a despesa parece ser a expressão financeira da historia heroica d'este povo que, durante sete seculos, assegura a existencia propria á força do seu querer. Todas as vezes que o conseguimento d'uma empresa exige recursos superiores aos possuidos, o *deficit* logo se manifesta, a divida tem de supprir o esforço desmedido. Para que a empresa prospere basta que os lucros excedam os encargos, e a divida se amortize. Tudo depende da intensidade do esforço continuo, sem desfallecimentos no intento. Mas se o desequilibrio provém da enercia descuidosa, se a divida não alimenta esforço productivo, ao contrario illude perdas accumuladas, a ruina avizinha-se inevitavel. Offerece no decorrer dos tempos todos estes varios aspectos a historia financeira do nosso paiz.

Que a flor do heroismo não florece no adubo dos negocios precavidos e prudentes, que a generosa aventura cavalheiresca parece excluir a avara especulação mercantil, são na verdade conceitos de comesinha observação. Todavia na conjuncção d'estas tendencias oppostas — ser heroe e mercador, audaz e avisado — estaria o segredo da mais poderosa e mais resistente constituição social. E

como não o soubémos ser sempre (que se não apreciam, nem semedem quilates de ouro detrás dos parapeitos de Ormuz, nem dentro dos baluartes de Diu sitiado) tivemos de soffrer longos periodos de decadencia oppressiva. Ainda hoje mostramos, no porfiado esforço de manter dilatado e poderoso o dominio de Africa, a mesma grandeza antiga; e se nos chegasse agora o ouro de Manica, talvez o empregassemos primeiro, como o das parias do rei de Quilôa, em lavar uma outra nova e formosa custodia de Belem.



DE DIFFICULDADES financeiras havidas nos tempos da primeira dynastia, dá-nos noticia Alexandre Herculano em suas investigações historicas; mas deve reportar-se propriamente ao reinado de D. Manuel o inicio da divida publica, como operação do thesouro para occorrer ás deficiencias de receita. Chamou-se venda de juros reaes á emissão dos emprestimos, e padrões aos titulos de divida que os representavam. Houve naturaes escrupulos, motivados nas leis do reino e nos preceitos canonicos, que prohibiam a usura, em realizar a primeira venda; foram consultadas *peessoas de sciencia e consciencia* para auctorizarem com seu parecer semelhante operação; mas, provado mais uma vez o conceito de que *c'est le premier pas qui coule*, resolutamente se entrou no caminho, e a venda de juros reaes foi durante pelo menos tres seculos o recurso predilecto de acudir aos apuros do thesouro. Deixou D. Manuel vasio o erario regio a seu successor D. João III; porém, recebido e aproveitado o exemplo do pae, não se esquivou este, apesar do seu espirito fanatico, ao facil expediente, e largamente usou d'elle, como tambem de levantar divida fluctuante, dir-se-hia hoje, e com taes encargos que em principios de 1556 houve necessidade d'uma *consolidação*, chamar se-hia assim na technica moderna, convertendo a divida que andava a cambios pelos mercados europeus da época, e a preços tão altos que, escreve Fr. Luis de Sousa, *segundo parece por cartas do feitor de Flandres se dobra o dinheiro em quatro annos*.

Para esta consolidação se venderam padrões de juros a 12\$500 por milhar ou seja a 8 % de encargo annual; todavia este preço denuncia já em comparação com anteriores vendas de juros a 5 % e a 6 1/4 %, uma depreciação notavel e crescente no credito do regio erario; e por isso talvez, ou por que n'aquelles tempos se seguisse a norma moderna e recente de renovar a divida fluctuante importuna após uma commoda consolidação, no anno seguinte de 1557, depois da morte

de D. João III, se reconheceu que em Flandres, e em Castella se deviam 1.946:000 cruzados que por lá *corriam a cambio até se lhes pagar*.

Afigura-se hoje possível que, dispendendo mais cautelosamente e procedendo com melhor senso pratico, o governo de D. Manuel teria tido o ensejo de melhorar a situação da fazenda publica, embora ella lhe viesse em herança n'aquelle lastimoso estado de penuria. Parece, com effeito, plausivel o asserto, mesmo para justificar a tradição, colhida nas chronicas, dos rios de ouro e prata que n'esse tempo corriam em Portugal. Se corriam assim caudalosos os recursos, esvaseavam-se tambem nas empresas ultramarinas, e curiosa é a coincidência de que o primeiro padrão de divida publica se date de 1500, formoso anno da descoberta do Brazil. Certo é, porém, que desde o tempo em que um fraco rei fez fraca a forte gente, como diz o poeta, e através da crise dynastica, que afinal firmou no throno o mestre d'Aviz, o thesouro regio andava tão esvaseado de recursos e tão pejado de documentos de divida que, não obstante os sinceros esforços empregados por D. João I em sua vida para liquidar a situação, D. Duarte, seu filho, não pôde conseguir o desejo, declarado no testamento d'aquelle, de que fossem pagas suas dividas. E ao contrario mais se endividou elle proprio, de tal sorte que para mandar uma embaixada a Basilea houve de levantar uma *cambio* que lhe deixou sua *fazenda minguada*, e para resgatar o irmão captivo, após o desastre de Tanger, houve de se pedir por nações estranhas recursos que não chegaram.

No reinado seguinte, o povo em côrtes desempenhou as rendas da corôa, pagando as tenças obrigatorias que sobre ellas recahiam; mas a guerra contra Castella, e as despesas das expedições para a Africa, levaram D. Affonso V ao extremo de dispôr do dinheiro das arcas dos orphãos e de tomar de emprestimo *com muia certeza de paga a prata das egrejas e mosteiros; aquella que não era sagrada: que na sagrada se não boliu nem poz mão*, escreve em sua chronica Garcia de Rezende. Repetiram-se similhantes apuros de dinheiro durante o reinado de D. João II, o principe perfeito, — recahindo a divida sobre D. Manuel, que, como deixamos dito, não melhorou com as riquezas do oriente a situação do real erario. Curiosas e sobremaneira instructivas são as operações financeiras realizadas até o fim desastroso de D. Sebastião, regencia do cardeal, e perda da independencia; e assim como em modernas lições de finanças applicadas se toma, para exemplo da arte e de combinações opportu-

nas, o thema de como se fez, escavou e se abriu o canal de Suez, gigantesca empresa de tão copiosos beneficios, assim tambem para os cursos financeiros do nosso ensino se poderiam com proveito tomar, para thema de lição, os ousados processos pelos quaes se iniciou e levou a cabo esta, sem duvida, bem mais gigantesca e benefica empresa da conquista da Africa, da abertura do novo caminho para a India, da descoberta do novo mundo, e da fundação de tão dilatado imperio, que ainda hoje constitue dominio vastissimo no pouco que d'elle resta. Maravilha de vontade energica e tenaz, que não dispõe de recursos proporcionaes á ousadia, e comtudo investe contra o desconhecido, contra o mysterio, segura de si propria, firme no intuito, decidida na execução, e que de Aljubarrota a Alcacerquibir, toda plena de fé, heroica e cavalheiresca, vae rasgando em volta da terra com a ponta das suas espadas e a quilha das suas naus um sulco tão fundo, tão golpeado, que o revolver dos seculos já-mais poderá apagar.



PELO CONTRACTO de venda ficava o estado com o direito de remir o juro, quando lhe aprouvesse, restituindo o preço que por elle tinha recebido, no que esta divida antiga levava vantagem á moderna, em que não raro se exaggera desmedidamente o nominal devido para o resgate, bem acima do effectivo que se tomou de emprestimo. No uso d'este direito a corôa por vezes propoz aos juristas a redução do juro ou recepção do seu dinheiro. Realizava-se o que actualmente se chama uma *conversão*, não convencionada ou *arreglada*, mas legitima, facultativa e sem violencias, nem quebra de contracto. Foi este um dos recursos de que se lançou mão, aproveitando ensejo economico, que o povo não deixou de aconselhar em côrtes de 1562, para acudir ás despesas das obras de fortificação de Ceuta e de Tanger, e para aprestar uma armada contra os turcos que infestavam as costas do Algarve. Decretou-se a operação em principios de 1563, reinando já D. Sebastião, sob a primeira regencia do cardeal D. Henrique, e por ella se conseguiu descer 1 $\frac{1}{4}$ % no encargo de parte da divida, o que permittiu margem para novas vendas de juro, com assento em rendas já no total *apenhoadas*, como então se dizia. Note-se bem que o caracteristico da venda de juros era estes serem assentes em renda determinada, expressa no respectivo padrão, e muitas vezes transferida de um para outro reddito, conforme pedido do proprietario do titulo, e segundo sua aprecia-

A ACTUAL JUNTA DO CREDITO PUBLICO



CHAVES MAZZIOTTI

Deputado, vogal nomeado pelo governo

réis de inscripções. Não podem ser nomeados membros da Junta, nem são elegiveis, os banqueiros, os governadores, directores-gerentes, ou membros do conselho de administração, effectivos ou substitutos, de quaesquer estabelecimentos bancarios. E' incompativel o exercicio das funcções da Junta do Credito Publico com quaesquer outras funcções publicas, salvo as de par do reino ou deputado. O presidente da Junta, presta juramento nas mãos do ministro da fa-

A Junta é renovada de tres em tres annos por eleição, contando-se os trienios de 1 de setembro de 1893. Para ser membro da Junta, é indispensavel ser cidadão portuguez no pleno gozo dos seus direitos civis e politicos, devendo os eleitos pelos juristas ser possuidores pelo menos de dez contos de



D. ANTONIO DE NORONHA

Major de cavallaria, official ás ordens d'El-Rei, vogal-secretario, eleito pela camara dos srs. deputados.



CONS.º MORAES CARVALHO

Par do reino, ministro de estado honorario, presidente designado pelo governo, eleito pela camara dos dignos pares.

zenda. O presidente, e na sua falta ou impedimento o vice-presidente, corresponde-se directamente com o governo e com todas as estações superiores officiaes. Os membros da Junta teem a cathegoria e os vencimentos dos vogaes do tribunal de contas. A Junta lança a declaração de conformidade nos bonds geraes passados para a emissão de titulos de divida, antes de apresentados ao tribunal de contas.



CONS.º JOSÉ DA SILVEIRA VIANNA

Par do reino, vice-presidente, eleito pelos juristas.



D. FERNANDO DE SOUSA COUTINHO

Vogal eleito pelos juristas



Trecho da casa forte onde se guardam os livros do assentamento das inscripções, notavel e valioso archivo da fortuna particular e publica, registo de riqueza inscripta a favor de numerosos juristas e de instituições. Do capital actual das inscripções de assentamento uma somma de 124.000 contos pôde considerar-se immobilizada, afóra uns 4.500 de amortisaveis; e dentro d'estas verbas, 12.300 contos pertencem a menores, 12.000 averbados a dotes, 10.000 a Monte-pios, 14.300 a Misericordias, 3.400 a associações de soccorros mutuos, 6.700 a Hospitaes, etc.

ção o julgava mais estavel ou productivo. Não faltou, é claro, quem se enganasse na escolha.

Não foi apenas a conversão o unico expediente; houve capitalisação de juros, promoveu-se o emprego forçado por lei em juros reaes, fizeram-se antecipações de rendimentos, descontaram-se os productos de especiarías do oriente, carregamentos de pimenta em viagem, e por ultimo suspendeu-se o pagamento dos juros assentados na casa da India. Aggravou-se o mal com a perda da independencia, e por isso durante os tres reinados até a restauração de 1640 esteve o thesouro publico em estado de fallencia permanente. Já então houve conversões forçadas, e recor-

reu-se a expedientes de bem duvidosa moralidade para arranjar dinheiro. Como exemplo curioso cito aqui um perdão geral que Filippe II obteve do Papa em favor dos *descendentes dos christãos novos de nação hebraea naturaes dos reinos e senhorios de Portugal*. Por esta notavel *mercê* se deram elles por pagos de 225.000 cruzados, que lhes devia a corôa de Portugal, por tambem curiosa operação anterior; e, além d'aquella liquidação simples, tiveram de fazer um *serviço* a el-rei de Castella de 1.700.000 cruzados em dinheiro. Em reinados anteriores encontram-se exemplos semelhantes; não foi este o unico.

A usurpação hespanhola cavou tão fundo a ruina do paiz que, depois da acclamação

de D. João IV, e através das vicissitudes dos reinados seguintes, até D. João V, bem difficil se tornou a gerencia financeira; e, se no tempo d'este ultimo soberano, se mostrou momento propicio para restaurar o credito, diminuir a divida, e restabelecer equilibrio entre a receita e despesa, tal se não conseguiu. Ao contrario, a venda de juros reaes progrediu, avolumou-se ainda no governo de D. José, mudou [de] feito no reinado se-

guinte, e cresceu n'uma progressão ininterrupta, não já com o nome de padrões reaes, mas com o de apolices e de inscrições de variadissimos empréstimos, até as modernas operações perpetuas e amortisaveis, por entre capitalisações, convenções e arranjos, a finalizar na ultima e recente conversão da divida externa...

Da antiga divida e seus encargos, com o volver dos tempos, conversões de juro, con-



Repartição do assentamento, a cargo da qual está o serviço de preparo, criação e emissão dos titulos de divida consolidada e amortizavel, bem como o relativo ao cancellamento e queima de titulos, o registo das emissões e o averbamento dos titulos transmittidos por endosse ou por diversas transacções no movimento ininterrupto de todos os dias.

fiscações por diferentes motivos, incorporações nos bens da corôa, commissos e reversões dos bens de capellas, com liquidações varias, não chegou até nossos dias a somma fabulosa a que durante tres seculos attingiu a venda de juros reaes; mas ainda na conversão final dos padrões, que veio sendo realizada até 1875, passou para o capital nominal das actuaes inscripções cerca de 2.437 contos de reis, redução dos 4.362 contos do capital dos padrões. Representa aquella verba primeira o encargo mais importante, legado das vastas e gloriosas empresas do antigo heroismo portuguez, alargando para proveito da humanidade o ambito das terras que confinavam o velho mundo, domando os mares e traçando sobre elle novas rotas, defendendo e constituindo palmo a palmo este pequeno torrão abençoado e independente. Por isso, quem hoje possuir a inscripção de 500\$.000 reis n.º 5.848, por exemplo, tem em seu poder uma legitima e directa descendente de parte da tença que pelo padrão de 20 de fevereiro de 1504 foi concedida a Vasco da Gama em pagamento de seus gloriosos serviços á patria. Como se vê, até nas inscripções se descobrem genealogias que as distinguem em nobreza de origem, sem comtudo as separar da democratica egualdade do juro a receber.



DESCREVENDO em resumido escorço os aspectos varios da historia antiga da divida nacional, foi intuito meu frisar bem claramente com que minimos recursos, maximas difficuldades e não raro previdentes processos, no capitulo das finanças, Portugal soube realizar a sua arrojada empreza de civilisação geral em prol da humanidade. Calando propositalmente a narrativa dos processos por que augmentou sem cessar a divida nos tempos mais proximos e sobretudo n'este meio seculo, que decorre da conversão-convenio de 1852 á conversão-convenio de 1902, obedeci ao natural pudor patriotico que se susceptibiliza em mostrar com que desbarato de recursos e mal avisados procedimentos o paiz procurou, na concorrência da vida moderna, em seu proprio proveito realizar a empresa de se civilizar. Não custa escrever que durante os tres reinados dos Filippes, sob a dominação hespanhola, o estado estivesse permanentemente em fallencia; e comprehendem-se as *desesperações* do conde da Castanheira, vedor da fazenda de D. João III, as quaes elle quiz attribuir mais á sua *compreyção melancolica*, do que ás difficuldades do real erario, após o esforço de expansão nacional anteriormente effectuado por

esses mundos fóra. Mas d'estes tempos mais modernos, a penna corre com difficuldade sobre o papel na descripção de financeiras, e quasi se recusa ao trabalho quando attinge o periodo contemporaneo.

Todavia fica o assumpto reservado para opportuna occasião, que o fim principal d'este artigo é dar succinta noticia da instituição a quem por virtude da carta de lei de 14 de maio de corrente anno ficou entregue a administração da divida publica que foi comprehendida na conversão actual, e cujas funcções, attribuições e constituição a lei se obrigou a manter em vigor durante os 99 annos em que se fixou a amortisação dos novos titulos de divida.

Vem de muito longe o principio da intervenção de uma entidade estranha ao governo e d'elle independente para cobrar, arrecadar, fiscalizar, e administrar os rendimentos consignados ao serviço dos emprestimos; e n'este momento abrange este principio a totalidade da nossa divida publica, porque mesmo os emprestimos que não foram incluídos na conversão e por isso da junta do credito publico ficaram independentes, ainda n'esses o seu serviço corre pela companhia exploradora do monopolio nas obrigações dos tabacos, e pelo Banco de Portugal nas obrigações das classes inactivas. E' certo, porém, que tanto n'um como n'outro corre tambem cumulativamente com a do governo a responsabilidade individual dos dois estabelecimentos.

Encontra-se um primeiro vestigio do que viria a ser aquella instituição administradora no famoso emprestimo de *tontina* effectuado em 1688, no reinado de D. Pedro II, uma operação de 400 contos, para o qual se estabeleceu que a administração das rendas consignadas e o pagamento dos juros fosse confiado á junta do commercio por *ser uma obrigação mais segura e abonada para as partes*. Mais accentuada e definida, se mostra a origem da instituição, agora renovada, no alvará de 13 de março de 1797, em que se preceitua, emquanto não fosse estabelecido um banco ou caixa de desconto, a quem havia de ser confiada a administração dos fundos e pagamento dos juros do emprestimo de 4.000 contos em subscripção, transitoriamente seria desempenhado aquelle serviço por uma commissão de quatro clavicularios, dois dos quaes homens de negocio e de conhecida probidade e abnegação, sob a inspecção directa do marquez presidente do real erario. Filia-se aqui a origem da junta dos juros que foi recebendo com o tempo diversas denominações, acabando pela de junta do credito publico.

Foi-lhe esta dada por Mousinho da Silveira

ra, o grande reformador, no seu memoravel decreto de 16 de maio de 1832, no qual, baseando-se na disposição do art. 136.º da Carta constitucional, onde expressamente se determinava que toda a administração da fa-

zenda publica fosse incumbida ao tribunal do thesouro publico, se organizou a fazenda, aboliu o erario, e extinguiu a junta dos juros, substituindo-a pela junta do credito publico, que, embora eleita pelas camaras dos pares



Uma das naves do salão do salão do pagamento de juros da divida publica, onde se procede á conferencia das relações com os respectivos titulos para se ordenar o pagamento na thesouraria.



TESOURARIA DA JUNTA DO CREDITO PUBLICO

e dos deputados, passava a ser uma dependência do ministerio. Não pôde este decreto, publicado na Terceira, ter immediata execução; só em março de 1834 a junta dos juros foi supprimida realmente, e substituida por

uma comissão interina, composta de seis negociantes, um contador e um secretario. Novos acontecimentos politicos e revolucionarios trouxeram, como consequencia n'este assumpto especial, a lei de 15 de julho de

1837 em que foi restabelecida com o novo nome a antiga junta dos juro e a ella foi restituído o direito de administrar e arrecadar os fundos destinados ao pagamento dos juros da divida consolidada. As sommas votadas pelas côrtes para dotação da junta do credito publico seriam pelos respectivos collectores entregues directamente aos cofres d'esta, e só podiam os referidos collectores dispôr d'estas sommas por ordem emanada da mesma junta, sem que os eximisse de responsabilidade qualquer ordem promanada d'outra auctoridade. Era por tanto a junta, composta de cinco vogaes, um eleito pela camara dos deputados, dois nomeados pelo governo, e dois eleitos pelos juristas de mais de 500\$000 réis de juro, inteiramente independente da acção do governo; e sobre esta attribuição singular não deixa um escriptor da época de fazer notar, a par da sua utilidade pratica com relação ao credito arruinado, a sua visível inconstitucionalidade.

Depois dos successos de 1842, e do desaparecimento da Constituição de 1838, as attribuições da junta ficaram novamente reduzidas a receber os rendimentos consignados e a pagar os juro respectivos, sem administrar receitas; e assim se manteve a organização da junta até 1887, anno em que sob o influxo de novos principios administrativos, infelizmente tibiamente levados á realização e á execução, com transigencias opportunistas, raramente compatíveis com a energica acção reformadora, as attribuições da junta do credito publico, que ainda subsistiu, foram reduzidas a simples consulta e fiscalização.

Após a explosão da crise de 1891, os diplomatas legaes que, reconstituindo a junta do credito publico, lhe definiram e regularam as attribuições e competencias, foram porém pouco a pouco resuscitando a amplitude administrativa do regimen de 1837, até que no recente decreto de 11 de agosto ultimo, em especial ao regimen da divida externa, se preceitua que os thesoureiros das alfandegas entregarão todos os dias á junta do credito publico a quantia sufficiente para prefazer a tricesima parte, em ouro, do total necessario para os encargos annuaes de juro, amortização e despezas da divida convertida. E assim foi inversamente redigido o preceito do art. 11.º do regulamento da junta de outubro de 1900, em que se dizia que a junta do credito publico receberia diariamente na sua conta de deposito no Banco de Portugal dos thesoureiros das alfandegas a somma necessaria para prefazer o duodecimo do serviço da divida, como este regulamento já havia alterado os anteriores de 1896 e de

1894, em que a junta recebia do thesouro publico as provisões exigidas para occorrer aos pagamentos.

Parecem de minima importancia estas variações de redacção nos repetidos regulamentos da junta do credito publico, estas *modalidades*, como mais recentemente lhes ouço chamar; e todavia ellas impressionam profundamente pelo que revelam dos principios dirigentes ou pelo que disfarçam de transigencias necessarias, tanto mais que em dois d'esses regulamentos, pelo menos, ha publica confissão auctorizada de que foram previamente ouvidos os interessados na divida.

Da exposição historica dos factos principaes que deram origem á actual junta do credito publico, através da evolução dos tempos, dos regimens politicos e das situações financeiras, se deduzem os principios que hoje definem e regulam o modo de administrar a divida publica: — emquanto á dotação do serviço dos titulos em circulação, o estado obrigou-se por lei de 14 de maio ultimo a inserir no orçamento annual as sommas necessarias para occorrer aos encargos do juro e de amortização pelas receitas geraes, como foi sempre estatuido, mas ainda a applicar-lhes especialmente e de preferencia os rendimentos aduaneiros no continente do reino, na Europa, exceptuando os dos tabacos e cereaes; — emquanto á applicação effectiva d'estes recursos, e sua administração propriamente dita, o estado deixou de a exercer, commettendo-a á junta do credito publico, independente de qualquer auctoridade, cujos membros são, individual e solidariamente, responsaveis pela rigorosa applicação das sommas que directamente lhes são entregues pelos thesoureiros das alfandegas; — e emquanto á interpretação politica que este regimen podesse significar, a lei declarou bem expressamente que, para todos os effectos, elle de modo algum affectaria ou poderia prejudicar a autonomia financeira, economica e administrativa da nação portugueza.

• • •

HA nos procedimentos individuaes, todos o sabem, uma constante aspiração de liberdade absoluta, de independencia, de integral desenvolvimento, que move, determina e orienta a inevitavel luta da existencia, e tanto mais intensa ella é quanto mais forte é a convicção do valor proprio real ou presumido, a fortaleza d'animo e a ambição dominadora. Quando aquella aspiração falta por completo, ou desfallece nos propositos, ou se atenua na acção, os caracteres dizem-se moralmente degenerados

ou doentes. Similhanamente, na vida das sociedades, nos procedimentos collectivos, quando a resignação accommodaticia, a indiferença descuidosa são normas preferidas, como confissões tacitas de fraqueza ou de ausencia de ideaes ambicionados, essas nações entram no periodo de descomposição social ou pelo menos manifestam grave perturbação morbida na sua intima constituição. Chamam-se então decrepitas, moribundas ou invalidas; e em todos os casos, perante a civilização imperante, tendem a desaparecer ou teem de ser albergadas. Mas tambem nas nações, como nos individuos, ha periodos de transitoria abolição de vontade, de repouso quasi inconsciente, de desalento moral que adormecem o animo, e que as proprias energias latentes podem vencer. Nos individuos basta ás vezes um conselho opportuno, uma amar-

gura de amor proprio, para renovar a vibração suspensa de todo o ser moral; nas collectividades basta tambem por vezes a intervenção rude, mas decidida, d'uma só vontade que inspire confiança ou infunda respeito para lhes despertar todas as energias adormecidas e lhes valorizar todas as qualidades inactivas.

Parece que temos vindo n'este ultimo meio seculo atravessando um d'estes periodos transitorios, sem que infelizmente durante o volver dos annos tivesse apparecido esse alguem, esse desejado da antiga lenda sebastianista, embora bastos acontecimentos lhe tenham dado ensejo de se revelar, longas manhãs de nevoeiro, espesso e pardocento através do qual, como se dizia na lenda, havia de irromper fulgurante o sol do heroismo que illuminou os successivos seculos da nossa historia.

SCENA BURGUEZA



RETIRADOS DOS NEGOCIOS. — QUADRO DE COEYLUS

Elles ahi estão na beatifica concentração digestiva, a gozar da paizagem branda: ella no espapaçamento assustador da degenerescencia gordurosa, victima do descanso; elle no rememorar saudoso dos antigos negocios, da antiga loja plena de freguezes, e a pequena no enfado preguiçoso da solidão, desamparada de affectos meigos. Em volta d'aquelles tres typos suggestivos, sob o reflexo espelhento d'aquelle globo de vidro colorido, tão vulgar ornato dos terraços, lá de cima, do norte, lêem-se, pela imaginação, os capitulos do romance banal da vida, de que o quadro é illustração synthetica, minucioso como uma photographia, provativo como um documento...

MODAS

No reino das modas as dynastias são ephemeras, e na successão apressada de reinantes acontece muito naturalmente haver interregnos em que mal se definem as características da época e em que se ferem asperos combates de ambicionado predominio, semelhantemente ao que a historia nos conta dos interregnos de todos os tempos, repletos quasi sempre de variadissimas intrigas palacianas. Dá-se agora, n'esta transição do findar do verão e começo do frio outono sentimental, um dos taes interregnos. Não se póde mencionar diferenças profundas no vestuario: saias estreitas em redor das ancas, accentuando o desenho de curvas mais ou menos abundantes; finaes inferiores das saias em esvaseamentos de campainha; mangas largas e amplas junto dos punhos, e ajustadas nos hombros, constituem os elementos geraes do desenho das *toilettes*, que mil ornatos phantasiosos completam no feitio dos corpos, ora abluzados, ora justos, entre variações das fórmulas já conhecidas de jaquetas e de *boleros*.

Todavia deve notar-se a preferencia, cada vez mais definida, pelas *toilettes* completas, inteiras, e pelas jaquetas ajustadas, como tivemos ensejo de noticiar nos nossos ultimos artigos com a devida anticipação de informadores, o que sem duvida as nossas leitoras terão de certo apreciado, comparando a succinta, mas segura, indicação de usos e de typos genericos, que aqui lhe offercemos, com outras descripções que posteriormente vão apparecendo em varios artigos da especialidade. Abundam, portanto, agora os vestidos completos, repousam as blusas, sem comtudo deixarem de ser usadas, principalmente como *toilctte* de interior.

Empregam-se na feitura dos vestidos inteiros, além das sarjas e das fazendas asperas,

de acabamento acheviotado, os pannos leves, de acabamento inglez, casimiras em escossez e em riscados, os *draps* de côr una, em azul ferrete, em castanho escuro, em cinzento, — a que a desregrada phantasia dos vendedores de novidades, em busca de denominações excentricas e elegantes, chama agora *côr de ostra*, por semelhança de effeitos que n'alguns põe uma bem combinada mescla, muito intensamente repassada no fio do tecido. Serve-lhes de enfeite o veludo preto ou os tons mais escuros da propria côr do vestido, as rendas de linho crú e as *guipures*.

E fallando de côres, notemos que a côr predilecta da moda para as fitas de enfeites é o amarello desde a sua mais desesperadora cambiante até a côr de laranja esfogueado e intenso, e ainda appareceram tambem os azues vivos, claros, celestes e marinos. Já aqui dissemos, e repetimol-o agora, que, apontando estas variantes de modas, sobretudo em côres, fazemol-o tão sómente para que não se diga que deixamos passar desapercibidas estas pequenas modalidades.

Bem claro está que o uso d'este genero, ousado e picante, de elegancias occasionaes tem uma duração ephemera, produz apenas o procurado effeito n'um dado momento, e desaparece breve, ou então generaliza-se por circulos onde não se devem ir buscar exemplos.

Tanto o amarello n'aquelle tom berrante, como o azul n'aquelle cambiante desmaia-da, são pouco agradaveis á visão harmonica que se procura ter n'uma *toilette* de senhora, como tambem raras vezes se coaduna com a formosura natural, a que o vestuario deve dar realce e relevo.

Todo o cuidado na escolha das *toilettes* é pouco, para quem gosta de manter o bom



genero, como se diz na sociedade. Houve tempo que uma copia descuidosa dos figurinos theatraes, que a estampa vulgarizava rapidamente, fez decahir as *toilettes* das senhoras n'uma promiscuidade de elegancias que eram quasi um desprimor; porém o respeito de si proprias breve as levou a uma cuidadosa selecção de vestuarios e a uma opportuna applicação d'elles, que lhes deu um alto valor de simplicidade verdadeiramente elegante, e de graça artistica.

No nosso meio social, nota-se com prazer um grande progresso n'este capitulo do mundanismo. Comprehende-se com effeito o uso das magnificentes *toilettes*, luxuosas, complexas, sensacionaes, nas recepções ceremoniosas, nos grandes bailes, nas reuniões de cõrte, como para acompanharem o faiscar das pedras preciosas e das *rivieres* de brilhantes. Na vida de todos os dias, vae bem a simplicidade, que por artificio bem custosa é de conseguir para não ser banal, e a distincção deriva da escolha das fazendas e dos enfeites empregados, da sua qualidade, e sobretudo do cõrte perfeito e do bom acabamento. As cousas feitas como devem ser, sem armações indefinidas que sejam para ver de longe.



Nas illustrações que acompanham este artigo continuamos a dar typos geraes para consulta. Assim a primeira mostra um genero de casacos de meia estação, bastante em voga nos grandes centros da moda; o modelo d'onde foi tirado era em *drap* cinzento, para destacar da saia azul escura, com as frentes assertoadas, e fechadas por pestana, bem ajustado ao corpo, e apenas com uns pequenos punhos a terminar as mangas. A segunda mostra uma *toilette* completa, executada em seda ou em *drap* leve, dos que já citamos, enfeitada de viezes na saia, o corpo em pregas, como transição das blusas, aberto no pescoço para mostrar a gola recoberta de renda e com presilhas de fazenda cobrindo essa volta. As mangas, como se vê da gravura, affectam forma semelhante na extremidade, junto ao cotovelo, d'onde sahem as mangas tufadas de seda branca ou equal á

empregada para sobresahir na gola, como denunciando uma vestia interior ao vestido. Uma larga fita com pontas compridas no laço termina e completa a cintura. A terceira illustração é ainda uma *blusa* com as modificações que o decorrer da estação lhe tem imprimido. Por sobre a *blusa* forma-se com rendas um enfeite de *bolero* que lhe dá uma distincção muito elegante e um ar de agasalho muito proprio para o momento, com que se fecham as blusas decotadas e cuja gola superior se enfeita com fita de veludo e pequenos laços, como mostra a gravura. São

arranjos, aproveitamentos economicos que se devem utilizar; que a moda, o atavio, os donaires não são somente para os ricos, e mesmo d'entre estes, talvez mais do que pensa e se julga, alguns ha que sabem dar exemplo de judiciousa economia apesar da sua elevada jerarchia social que lhes permittiria dispendios avultados. Ser poupado no vestuario, sem deixar de ser elegante, é virtude domestica muito apreciada.



Os chapéus vão soffrendo uma modificação sensivel nas dimensões e sobretudo no reviramento dos rebordos que lhes dá novamente o aspecto dos antigos, com que se retratavam, pelo magico pincel de Gainsborough, as grandes damas do tempo, sem o exaggero de tamanho, mas com a similhaça de plumagem, pennas de abestruz, em diversas *nuanças*, em gradação de tons, de forma a ser a da extremidade solta a mais clara.

Nas plumas tem apparecido, nas reuniões dos *chateaux*, alguns exaggeros nas plumas, compridas, descendo pelos hombros, quasi até a cintura, soltas, fluctuantes; porém vem aqui de molde repetir o que deixamos acima escripto, são caprichos de louçania que só usa quem pela sua posição, porte ativo, elegancia distincta e formusura peculiar tem os dotes naturaes necessarios para impôr a sua personalidade, e n'um meio ambiente, muito especial, entre uma sociedade que não existe entre nós.

Nos enfeites dos chapéus forão desapparecendo com o avançar da estação as flôres



que abundantemente os ornavam, para se substituírem por fructos, pequenos morangos, pecegos mimosos, amoras silvestres, em recordação dos mezes em que Pomona domina; porém mais cummummente usam-se laços artisticamente dispostos em volta da fôrma, de preferencia em veludos.

O modelo que illustra a pagina foi feito em feltro pardo com enfeites de veludo verde esmeralda e uma pluma moderada em tamanho elegantemente disposta ao lado direito.



Dos objectos complementares das *toilettes* d'esta meia estação, aquelle que maior acolhimento recebeu e cada vez mais tende a generalizar-se, é o *man-teau*, genero especial de capa-casaco, que de um e de outra tem similhaças, e cujo uso é largamente apregoado pelas revistas de modas, em calorosa defeza, mostrando as diferentes utilidades que elle encerra.

Dizem ser proprio para passeio de carruagem para visitas ao campo, para theatros e concertos de praias, e fornecem agasalho indispensavel ás tardes e noutes humidas e frias do outono. São executados estes *man-teaux* em pannos flexiveis de muitas côres unas, como escarlate, verde, preto, e outras *nuanças* novas que se apresentaram no mercado, em fabricação especial, e d'entre as quaes notamos a côr de champagne, e a côr de pão de rala, — como se vê a nomenclatura dos tons é cada vez mais excentrica nas similhaças ou nas comparações suggestivas.

Cahem até um pouco abaixo dos joelhos, sem gola, com grandes mangas apanhadas nos punhos, frentes unidas e presas por grossos cordões de seda entrançada com borlas na extremidade. Nos enfeites apresentam variantes, desde os mais simples, como uma larga banda de fina *guipure* em volta do pes-

coço, até os mais trabalhados e custosos encrustamentos de tiras de verdadeiras rendas em ponto irlandez.

São forrados em regra de setim branco, e alguns soffrem uma modificação, não menos elegante, na forma geral, adaptando-se-lhes um cabeção ou romeira que cahe até os braços e dispensa as mangas.



Predominando as jaquetas, como deixamos dito, nas *toilettes* da meia estação, notamos que os botões mais geralmente usados são em esmalte fino sobre metal, com desenhos moscovitas, de forma rectangular, com os cantos boleados, para o genero phantasia, em passemaneria de seda entrançada, ou ainda em prata oxydada com pequenas flores cinzeladas. Para vestuarios de caça, de passeio ou automovel, foram adoptados de preferencia os botões dourados mates, e os de madreperola; e comprehende-se o effeito diverso que produzem estes enfeites conforme o uestino es-

pecial da jaqueta e que servem de ornato.

Assim do alto do *mails-coachs* em partida de caça, ou das almofadas dos automoveis, todos ainda d'um aspecto brutal, é preciso que da pequena e ajustada jaqueta azul ou cinzenta se destaque o dourade dos botões; como a madreperola condiz com o convez dos *yachts*. N'estas pequeninas minudencias reside a suprema elegancia para aquelles que podem dedicar uma grande parte do seu tempo á composição especial de vestuarios para este ou aquelle fim e podem accumular variedade de *toilettes*. Convém, portanto, aos que teem de limitar-se e de frequentar



circulos, menos exigentes em mundanismo optar pelas guarnições que, não se distancian-do do feitio moderno, conservem simplicidade e harmonia cem o mæio e uso geral.

Setembro e Outubro	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Grãos	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	762,2	764,0	19,5	20,9	25,7	24,8	15,3	16,8	0,0	0,0	0,2	5,3
2	760,8	762,1	20,2	20,5	22,7	22,6	17,7	17,8	—	0,0	6,3	5,0
3	762,4	762,5	19,7	21,3	22,8	24,9	18,3	17,0	1,3	0,0	7,5	7,0
4	764,3	766,1	20,3	20,2	21,8	22,6	17,2	14,5	—	0,0	5,5	5,5
5	761,5	768,2	20,2	19,4	21,0	22,7	18,1	15,3	0,0	0,0	8,2	7,2
6	759,7	765,9	18,7	21,0	20,6	25,7	15,7	16,2	39,0	0,0	7,5	6,0
7	761,3	761,7	18,8	19,4	20,9	20,5	17,4	15,8	0,0	0,0	5,5	7,5
8	761,7	759,1	26,6	18,8	23,0	20,8	17,3	14,7	0,0	0,0	5,3	4,5
9	764,4	762,0	20,4	19,7	22,1	21,2	18,1	16,0	0,0	2,1	7,2	6,7
10	765,8	765,1	19,3	17,8	22,3	22,2	16,7	15,0	0,0	0,0	7,8	3,2
11	765,0	763,6	19,2	20,2	22,2	22,1	16,6	17,9	0,0	0,0	6,7	8,0
12	764,7	763,2	19,7	20,4	23,6	22,1	16,6	17,1	0,0	0,1	5,5	7,0
13	762,3	764,4	21,4	19,3	24,8	22,1	16,9	16,1	0,0	1,7	9,0	8,3
14	762,8	764,5	18,9	19,4	21,9	24,3	16,0	16,0	0,0	0,0	6,3	6,2
15	762,8	765,3	18,1	20,3	21,1	20,2	14,6	15,5	0,0	0,0	5,0	3,5
16	762,5	765,2	19,9	19,8	23,1	27,1	15,5	16,4	0,0	0,0	5,7	5,0
17	763,9	763,1	21,0	21,8	25,6	20,7	17,0	16,5	0,0	0,0	6,5	4,0
18	764,3	761,5	20,1	23,4	25,2	26,0	17,9	16,9	0,0	0,0	5,5	3,0
19	764,0	764,4	19,9	19,9	24,8	25,3	16,2	17,0	—	0,0	7,5	3,8
20	760,6	766,4	19,1	22,0	20,4	26,0	16,3	17,3	0,0	0,0	5,8	4,7
21	758,0	764,7	19,1	22,0	20,5	25,7	15,0	17,3	8,5	0,0	7,0	4,3
22	752,7	762,8	14,7	22,2	19,3	26,3	14,3	18,2	14,9	0,0	5,7	3,7
23	759,7	765,3	15,8	19,9	20,0	23,5	14,3	16,8	11,5	0,0	5,0	5,0
24	766,3	767,4	18,1	18,4	19,3	23,0	15,1	15,1	0,9	0,0	8,5	4,5
25	767,4	766,0	18,8	19,4	21,2	25,2	17,1	15,3	0,0	0,0	7,3	4,8
26	760,9	763,7	18,0	19,8	19,9	26,0	16,5	18,0	0,0	0,0	8,2	2,0
27	766,8	763,9	19,4	19,9	24,3	26,8	16,5	17,2	0,0	0,0	3,0	3,5
28	764,1	761,9	19,5	20,2	28,9	23,6	16,5	17,4	0,0	0,0	3,3	4,5
29	762,4	759,0	19,4	20,4	28,9	25,5	17,8	17,9	0,0	0,0	2,2	3,5
30	762,1	756,4	20,9	18,6	26,5	19,7	19,2	14,5	0,0	0,0	2,3	7,3
1	764,3	756,5	19,0	17,2	23,0	21,5	16,9	14,8	0,0	5,6	4,7	5,7
2	766,9	758,6	18,7	17,7	21,0	19,5	15,3	14,0	0,0	0,0	3,3	3,0
3	766,3	757,1	16,7	15,0	21,6	19,2	14,0	13,6	0,0	6,5	4,2	7,8
4	766,2	758,6	18,7	16,4	22,9	19,6	14,3	14,1	0,0	1,6	6,2	4,5
5	765,5	765,4	15,7	17,8	18,8	19,4	13,3	15,0	0,0	0,0	4,0	4,2
6	765,1	762,7	16,2	18,7	20,6	20,5	13,0	16,3	0,0	0,0	4,0	8,0
7	761,3	756,6	18,4	18,4	22,5	19,6	13,5	17,0	0,0	21,4	4,5	3,8
8	759,7	752,3	18,4	16,1	26,6	16,5	14,5	13,9	0,0	7,8	3,3	5,7
9	763,2	753,2	19,2	14,9	27,2	19,0	17,6	13,7	0,0	22,4	2,5	5,0
10	764,0	755,6	17,7	16,1	22,5	18,7	15,9	14,0	0,0	6,2	3,0	7,3
11	762,9	760,6	17,8	17,2	20,6	19,0	16,3	14,7	27,0	0,0	4,0	6,7
12	761,4	768,5	17,4	16,7	19,8	20,9	15,6	13,9	0,0	0,0	5,9	3,5
13	759,5	770,2	17,3	16,9	20,1	21,8	13,7	13,4	0,0	0,0	5,0	4,5
14	760,0	768,0	16,3	15,7	18,3	20,7	13,4	12,2	0,0	0,0	3,8	5,5
15	758,4	768,1	16,5	11,6	16,6	18,7	13,1	11,2	0,0	0,1	4,5	7,0
16	756,6	767,5	14,3	16,2	16,3	20,4	11,8	12,6	18,9	0,0	4,0	6,5
17	761,0	768,2	14,3	15,7	17,5	19,6	11,9	13,5	0,8	0,0	8,0	8,0
18	762,2	768,9	17,0	16,9	17,9	20,2	14,4	16,0	4,5	0,0	6,5	5,2
19	763,3	768,4	15,9	17,4	17,5	20,8	12,3	15,3	14,7	0,0	5,5	7,5
20	767,2	767,9	14,8	17,2	16,6	20,8	12,3	14,3	0,2	0,0	5,7	6,2
21	761,5	767,8	14,5	18,0	17,3	21,8	12,8	14,2	1,7	0,0	5,5	6,5
22	762,1	768,4	15,0	17,0	17,2	22,7	12,8	14,9	0,7	0,0	4,3	5,0
23	768,6	770,8	14,4	14,5	18,0	21,2	12,0	14,4	0,0	0,0	5,5	2,2
24	771,3	768,6	13,0	15,5	18,3	20,9	9,6	14,4	0,0	0,0	6,0	3,8
25	768,2	768,7	14,7	13,4	17,8	19,5	13,4	12,1	0,0	0,0	3,7	3,7
26	708,0	767,5	14,4	14,0	16,8	20,3	13,1	9,9	0,2	0,0	5,0	3,5
27	767,0	764,9	14,1	15,0	17,6	21,8	11,7	11,7	0,0	0,0	5,0	3,3
28	768,1	763,1	11,6	13,4	17,3	23,2	9,6	11,3	0,0	0,0	6,5	3,5
29	762,8	759,7	13,7	16,4	16,5	22,3	11,3	12,7	0,0	0,0	7,0	2,5
30	759,4	762,2	12,7	14,2	15,0	20,6	10,8	12,0	0,3	0,0	5,7	4,7
31	760,9	765,1	13,8	14,3	16,6	20,0	10,7	12,3	8,2	0,0	6,0	5,3

VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

JULHO. — 20 *Estados-Unidos* — Fortes tremores de terra em Fatterson desmoronam muitos edificios, fazendo bastantes victimas. — *Austria-Hungria* — Um cyclone e a chuva devastam todo o paiz, tendo descarrillado um comboio por effeito do temporal, havendo 43 casas incendiadas por um raio e encontrando-se, em Villack, as searas na extensão de 32 kilometros quadrados, destruidas pelo granizo. — *Equador* — Um enorme incendio em Guayaquill produz enormes perdas materiaes, perecendo numerosas pessoas. — *França* — Inauguração do monumento ao general Hoche, em Quiberon, com a assistencia do sr Camillo Pelletan, ministro da marinha. — *Turquia* — Um bando de 350 bulgaros repelle as tropas irregulares turcas em Stramitz, matando 25 turcos. — *Uruguay* — O governo uruguayo revoga as ordens relativas á prisão de varios officiaes militares e ao desterro de dois senadores, ficando terminado o conflicto com a camara dos deputados. — *Zanzibar* — E' proclamado sultão, o principe Seyid-Ali, exercendo a regencia até a sua maioridade, o subdito inglez sir Rogers, actual primeiro ministro.

21 *Suissa* — Primeira sessão do congresso internacional da imprensa na sala do parlamento de Berne. — *Servia* — E' raptado pelos seus adversarios e internado nas montanhas, o bi-po servio de Uscule, cuja sagração esteve a ponto de produzir a guerra civil nos Balkans. — *Inglaterra* — O almirantado resolve installar em todos os navios de guerra o serviço cirurgico com a applicação dos raios Roentgen. — *Republica Argentina* — A commissão parlamentar dos negocios estrangeiros, em Buenos Ayres, apresenta um relatório favoravel á ratificação do recente accordo chileno-argentino. — *Russia* — Cai em Kief uma trovoadá medonha que causa terriveis inundações, matando 19 pessoas. — *Estados-Unidos* — Constitue-se em New-York um syndicato dos productores de algodão que se propõe comprar muitas das fabricas inglezas.

22 *Venezuela* — Os revolucionarios venezuelanos apoderam-se do porto de Carupano. — *Inglaterra* — A camara dos commons vota um

credito de 32.000 libras para as despezas da coroação do rei Eduardo VII — *França* — Iniciam-se as manifestações religiosas por effeito da circular do presidente do conselho de ministros que ordena o encerramento das escolas congreganistas.

23 *Portugal* — Os operarios dos tabacos, no Porto, declaram-se em greve. — *Antilhas* — Um terramoto destroe a cidade de Saint Vincent, fazendo numerosas victimas.

24 *Servia* — Rebenta a crise ministerial por ter sido nomeado presidente da *skupchtina* o deputado Popovitch.

25 *França* — E' assignado um decreto ordenando que sejam encerrados pelas auctoridades os estabelecimentos congreganistas existentes antes da lei das associações religiosas e que não se submeteram depois a ella. — *Russia* — O gran-duque Wladimiro dirige uma circular aos chefes e officiaes do exercito, prohibindo-lhes que d'ora avante applicuem castigos corporaes aos soldados. — *Servia* — Produzem-se na fronteira servia graves conflictos entre albanezes e forças turcas e entre os camponezes e os guardas servios. — *Hungria* — Em consequencia das inundações são submergidas as cidades húngaras Harment, Hortwath e Saintmibaly.

26 *Inglaterra* — Sente-se em Londres um violentissimo furacão que causa muitos ferimentos, derrubando varias pessoas que andavam nas ruas. — Verifica-se em Manchester uma imponente manifestação a favor dos grevistas de Gibraltar. — *Russia* — E' publicado um *ukase* do czar declarando a Crimea e as provincias do Caucaso em estado de sitio, tendo por causa o alastramento da agitação agraria. — *Hespanha* — E' destruida por um incendio a aldeia Puebla Beleno, na provincia de Guadalájara. — *Italia* — O sultão de Raheita submete se á Italia. — *França* — Cai em toda a região de Meuse entre Liege e Visé uma tromba, causando prejuizos consideraveis. — *China* — Tchin-Ting-Ping, chefe da rebelião do Pe-Tchili é aprisionado em Honan pelo general Lin e logo justicado.

27 *Prussia* — Desencadeia-se uma grande

tempestade sobre toda a região de Colonia, tendo a ventania derrubado alguns edificios em Merckenich. — *Hespanha* — Realiza-se no theatro Variedades de Madrid um comicio contra as congregações religiosas, predominando a nota da separação entre a igreja e o estado.

28 *Austria* — Produzem-se varias manifestações populares nas principaes povoações do imperio, contra os individuos que se occupam no trafico das brancas. — *Hespanha* — São destruidas por um incendio parte da feira e parque do Retiro em Madrid, causando importantes prejuizos. — *França* — São submettidos á assignatura do Presidente, os decretos de encerramento das congregações que não se sujeitaram ás ordens do governo, nem ás prescripções da lei.

29 *Inglaterra* — Inaugura-se na city, em Londres, uma nova escola gratuita de jornalistas. — *França* — São destruidos por um incendio a capella e convento, em Tours, onde estava instalado um asylo de velhos. — *Hespanha* — Produz-se uma explosão no paiol do arsenal de S. Fernando, em Madrid, que continha nove toneladas de polvora, muita metralha e cartuchame, ferindo bastantes pessoas. — *Portugal* — Sente-se um abalo de terra em varios pontos.

30 *Indo-China* — Abalroam perto de Malacca, os vapores *Prince Alexandre* e *Bankinguan*, afundando-se o primeiro e morrendo 40 pessoas. — *Portugal* — O diario do Governo publica um decreto sobre applicação dos impostos municipaes. — *Inglaterra* — Á folha official publica um decreto concedendo o titulo de visconde de Kartum a Lord Kitchener. — *Servia* — A *skupchtina* acceita a demissão do seu presidente.

31 *França* — Os carregadores do porto de Cette declaram-se em grève impedindo as descargas dos navios. — Rebenta em Lourdes um violento incendio fazendo bastantes victimas. — *Inglaterra* — A camara dos commons approva uma subvenção de 250.000 libras esterlinas para ajudar as Antilhas inglezas a supprortar a crise assucareira, enquanto não são abolidos nas nações estrangeiras os premios de exportação. — *California* — Um violentissimo tremor de terra destroe quasi por completo a cidade de Los Alamos. — *Australia* — Dá-se uma terrivel explosão de grisú na mina de Monbut-Kebblea perto de Wollongong ficando sotterrados 150 mineiros. — *Republica Argentina* — A camara dos deputados do congresso argentino approva as modificações do tratado de arbitragem com o Chili e o protocolo relativo ás restricções dos armamentos navaes.

Agosto — **1** *Hespanha* — As camaras de commercio e agricola de Badajoz dirigem uma mensagem ao ministerio dos negocios estrangeiros, pedindo-lhe a denuncia immediata do tratado hispano-luso, que consideram altamente prejudicial para os interesses agricolas e pecuarios da Extremadura, Galliza e Andaluza. — *França* — Um violento incendio destroe o bosque de Veyre proximo de Marsella.

2 *França* — São publicados os decretos or-

denando o encerramento de officio dos estabelecimentos congregacionistas não auctorizados, que recusem dissolver-se voluntariamente, conforme o aviso que lhes foi feito. — *Portugal* — E' publicado um decreto regulamentando a pesca da baleia por embarcações costeiras nos mares dos Açores.

8 *Portugal* — Dá-se no Tejo um abalramento entre o vapor *Corsica* da carreira do Havre e o cruzador *D. Carlos* produzindo grande rombo no primeiro que por fim foi a pique proximo a Santos. — *França* — Os delegados mineiros de Cuenca e Anzin decidem constituir-se em grève geral se não lhes forem attendidas as reclamações.

4 *Italia* — Por effeito de um violentissimo temporal, desabam a artistica janella, e duas columnas e varios capiteis da basilica de S. João em Veneza. — Sente-se um violento tremor de terra em Carrara e Massa. — *Roumania* — Incendiam-se 30 poços de petroleo, ficando muitas pessoas feridas e sendo enormes os prejuizos. — *Portugal* — Sente-se novo abalo de terra, que durou 3 segundos, a oeste da península.

5 *Irlanda* — Um pavoroso incendio destroe a povoação de Larne, causando enormes prejuizos.

6 *Inglaterra* — Declaram-se em grève os mineiros do principado de Galles, por motivo das companhias empregarem operarios não associados. — Termina a grève dos mineiros em Valle Aman, alcançando os grévistas um completo triumpho. Os deputados irlandezes enviam uma mensagem de adhesão a Leão XIII.

7 *França* — Por effeito da nova lei da marinha mercante, diminuem os affazeres nos estaleiros, ficando por este motivo 5.000 operarios sem trabalho em Nantes. — *Estados Unidos* — Produz-se uma collisão de comboios na via ferrea perto de Rhodes, morrendo 13 pessoas e ficando feridas 20. — *Cuba* — O senado cubano vota um augmento dos direitos aduaneiros que varia de 25% a 100%. — *Haiti* — O general Firmin forma em Gonayves um governo revolucionario, ficando o general Killich ministro do interior e Justin Saint-Louis, ministro dos negocios estrangeiros. — O exercito do general Nord retoma Saint-Michel e Marmelade. — *Argelia* — Um violento incendio destroe os magnificos bosques de Sahel, propriedade do estado francez.

8 *Colorado* — Dá-se uma explosão de grisú numa hulheira perto de Trinidad morrendo bastantes mineiros. — *Haiti* — O general Salmave retoma Limbe. — *Republica Argentina* — O deputado Luiz Maria Drago é nomeado ministro dos negocios estrangeiros. — *Hespanha* — Um violento incendio destroe parte da fabrica de tabacos de Sevilha, sendo consideraveis os prejuizos.

9 *Inglaterra* — O gabinete inglez é modificado como segue: marquez de Londonderry, presidente do ministerio da Educação; Ritchie, chanceller da fazenda; Akers-Donglas, secretario d'Estado do interior; George Winlham, secretario particular para a Irlanda e sir Alexandre Aclan-Hood, secretario financeiro do

thesouro. — Celebra-se na cathederal de Westminster a coroação do rei de Inglaterra, Eduardo VII.

11 Russia — O tzar ordena que sejam soltos os estudantes internados na prisão de Smolensk, por causa dos disturbios de Moscow em fevereiro ultimo. — **Chili** — A camara dos deputados approva por 59 votos contra 7 o tratado de arbitragem chileno argentino e por 53 votos contra 13 o tratado da limitação dos armamentos.

12 New Jersey — Um cyclone destroe 12 edificios em Trentsn.

13 Grecia — O principe Jorge da Grecia, governador de Creta, dirige ás quatro potencias protectoras da ilha uma nota, pedindo a sua intervenção para que a Turquia reconheça o pavilhão cretense e o principe Jorge como soberano; para que seja concedida amnistia aos habitantes de Creta condemnados por delictos politicos; auctorisação para contractar um emprestimo; admissão de Creta á União postal e monetaria latinas e protecção para os cretenses residentes na Turquia. As potencias accedem ao pedido, devendo começar em breve as primeiras diligencias junto do sultão.

14 Marrocos — Os chefes das kabilas do noroeste decidem sublevar-se no caso do sultão insistir em cobrar os recentes impostos. — **Haiti** — Dão-se novos combates em Saint-Michel sendo numerosos os mortos e feridos e ficando a villa incendiada em parte.

15 China — A cidade de Tien-Tsin é evacuada pelas tropas estrangeiras. — **Brazil** — O governo submete ao parlamento um projecto de orçamento em que são calculadas as receitas em 42.600 contos de reis em ouro, 238.498 contos em papel.

16 China — Uma terrivel inundação faz grandes e importantes destroços na provincia de Tien-Tsin, perecendo mais de mil pessoas e destruindo completamente as plantações. — **Belgica** — São encerrados os trabalhos do congresso archeologico em Bruxellas. — **Irlanda** — Lord Dudley presta juramento como lord regente da Irlanda. — **Portugal** — 200 operarios da fabrica de vidros na Amora declaram-se em greve em consequencia da nova tabella de preços estabelecidos.

17 França — São inaugurados em Besançon a estatua de Victor Hugo, e o monumento a Pasteur. — **California** — E' devastada por uma terrivel inundação a cidade de Altaca morrendo centenaes de pessoas.

18 Austria — A estação balnear de Toeplitz é invadida por uma enorme nuvem de formigas voadoras, cuja picada causou a morte a duas pessoas e ferindo gravemente muitas outras. — **Japão** — Uma erupção vulcanica destroe completamente a ilha Tori (Shima), não ficando o menor vestigio das povoações nem dos habitantes. — **França** — São abertos os conselhos geraes.

19 Austria — São presos, o dono de um restaurant, um agente de policia e varios officiaes do exercito por exercerem espionagem por conta da Russia. — **Estados Unidos** — Em consequencia da greve geral na Pensylvania en-

carece extraordinariamente o preço do carvão, ameaçando a existencia dos trusts. — **Turquia** — Dão-se sangrentos combates nos Balkans entre revolucionarios e as tropas turcas. — **Suissa** — O conselho federal prohibe em todo o territorio suizo as congregações e ordens religiosas que caíam sob a alçada do artigo 52.º da constituição, o qual prohibe fundar novos conventos ou ordens religiosas e restabelecer os supprimidos por lei. — **Bornéo** — Um violento incendio destroe completamente a cidade de Pontianak fazendo numerosas victimas.

20 Africa do Sul — Abertura da sessão do parlamento colonial, na cidade do Cabo.

21 Suissa — 164 membros da imprensa, reunidos em Berne decidem fazer um appello á opinião publica para soccorrer os armenios.

22 Inglaterra — Os mineiros do principado de Galles enviam aos grévistas da Pensylvania dez mil libras. — **Estados Unidos** — A Inglaterra, a França e a Allemanha enviam uma nota collectiva aos Estados-Unidos, protestando contra o recrutamento de marinheiros d'aquellas nacionalidades nos portos do Pacifico. — **Hespanha** — Suspendeu-se as negociações entre a Hespanha e o Vaticano para a renovação da concordata. — Dá-se uma terrivel explosão na fabrica de polvora situada nas proximidades de Oviedo matando e ferindo bastantes pessoas. — **Venezuela** — As tropas fieis ao governo reoccupam Carupano sem resistencia.

23 Turquia — E' descoberta em Constantinopla uma grande conspiração contra o sultão, dirigida pelo chefe do comité revolucionario da Macedonia. — **Hespanha** — A camara do commercio de Sevilha solicita do ministerio dos negocios estrangeiros que seja denunciado antes de 9 de setembro o tratado de commercio existente entre Portugal e Hespanha. — **Portugal** — Declaram-se em greve varios pescadores em Lisboa reclamando contra a mudança do local da venda do peixe.

24 Noruega — Encerra-se em Christiania o imponente congresso das uniões christãs da mocidade, assistindo 2:100 congressistas de 31 paizes.

25 Portugal — Os operarios das fabricas em Gouveia declararam-se em greve. — **Hespanha** — Um pavoroso incendio destroe as officinas de fundição de Morrison, um armazem de madeiras e tres grandes predios em Sevilha, causando perdas importantissimas. — As camaras de commercio de Huelva e Cadiz enviam ao ministro d'estado umas representações adherindo á petição feita por outras camaras para que seja denunciado o tratado de commercio hispano-portuguez. — Cae em Madrid uma chuva torrencial, inundando varias casas e obrigando a paralisar a circulação publica, durante duas horas. — **Allemanha** — Forma-se em Berhim um comité para receber solememente os generaes boers. — **China** — São assignadas as novas pautas aduaneiras. O edito imperial, que as sanciona, declara-as applicaveis desde o primeiro dia do anno chinês.

26 Allemanha — E' inaugurado pelos catho-

licos allemães o congresso em Manheim, assistindo quinze mil pessoas.—*Grecia*—Uma violenta tempestade faz descarrillar um comboio perto de Kissisnia, ficando feridos 30 passageiros.—*Haiti*—As tropas do governo retomam Limbe, sendo a aldeia queimada e tendo morrido muita gente de um e outro campo.

27 *Estados-Unidos*—Os Estados Unidos declaram que recusam cooperar officialmente com as potencias europeas para restabelecer a ordem na republica de Venezuela.—*Philippinas*—Sentem-se abalos de terra no districto de Lanço, na ilha de Mindanao, perto do bairro americano, ficando os rios e as montanhas transtornadas e morrendo perto de 60 indigenas.

28 *Brazil*—O sr. Custodio de Magalhães pede e obtem a sua exoneração de director do Banco da Republica. Tambem pedem a sua

demissão o ministro da justiça, e o dr. Murtinho, ministro da fazenda.—*India*—Chuvas torrencias causam inundações no Nepaul fazendo centenaes de victimas e causando enormes prejuizos.—*Africa Portuguesa*—A expedição militar portugueza do Zambeze bate e derrota o regulo Macombe, do Barué, aprisionando-lhe muita gente.

29 *França*—Rebenta um violento incendio nas officinas de penteação de lã em Toureing devastando uma superficie de mais de 2.600 metros e causando prejuizos no valor de 3 milhões de francos.—O inspector de fazenda enviado a Marselha para examinar a situação financeira do municipio, encontra um deficit de 14 milhões de francos.—Terminam satisfactoriamente as negociações relativas ao incidente franco-inglez de Argongoa. Burel, Desain e Blanc abandonam o territorio inglez.



NECROLOGIA

JULHO 21 — JOHN MACKAY, em Londres, conhecido millionario americano.

22 — CARDEAL LEDOCHONSKI 80 annos, em Roma.

23 — MONSENHOR CROKE, em Londres, arcebispo de Castrel.

28 — GABRIEL JULIO DELEVRE 81 annos, em França, celebre escriptor e poeta philosopho conhecido pelo pseudonymo «*José Strada*» — auctor da *Epopéia humana*, *Essai d'un Ultimatum Organum*, etc.

AGOSTO 2 — GENERAL ORYAN, em Madrid, ex-ministro da guerra.

9 — JAMES TISSOT, em Besançon, conhecido pintor.

9 — LUCAS MEYER, em Bruxellas, general boer que tomou parte na guerra do Transvaal.

14 — HENRY MILLER, em Sevenosks, almirante da esquadra ingleza, um dos marinheiros mais respeitados e de maior consideração na marinha britannica.

14 — MANOEL VAZ PRETO GERALDES, 74 annos, na Louzã, par do reino, e homem politico muito considerado.

15 — BARÃO DE RAMALHO, em S. Paulo do Brazil, director da faculdade de direito e um dos mais abalisados juriconsultos brasileiros.

17 — ELVINO DE SOUSA E BRITO, 50 annos, em Lisboa, par do reino e ex-ministro das obras publicas.

31 — FREDERICO RUBIO, 75 annos, em Madrid, notavel sabio e cirurgião, fundador do instituto do seu nome.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de agosto

AGOSTO 16 — A ARANHA, peça phantasiada de Mendonça, Julio Dantas e Moura Cabral original dos srs. D. João da Camara, Lopes (Theatro de D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Platinotypia

A maioria dos amadores imagina que os processos da platina apresentam grandes difficuldades e exageram-os a tal ponto que a platinotypia está quasi abandonada. Os profissionaes reconhecendo ha bastante tempo as vantagens do papel platina tem sabido tirar d'ele grande partido, mas por um motivo qualquer tem tambem guardado só para elles o segredo das suas manipulações. Será egoismo? Não queremos chegar a tanto. O certo é que

nenhum outro papel offerece effeitos tão artisticos como o de platina, e é só devido a isto que se póde attribuir não só o zelo que cada um tem em apresentar melhor trabalho que o seu visinho mas ainda o não lhe revelar o seu segredo. Talvez que a minha opinião seja errada, mas é pelo menos a verdadeira, e mais de um amator tem pensado d'esta fórma.

O papel platina é pois tão difficil de tratar? Não o é mais que o papel ferro-prussiato. a menos que queiram classificar de difficil a obtenção do seu bom resultado que depende

apenas de se applicar toda a attenção ao trabalho até nos menores detalhes.

Devemos concordar em primeiro logar que este processo não está ao alcance de todos os principiantes. Por causa da sua difficuldade ? dir-se-ha. De forma alguma, mas porque este processo só dá bons resultados com o emprego de bons clichés, e portanto é bem raro que um principiante saiba, não só obter bons clichés, mas apreciar qual o que com tal ou tal processo se prestará melhor a este fim. Os negativos destinados á platinotypia devem sujeitar-se a um tratamento especial: se o tempo de exposição é aqui de uma grande importancia, a sua revelação não o é menos. E' necessario que elle seja bem revelado e não em excesso; os negativos muito fracos ou muito duros dão egualmente resultados mediocres. N'uma palavra, é necessario um cliché correctamente exposto e correctamente revelado; taes são emfim todos os que dão bons resultados com os processos ordinarios. E' pois um erro vêr só n'este requesito uma difficuldade enorme a menos de levar á ordem dos impossiveis poder obter um cliché vigoroso, sem dureza, detalhado e isento de veu.

Ha duas maneiras diferentes de obter as provas de platina: uma consiste em transformar em prova de platina por um banho apropriado a prova tratada pelos saes de prata; a outra, em tirar as provas sobre papel sensibilizado pelos saes de platina. Esta ultima forma de que nos occupamos é propriamente a chamada *platinotypia*.

O processo da platina depende ao mesmo tempo do processo por impressão directa e do processo por revelação, possui as qualidades d'estes dois systemas de impressão sem contudo apresentar os inconvenientes.

O papel platina encontra-se no mercado fechado em caixas ou tubos de folha de Flandres; em cada tubo existe uma pequena quantidade de chloreto de calcium destinado a absorver a humidade do ar ambiente, porque, mais que qualquer outro papel, o de platina perde as suas qualidades se se resentir da menor particula de humidade: a conservação do papel em sitio secco é uma das principaes condições necessarias ao bom resultado final. As manipulações podem ser feitas á luz do dia comtanto que seja diffusa, mas de preferencia em meia obscuridade.

A impressão do papel platina, exposto atravez um negativo em pleno sol, só começa a manifestar-se ao fim de 45 segundos approximadamente, podendo examinar-se a prova de vez em quando. E' necessario, antes de retirar a prova da prensa examinar a fundo se ella está detalhada como se deseja e se apresenta uma côr azulada.

O fabricante entrega ordinariamente um revelador preparado para o seu papel, mas mais economico é cada um preparal-o.

A formula que melhores resultados dá, é a seguinte:

Agua quente..... 1500^{cc}
Oxalato de potassa..... 500 gr.

tomando-se uma parte de A e duas de agua.

A revelação faz-se rapidamente em 30 segundos pouco mais ou menos.

Se a imagem apparece muito carregada, é porque houve excesso de exposição, se apparece palida é que a insolação foi insufficiente. E' muito difficil avaliar á primeira vista quando a imagem está impressa convenientemente, e aconselhamos aos principiantes que façam em primeiro logar as suas experiencias em tiras de papel, de qual deve ser o tempo de exposição.

A prova depois de revelada é fixada n'um banho acidulado com acido chlorydrico a $\frac{1}{5}$ onde ella permanecerá durante 4 ou 5 minutos e passada em seguida e successivamente durante 10 a 15 minutos em dois outros banhos acidos compostos como o primeiro. A operação completa-se com uma lavagem durante $\frac{1}{2}$ hora em agua corrente; á falta de agua corrente lavar-se-ha como os outros papeis.

Se a pureza dos brancos deixa um tanto a desejar é que a prova não ficou o tempo conveniente no primeiro banho acido.

A temperatura do banho influe tambem em muito no resultado, e conforme o tom que se deseja obter assim a sua temperatura variará entre 14° e 37° centigrados. Uma temperatura elevada dá tons escuros, uma temperatura baixa dá tons cinzentos: em todo o caso só a experiencia e o gosto particular de cada um servirão de guia.

Não se pôde recommendar esta ou aquella marca, todas são boas, no entanto dever-se-ha preferir os papeis com a superficie lisa pois que são estes os que convem a todos os generos de trabalho.

O papel platina pode egualmente dar tons sépia, castanhos, amarellos ou vermelhos: estas côres obteem-se pela adição de diversos productos chimicos no revelador.

Algumas palavras sobre a revelação a pincel, methodo este que permite ao operador o interpretar o seu assumpto como lhe convenha e de dar á sua obra um cachet original revelando mais ou menos algumas partes das provas; esta operação para dar bons resultados depende de uma certa habilidade e muita pratica. Todo o material necessario consiste em tres ou quatro pinceis de dimensões diversas, tres *godets*, algumas folhas de matta-borrão branco e uma chapa de vidro de dimensão superior á da prova; emfim exige muita paciencia e um conhecimento perfeito do que se deseja fazer, isto é, saber exactamente o effeito que se quer tirar com o emprego do pincel.

O revelador a empregar é o mesmo indicado mais acima, juntando-se-lhe glicerina, e assim teremos a preparação do revelador a distribuir pelos tres *godets*:

Godet n.º 1: 2 partes de A, 1 de glicerina e 1 de agua.

Godet n.º 2: 1 parte de A, 1 de glicerina e 3 de agua.

Godet n.º 3 glicerina pura.

Collocar estes tres *godets* bem ao alcance

da mão, principalmente o que contem a glicerinã pura. Os pinceis deverão ter as dimensões que melhor convenha ao operador.

A impressão da prova faz-se como de ordinario ou talvez um pouco mais carregada. Para se proceder á revelação colloca-se a prova sobre a chapa de vidro estendendo-se sobre toda a sua superficie uma camada de glicerina, deixa-se impregnar e escorre-se depois com um matta borrão; applica-se então o revelador, solução forte ou fraca segundo a escolha e a habilidade do operador, e segundo o caso; a glicerina determinará o ponto de paragem da acção do revelador em todas as partes onde se applique no decurso da operação. Logô que a prova esteja revelada e fixada, lava-se como de costume.

Algumas recommendações:

Cada pincel não deverá ser utilizado senão para cada uma das soluções, nunca se deve empregar para a solução do *godet* n.º 2 o pincel n.º 1 e vice versa; é conveniente tambem numerar cada *godet* e o pincel correspondente; nunca se deve empregar duas vezes a mesma folha de matta-borrão, esta precaução explica-se por si propria; emfim limpar cuidadosamente os differentes utensilios depois de cada operação.

Para terminar, diremos aos que acham que o papel platina custa caro, que esta observação é justa, mas a differença dos resultados é tanta que se não deve lastimar a despeza.

(Camera and Dark Room).

PACIENCIAS

Sympathia

(Dois jogos de Piquet, não enaiçados)

PARA DUAS PESSOAS

Esta paciencia cujo principio é igual á do *Desejo*, joga-se com duas pessoas.

Cada um dos jogadores tem na mão um jogo de Piquet e depois de o ter baralhado e cortado, distribue-o em 8 montes cobertos de 4 cartas.

Cada jogador volta então as suas 8 cartas superiores e retira as que forem eguaes ás do

seu parceiro conservando-as na mão. Logo que todas as cartas eguaes forem retiradas, um dos jogadores volta as cartas superiores dos seus montes que estão cobertos e novamente retira as cartas eguaes ás do seu parceiro. Segue-se depois a vez do outro jogador de descobrir os seus montes cobertos e cada um tira então as cartas eguaes continuando-se assim alternadamente até final do jogo.

A paciencia considera-se feita quando os dois jogadores tiram todas as cartas dos seus montes e está perdida quando nos dois jogos não se apresentem cartas eguaes.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 37 — 36 metros, 24 metros.

N.º 38 — 81; 27.

N.º 39 — *Xadrez*:

BRANCOS

1 — B 4 T Ra.

2 — B 2 B Ra.

3 — P 4 Ra Xeque e mate

PRETOS

1 — P 6 Ra

2 — P come B

Num. 40.

Sendo a acceleração da gravidade no equador de 9.781 e a distancia da lua á terra de 96.000 leguas de 4 kilometros, que tempo levaria um objecto a cahir da lua sobre um ponto do equador, suppondo nulla a attracção do nosso satellite sobre o movel?

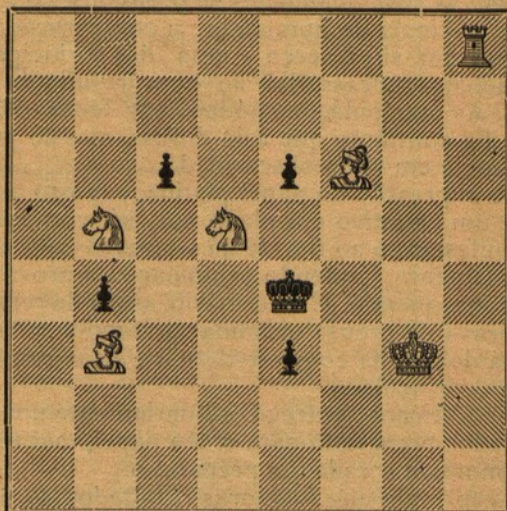
Num. 41.

O producto de dois numeros é igual a 153, e um d'elles excede 13 de tantas unidades quantos 13 excede o menor dos dois numeros; determinar quaes estes sejam.

Num. 42.

XADREZ

PRETOS (5 peças)



BRANCOS (6 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances

